



NO QATAR

Copa do Mundo começa hoje com Brasil de olho no hexacampeonato

Cerimônia de abertura ocorre ao meio-dia, e paraibanos investem na torcida pela Seleção. **Páginas 7 e 21**

Ilustração: Tônio

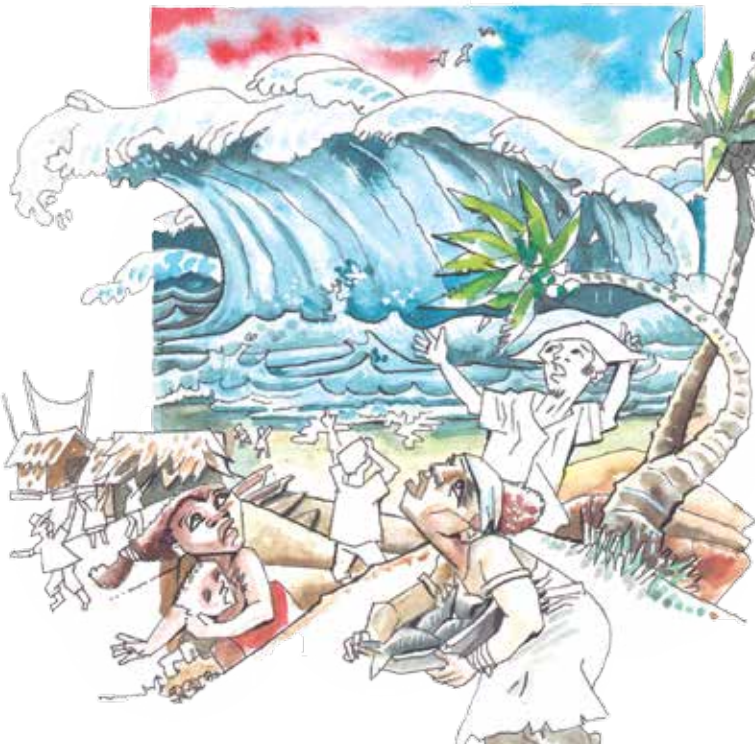


“Ajuste fiscal, por si só, não traz crescimento”

Presidente do Conselho Federal de Economia, Antônio Lacerda fala sobre os desafios do novo governo.

Página 4

Ilustração: Tônio



Tsunami atingiu a Paraíba há 267 anos

Estudo comprova que a região onde hoje fica a cidade de Lucena foi atingida pelo mar em 1755.

Página 25

Consciência Negra: data abre espaço para o debate

Pesquisador avalia a importância do dia 20 de novembro para o combate ao racismo no Brasil.

Página 3

Menos de 9% das pessoas negras lideram negócios formais

De acordo com o Sebrae-PB, maioria dos empreendedores se define como pardos ou brancos.

Página 17

Novembro Roxo e os desafios da prematuridade

Famílias narram a angústia e as incertezas que surgem após um parto prematuro.

Página 5

■ “A partir da Alta Idade Média, aproximadamente no século 6, o Cristianismo massificava as técnicas de composições por toda Europa, a fim de tornar a música numa ‘arte divina’”.

Klebber Maux Dias

Página 10

■ “A Copa do Mundo do Qatar é a edição mais cara da história. O evento custará (...) 15 vezes mais que a sediada na Rússia, em 2018. Os efeitos financeiros afetarão todos os países, incluindo o Brasil”.

João Bosco Ferraz de Oliveira

Página 17



“Esperança é uma palavra que ganhou forma maior”

Assis Ângelo analisa as perspectivas artísticas, sociais e políticas do país após eleição de Lula.

Página 9

Foto: André Cananéia/Ácervo pessoal



Pensar

Médico, economista, religioso, e historiadores refletem sobre as várias aplicações do termo ‘idiossincrasia’ na sociedade contemporânea.

Páginas 29 a 32

Editorial

O símbolo Zumbi

Enquanto homens e mulheres forem vítimas de algum tipo de preconceito em virtude da cor preta de sua pele, e em tom maior, quando associado aos mais pobres, todos os dias são dias de consciência negra, embora, no Brasil, a data ganhe maior consistência e projeção no dia 20 de novembro. Nesta data, celebra-se a memória de Zumbi, o líder do Quilombo dos Palmares, extraordinário vulto da resistência à escravidão.

O Brasil democrático assiste escandalizado aos casos cotidianos de racismo, com pessoas sendo agredidas verbal e fisicamente apenas por serem negras. Episódios lamentáveis são registrados em condomínios, escolas, supermercados, delegacias, enfim, em espaços públicos e particulares, tendo em vista que o preconceito não habita residências nem caminha pelas ruas, adoece as cabeças enxertadas de valores equivocados.

O que muitas pessoas devem sentir é uma espécie de saudade disfarçada da escravidão, época de assombros criminosos, quando semelhantes eram capturados na África e trazidos para o Brasil, não só para servir de graça aos seus proprietários, mas para dar vazão também a instintos bestiais – quem não sabe das crianças mulheres que eram criadas junto das sinhás apenas para serem judiadas com xingamentos e beliscões?

Estão lá, nas melhores páginas da literatura brasileira, as memórias terríveis, transfiguradas para a ficção, da escravidão. Como, por exemplo, em Menino de Engenho, o extraordinário romance de José Lins do Rego: “As pobres negras e os moleques sofriam dessa criatura (Tia Sinhazinha) uma servidão dura e cruel. Ela criava sempre uma negrinha, que dormia aos pés de sua cama, para judiar, para satisfazer os seus prazeres brutais”.

Outra cena chocante, a protagonizada pelo escravo alforriado Prudêncio, flagrado pelo ex-patrão, no romance Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, vergalhando um preto que lhe é cativo. “- Está bom, perdoa-lhe –”, diz, aliás, ordena Brás Cubas à sua antiga propriedade. “- Pois, não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!”. Retrato da submissão no sistema cruel da época.

A prática e a apologia do racismo devem ser veementemente condenadas pela sociedade brasileira, e punidas, severamente, com a aplicação da legislação pertinente. Discriminar cidadãos e cidadãs por conta da cor da pele é um absurdo por tudo contrário ao pacto civilizatório que dá sentido humanitário às relações sociais. O preconceito racial deve ser combatido até a última mente racista ser dissolvida na consciência igualitária coletiva.

Artigo

Luiz Carlos Sousa
luizcarlosjp@gmail.com

Diferenças no mesmo ninho

Um dilema espera o novo governo de Lula: como fazer uma opção pelo social, para diminuir as diferenças que separam negros, índios, pobres e os que não têm o que comer do Brasil mais rico, que exporta alimentos para o resto do mundo?

Todos sabem que há mais de um Brasil, dentro desses 8,5 milhões de Km² de território, dono das maiores reservas de água doce do planeta e de uma diversidade que todos querem preservar.

E ainda há o Brasil desenvolvido tecnologicamente, capaz de elaborar um sistema de apuração de eleições, que, em poucas horas, após o término da votação, é capaz de oferecer o resultado de forma eficiente e eficaz, com segurança e sendo fiel a vontade do eleitor.

Temos também o Brasil de universidades entre as melhores do mundo, cientistas trabalhando nos laboratórios mais importantes do Planeta e gente criativa. Até agora, palavras que são um retrato óbvio dessa terra que “em se plantando tudo dá”.

Mas como disse Neca Setubal, uma das herdeiras do Banco Itaú, que faz parte da equipe de transição do governo indicada por Lula ao explicar sua tristeza profunda ao comentar declarações de voto em Bolsonaro entre a elite: “É uma incapacidade de perceber o que para mim é muito óbvio, que todos ganham com uma sociedade com menos desigualdade. Mas tem pessoas que não querem ser iguais, elas querem manter as diferenças”.

Quem quiser conferir o teor completo declaração basta visitar o seguinte endereço eletrônico: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/11/17/bolsonaristas-itaui.htm>.

Ela diz que não é petista de carteirinha, mas resolveu declarar voto a Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no segundo turno das eleições. Para ela, “o governo do presidente Jair Bolsonaro (PL) é responsável por um “desastre” no ensino público do país”.

Foi o bastante para Maria Alice Setubal, presidente do conselho consultivo da Fundação Tide Setubal sofrer uma série de agressões pelas redes sociais, como se a ela não fosse reconhecido o direito de opinar.

Mais interessante ainda, nessa polêmica é que três nomes consagrados da economia brasileira, Armínio Fraga, ex-presidente do Banco Central, Pedro Malan, ex-ministro da Fazenda e Edmar Bacha, os três pais do plano Real publicaram uma carta a Lula com as preocupações deles em relação as articulações para tirar os recursos direcionados para o Bolsa Família do teto de gastos, que obriga ao governo só gastar mais no orçamento seguinte apenas a inflação do ano anterior.

O trio faz um arrazoado técnico que não deixa margem a dúvidas para o leitor, que é

Foto

Legenda

Marcos Russo



Símbolo da seca

Artigo

Senhorinha Diniz - a luta pela emancipação feminina

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A professora, escritora e jornalista Francisca Senhorinha da Motta Diniz nasceu no final do século 19, na cidade de São João Del Rey, estado de Minas Gerais, onde conseguiu formação para o magistério. Durante quinze anos concentrou suas atividades na administração de uma escola primária. Iniciou sua carreira jornalística escrevendo sobre moda para o semanário “Estação”. Casou-se com o advogado José Joaquim da Silva Diniz, com quem teve duas filhas; Elisa e Albertina Diniz. Seu marido também exercia a função de tipógrafo e jornalista, sendo proprietário do jornal “O Mornarchista”.

Em 1873 decidiu fundar seu próprio jornal, intitulado “O Sexo Feminino”, que se definia como um “semanário dedicado aos interesses da mulher”. Após a proclamação da República, o periódico passou a se chamar “O Quinze de Novembro do Sexo Feminino”, em homenagem ao novo sistema político do Brasil e apresentando uma nova concepção da cidadania feminina no regime republicano, atingindo a tiragem de 800 cópias, todas por assinatura. Até os monarcas Pedro II e Princesa Isabel recebiam exemplares do jornal.

Assumiu, portanto, posição de vanguarda na implantação de projetos de emancipação feminista na imprensa brasileira, defendendo bandeiras como: a melhoria da educação da mulher; a inserção da mulher no mercado de trabalho; a produção intelectual feminina; a relação entre os sexos e o sufrágio feminino. Assim ela afirmava o seu pensamento a respeito da atuação das mulheres no trato das questões dos seus direitos: “Desejamos que os senhores do sexo forte saibam que, se nos podem mandar, em suas leis, subir ao cadafalso, mesmo pelas ideias políticas que tivermos, também nos devem a justiça de igualdade de direitos, tocante ao direito de votar e o de serem votadas”.

Mesmo contra os padrões do seu tempo, era uma mulher consciente de suas necessidades e ambições e sendo ela, jornalista e editora de seu jornal, abordava assuntos como humanismo cívico, liberalismo e o positivismo, para adesão à causa da racional emancipação feminina. As ideias políticas e sociais de Senhorinha Diniz, estimularam a formação de uma identidade feminina consciente de que poderia contribuir nas tomadas de decisões para o futuro do país. Convidava suas leitoras a resistir às imposições da época e a construir uma nova concepção de sociedade.

Dava importância extrema à educação básica da mulher, tanto para benefício próprio quanto para a melhoria do mundo. Abriu no centro da capital do Rio de Janeiro um colégio dedicado a ensinar meninas da classe média, que com a ajuda de suas filhas conseguia administrar conciliando com a escrita. Questionadora, dizia “É tempo de olharmos atentamente para nossa situação. Que papel representa a mulher na sociedade? Quando filha, quando mãe, esposa e viúva, sempre, sempre manietada, oprimida e dominada desde o primeiro até o último homem.”

A judia Rachel, seu único romance, fornece subsídios para examinar a literatura de autoria feminina e temas que buscavam o direito à igualdade de papéis. Foi publicado no Rio de Janeiro, em 1886. O livro foi escrito em colaboração com sua filha, Albertina Diniz. Até o momento, não conta com reedições. A autora faleceu em 1910, no Rio de Janeiro.

“
Dava importância extrema à educação básica da mulher, tanto para benefício próprio quanto para a melhoria do mundo

Rui Leitão

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

PRECONCEITO VELADO

Ativistas criticam negação de racismo pela sociedade

Hoje é comemorado o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra

Beatriz de Alcântara
alcantarabtriz@gmail.com

Em uma alusão à morte de Zumbi dos Palmares, líder do Quilombo dos Palmares e símbolo de resistência e luta contra o regime escravocrata, o dia 20 de novembro é considerado como o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. A data foi oficializada a partir da Lei de nº 12.519, de 10 de novembro de 2011, e desde então o calendário nacional foi contemplado com as atividades do chamado Novembro Negro.

Estima-se que a Paraíba possui mais de 340 mil pessoas que se autodeclararam pretas, o número representa pouco mais de 8% da população total do estado. Em 2022, o Centro de Referência da Igualdade Racial João Balula, do Governo do Estado, atendeu 1.031 casos de pessoas que sofreram racismo, intolerância religiosa ou xenofobia. Desse número, 1.004 foram vítimas de racismo. Em João Pessoa, capital paraibana, a Polícia Civil registrou 72 denúncias de racismo e/ou injúria racial entre os meses de janeiro a outubro.

Os números que, a depender da perspectiva de quem olha, podem ser considerados altos ou baixos, representam, de qualquer forma, uma sociedade que ainda não aprendeu a lidar com o diferente, que não aprendeu a reconhecer e respeitar a existência de pessoas pretas. Com cerca de 400 anos de escravidão nas costas da História do Brasil, enquanto o país não reconhecer os seus traços e resíduos racistas, a luta do movimento negro continuará sendo árdua, pois o “racismo à brasileira” é considerado parte da estrutura.

Para o professor e pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afrobrasileiros e Indígenas (Neabi) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Danilo Santos, uma

data como o 20 de novembro é importante para fazer com que a sociedade brasileira se lembre de que ela ainda precisa avançar muito. “Esse avanço passa pelo reconhecimento da história da população negra e pela importância da população negra na sociedade brasileira. Se não houver esse reconhecimento, dificilmente o Brasil vai conseguir avançar. É uma data que reivindica esse lugar de fato e de direito”, disse.

O espaço que o Dia da Consciência Negra abre para o debate possibilita que assuntos como a importância da população negra, o problema do racismo, o genocídio da população negra, as condições de trabalho para mulheres pretas, entre outros aspectos, sejam considerados nas conversas. “Tudo isso faz parte dessa rede de reivindicação de consciência negra, que é uma pauta que não deve ser lembrada só no mês de novembro. São temas fundamentais para serem debatidos no decorrer de todo ano, de todo o tempo, de todo momento na sociedade brasileira”, enfatizou Danilo.

O dia 20 de novembro é uma data-símbolo, mas as discussões acerca da vivência da população negra na sociedade são urgentes. “Tem que ser discutido diariamente. Na escola, na família, no grupo de amigos, em um partido político, na universidade, em todos os lugares. Não é só para ser discutido em novembro”, completou o pesquisador e ativista do movimento negro paraibano.

De acordo com Roberto Jurema, pedagogo pela UFPB, um dos principais desafios do movimento negro, atualmente, é estender esse debate racial para os demais meses do ano, pois em geral são resumidos ao mês de novembro. “Não defendemos que a discussão sobre a igualdade racial ocupe lugar nas agendas apenas no mês de novembro por ocasião do Dia da Consciência Ne-

gra, esse debate precisa acontecer durante todo o ano, porque reduzir as desigualdades raciais é uma responsabilidade de toda a população, e falar do assunto apenas no mês de novembro não vai mudar muita coisa no quadro desigual que vemos e vivemos”, afirmou ele.

Racismo institucional
É somente a partir da informação e do conhecimento que a sociedade poderá adquirir consciência para entender que o racismo não é apenas aquele caso de torcedores jogando banana para jogadores em campo. Ou de pessoas brancas xingando propositalmente pessoas negras de forma humilhante e degradante em razão da cor da pele ou de algum traço característico da raça. O racismo velado, estrutural e institucional também está em pequenos detalhes que, por vezes, passam despercebidos – exceto aos olhos de quem sente e vive.

Conforme pontuou Roberto, o racismo nem sempre ocorre como a maioria pensa – por exemplo, quando a pessoa for impedida de acessar espaços ou trabalhos por conta da sua cor de pele, da sua religião, pelo cabelo crespo ou por outra característica negra e étnica racial que a pessoa carrega no seu corpo. “O racismo também acontece de forma indireta, ou seja, revestido de uma negação, isto porque a sociedade é racista e nega que o comete”, destacou o pedagogo.

Ainda em relação à forma de lidar com o racismo, Danilo Santos tem uma perspectiva que tem sido adotada com cada vez mais frequência por ativistas do movimento negro, que é não citar exemplos de casos que tenha sofrido.

“Quando a gente fala de racismo, a gente fala disso diariamente na nossa sociedade e acontece no cotidiano, nas coisas mais simples e nas mais complexas, mas as pessoas fecham os olhos para esse tipo



Foto: Arquivo pessoal

O 20 de novembro lembra que a sociedade precisa avançar muito e reconhecer a importância da população negra

Danilo Santos

de coisas. O racismo é estrutural e faz com que a população negra fique em dúvida sobre quem é, ao mesmo tempo em que ele reserva um lugar de subalternidade”, justificou o professor.

A fala de Danilo pode ser lembrada, também, através de um discurso do cantor e rapper Emicida em sua canção intitulada de “AmarElo”, com participações de Majur e Pablo Vittar e trechos de “Sujeito de Sorte”, de Belchior.

O trecho diz exatamente isso: “Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência é roubar um pouco de bom que vivi. Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes. Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes, é dar o troféu pro nosso algoz e fazer ‘nóiz’ sumir”.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

“NÃO HÁ INTERESSE DE COMPOR O GOVERNO”, DIZ HUGO SOBRE SER INDICADO PARA PASTA NO LULA III

Hugo Motta (foto), presidente do Republicanos na Paraíba, não coloca o partido como oposição a Lula (PT). Usa a palavra “independência” para descrever qual será a postura da legenda no Congresso em relação ao novo governo. “O que for bom [para o Brasil], nós votaremos a favor”, explicou, ressaltando que a legenda apoiará, por exemplo, a chamada ‘PEC

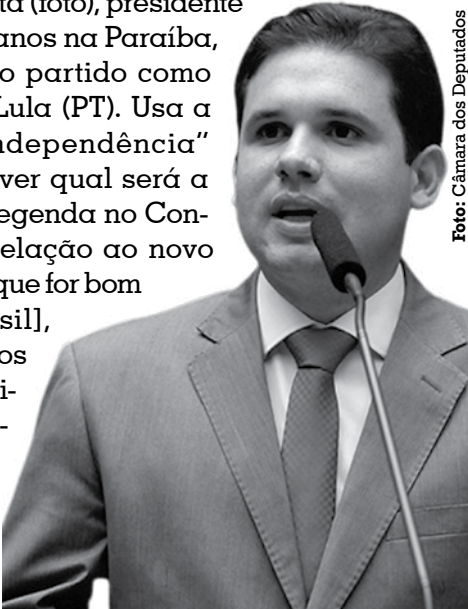


Foto: Câmara dos Deputados

da Transição’. Deputado federal mais votado na Paraíba – obteve mais de 158 mil votos – Hugo Motta vinha sendo citado por seus correlegionários paraibanos, especialmente Adriano Galdino e Raniery Paulino – como um possível nome a ser indicado pela Executiva nacional para comandar um ministério do Governo Lula. Inclusive, Galdino afirma que o presidente nacional do partido, Marcos Pereira, lhe teria dito que Motta seria o escolhido, independentemente se o vencedor da eleição fosse Bolsonaro ou Lula. O parlamentar, porém, afirma que essa participação do Republicanos no governo é apenas especulação. “Se dá apenas no campo da suposição. Não há interesse de compor o governo”, assegurou, destacando que o presidente nacional “já anunciou que a postura do partido será de independência”.

APOIO NOS DOIS BIÊNIOS

Hervázio Bezerra afirma que já escolheu os candidatos que apoiará para a Presidência da ALPB, em cada biênio: Tião Gomes (PSB) no primeiro e Adriano Galdino, no segundo. Sobre este último, fez elogios: “É meu amigo, fez um grande trabalho, deu governabilidade [a João], em nenhum momento procrastinou a votação de matérias”.

“CADÊ AS ASSINATURAS?”

“Isso é ficção. Nenhum dos candidatos pode dizer que tem cinco, seis, 10 votos. Cadê a lista com as assinaturas? Não tem lista. O processo está apenas se iniciando”. De Hervázio Bezerra (PSB), referindo-se à eleição para a Presidência da ALPB, que já tem, efetivamente, cinco nomes da base na disputa.

“TENHO DEFENDIDO ISSO”

Apoiador da candidatura de Tião Gomes (PSB) para a Presidência da ALPB, o deputado Júnior Araújo (PSB) afirma que o governador João Azevêdo deve participar do processo. “Tenho defendido isso, não que ele venha interferir, até porque é uma discussão interna da Assembleia, mas participar [pelo diálogo] dentro da sua base eleitoral”.

MUITO BEM COLOCADO

Pertinente a fala do presidente estadual do PT, Jakson Macedo, quando provocado a opinar sobre as manifestações de bolsonaristas que não aceitam a vitória de Lula: “Ir para a frente de quartéis numa democracia e pedir ditadura é fácil. Queria ver eles em 64, na ditadura, se iriam para a frente dos quartéis pedir democracia”.

RESPEITO ÀS REGRAS DO JOGO

Jakson Macedo lembrou que Lula perdeu várias eleições presidenciais e nem por isso os apoiadores da esquerda foram às ruas contestar o resultado. “O PT defende a democracia, a Constituição e as regras do jogo. Quando perdíamos, a gente ia para casa, chorar e se lamentar”.

SAÚDE DE SP: PARAIBANO NA DISPUTA PELA INDICAÇÃO

Quem deve ganhar a queda de braço entre Gilberto Kassab, presidente do PSD, e Valdemar Costa Neto, presidente do PL? É que os dois disputam a indicação para a Secretaria de Saúde de São Paulo, na gestão de Tarcísio de Freitas (Republicanos). O primeiro quer emplacar o ex-deputado Eleuses Paiva no cargo. O segundo quer indicar o atual ministro da Saúde, o paraibano Marcelo Queiroga.

Ações afirmativas no combate ao preconceito

Foto: Marco Pimentel



Para gerar uma cultura que seja antirracista, deve haver em cada cidade pelo menos um núcleo de enfrentamento

Lídia Moura

O combate ao racismo começa pela informação, mas o enfrentamento precisa contar com ações afirmativas, tanto do poder público como da iniciativa privada, bem como de todos os setores da sociedade civil que possam contribuir com a redução dos preconceitos e a promoção da igualdade racial. Na Paraíba, existem alguns instrumentos que atuam no combate à desigualdade de raça.

Dentre os exemplos de iniciativas paraibanas de combate ao racismo, é possível citar a criação do Plano Estadual de Promoção da Igualdade Racial, o Centro de Referência da Igualdade Racial João Balula e a delegacia especializada de combate aos crimes de racismo e intolerância religiosa. Contudo, apesar do reconhecimento de que esses equipamentos são importantes e necessários, Roberto Jurema acredita que é preciso intensificar e avançar as ações, principalmente no interior do esta-

do, a fim de reduzir a pobreza e elevar o nível de escolaridade e da saúde da população negra, cigana, quilombola e indígena.

A secretária da Mulher e da Diversidade Humana da Paraíba, Lídia Moura, ressaltou outras iniciativas deste ano, como o projeto Saúde Integral Étnico-Racial, que busca trabalhar com a saúde mental, principalmente nas comunidades quilombolas, pois “nós sabemos que o racismo gera todo um adoecimento”. Esse ano também aconteceu o cinedebate nos quilombos para levar a temática do enfrentamento ao racismo na forma de arte “e dialogar com essa comunidade em uma avaliação do que é essa obra, de como a gente avalia tudo isso”, completou ela.

Lídia Moura também aponta que a secretaria tem buscado fortalecer a rede de atenção e enfrentamento ao racismo. O objetivo é “criar em cada município da Paraí-

ba, seja um organismo, seja fomentar também na sociedade civil a criação de organismos que façam este enfrentamento. Para gerar essa cultura antirracista, nós temos que movimentar para que em cada município haja, pelo menos, um núcleo de enfrentamento, do debate, do conhecimento do processo histórico, do conhecimento dos direitos desta população, para que ela própria venha a criar instrumentos que sejam sustentáveis nessa política”, ressaltou a secretária.

A ideia é fazer com que a sociedade se proponha cada vez mais a dialogar com as diferenças, a reconhecer a história e todo o passado do Brasil, a fim de evitar que os erros coloniais sigam sendo perpetuados. Que a partir dessa mudança de perspectiva que está em curso, ainda que seja a passos de formiguinhas, todo mundo possa desfrutar em breve de um país cada vez mais igualitário e respeitoso.



Antônio Corrêa de Lacerda

Presidente do Conselho Federal de Economia

“Estado precisa retomar poder de intervir na economia”

Para o economista, governo atual pecou ao se fixar na visão de que ajuste fiscal proporcionaria crescimento econômico

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

O presidente do Conselho Federal de Economia (Cofecon), Antônio Corrêa de Lacerda, disse em entrevista exclusiva ao **Jornal A União** que o ajuste fiscal é, claro, importante, mas, por si só, não traz crescimento econômico. “Isso, aliás, é uma das falácias que foram assumidas pelo Brasil desde 2016: a visão de que você cuida da área fiscal - e sequer isso foi feito - e automaticamente a economia recupera a atividade. Não é assim que funciona. O Estado tem que intervir, fomentar o desenvolvimento econômico para que o setor privado também invista”, defendeu. Lacerda esteve em João Pessoa, recentemente, participando da 27ª edição do Simpósio Nacional dos Conselhos de Economia (Since). O evento reuniu presidentes de todos os Corecons que discutem o tema “O papel do Sistema Cofecon/Corecons na superação da crise e retomada do desenvolvimento”. Nessa entrevista, o doutor pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professor doutor da Faculdade de Economia, Administração, Ciências Contábeis e Atuariais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) faz uma análise sobre o atual cenário econômico no Brasil e discorre sobre o que deve mudar nos rumos da economia a partir do próximo ano. Para ele, apesar dos muitos desafios como a fome, a miséria e o desemprego, há boas perspectivas para o país. O presidente do Cofecon acredita que o Brasil deve retomar o caminho do desenvolvimento, mas afirma que não há saída fácil.

Entrevista

■ *O Brasil elegeu um novo presidente. O que pode mudar nos rumos econômicos do país a partir do próximo ano?*
Eu vejo que haverá uma grande mudança. Houve um retrocesso, no governo Bolsonaro, que levou a uma estagnação da economia, a um aumento do desemprego, da miséria, com pessoas em condição de fome e situação de rua. É preciso retomar as bases do desenvolvimento econômico, o que pode mudar a expectativa da nação pela reconstrução após a destruição que houve no ambiente da economia e das instituições. Então, a reconstrução do país certamente será uma tarefa grande do novo governo para fazer frente a esses desafios, superar o desemprego, a miséria e a fome.

■ *Alguns países já estão sinalizando a tomada de negociações econômicas com o Brasil. O senhor acredita em boas perspectivas?*
Sim. O Brasil se isolou do mundo pela postura do governo atual e também a sua prática em relação ao meio ambiente, o seu não compromisso com esse tema. Há uma perspectiva muito grande com o governo Lula. Vários países estão se manifestando. Ele já tem sido convidado para vários eventos importantes internacionais e isso tende a repercutir muito favoravelmente ao Brasil, tanto na entrada de recursos, de fundos - por exemplo, a Noruega já citou que vai disponibilizar recursos - como de investimentos privados que devem influir fortemente para o Brasil. Isso contribuirá para a retomada dos investimentos no país também para o comércio internacional porque, evidentemente, todo esse tipo de relacionamento acaba influenciando positivamente na geração de negócios.

■ *Apesar do apoio de outros países, o Brasil tem muitos desafios para enfrentar no setor econômico...*
Eles são concomitantes. Uma coisa leva à outra. Há um desajuste fiscal enorme, porque o governo atual usou de todos os meios para tentar influenciar a eleição e, assim, rompeu todo o critério que deveria ter no uso de recursos públicos, que foram utilizados de uma maneira oportunista, e isso trará reflexos negativos para o país. É preciso reconstruir toda base fiscal, a capacidade de investimento e de governança do

Medidas

Lacerda entende que é preciso recuperar com urgência a capacidade de investimento do governo e reformar o ministério

próprio governo. Por exemplo, na área econômica, houve uma junção de ministérios que não faz o menor sentido. O chamado Ministério da Economia é, na prática, um mero Ministério das Finanças que não tem capilaridade, não tem interlocução com os agentes econômicos. Então, é preciso reconstruir toda essa base com os bancos públicos, as empresas estatais.

■ *Por onde o senhor acredita que o novo governo deveria começar sua política econômica?*
O primeiro passo é a transição, que está sendo coordenada pelo vice-presidente Geraldo Alckmin e mais uma equipe de dezenas de pessoas que vão tomar pé da real situação do país, já que muitos dados, como sabemos, estão sob sigilo e precisam ser abertos para um diagnóstico completo da situação. A partir daí, reconstruir a política econômica. Não há saída fácil. É preciso reconstruir essas bases e conduzir a política econômica para o crescimento do país.

■ *Ainda falando sobre política econômica, o que o novo governo deveria evitar?*
Deve evitar ficar preso a velhos paradigmas que se mostraram totalmente ineficientes. Por exemplo, a visão presente no governo atual de que o setor privado se encarrega de tudo e que o estado não precisa investir ou conduzir a política econômica. É preciso aproveitar as boas práticas internacionais, as melhores práticas para reconstruir o arcabouço da política econômica onde o estado e o setor privado, os trabalhadores, os empresários têm papéis muito claros.

■ *Como será essa retomada da economia?*
A retomada da economia precisa ter um objetivo. O ajuste fiscal é importante, mas ele, por si só, não traz o crescimento. Isso, aliás, é uma das falácias que foram assumidas pelo Brasil desde 2016, a visão de que você cuida da área fiscal - e sequer isso foi feito -, e automaticamente a economia recupera a atividade. Não é assim que funciona. O Estado tem que intervir, fomentar o desenvolvimento econômico para que o setor privado também invista.

■ *O senhor acredita que o Brasil dos sonhos, aquele que permitirá às pessoas ter poder de compra, seja do básico para o dia a dia, um imóvel, um veículo, voltará a existir?*
Sim, porque, na verdade, na medida em que se cria um círculo virtuoso da economia, isso, como o próprio Lula diz, faz a roda girar, criar as condições para a economia voltar a operar e, com isso, gerar renda, gerar emprego e, por outro lado, gerar receita para o próprio estado para que ele possa conduzir os seus programas sociais e fazer os ajustes que são necessários na área tributária, na área financeira, para que a economia possa rodar e, com isso, criar oportunidades.

■ *Pode-se arriscar um prazo para isso acontecer? Ou é muito cedo?*
A economia tem uma coisa que chamamos de influência direta do efeito das políticas econômicas e indireta das expectativas. Quando mudamos a expectativa e o consumidor, o trabalhador, o empresário passa a ter uma sinalização mais positiva, isso contribui para que as coisas evoluam, apesar das enormes dificuldades. Então, devemos começar a ver resultados práticos muito cedo.

■ *A pandemia afetou bastante todos os cenários, mas o econômico de forma bem acentuada. É possível que haja uma alta nos impostos para compensar essas perdas?*
O que ocorreu foi uma péssima gestão da pandemia pelo governo Bolsonaro, tanto é que o Brasil, que tem 3% da população mundial, tem 11% das vítimas totais, ou seja, o número proporcional de pessoas que foram a óbito no Brasil é muito maior do que o tamanho da nossa população proporcional, o que demonstra que o Governo Federal enfrentou muito mal a pandemia. Isso trouxe consequências que estão sendo cobradas até hoje. Existe, sim, um passivo que foi formado não só pela pandemia, mas por uso de recursos públicos via orçamento secreto, via emendas do relator, via esse conluio entre o Executivo e o Legislativo e que criou um rombo fiscal, cujo tamanho nem sabemos ainda, vamos saber agora na transição. É preciso recompor a capacidade de arrecadação do estado, em médio prazo, com uma reforma tributária e, em curto prazo, com a melhora da arrecadação com atividade econômica que, sendo retomada, gera mais oportunidades.

■ *É possível fazer uma projeção sobre reajuste do salário mínimo? Deve ficar acima da inflação?*
Existe um compromisso do novo governo eleito de retomar a valorização do salário mínimo até como uma política não só social, mas econômica também. Na medida em que se dá mais poder de compra para as pessoas, elas, portanto, colaboram mais para o aumento da demanda. E também isso faz com que a produção se recupere. O salário mínimo, a gente sabe que, no Brasil, ainda é uma referência muito importante. Muito provavelmente, a política de valorização do salário mínimo será retomada.

■ *Caso seja feita uma reforma tributária, o que essa medida poderá trazer de positivo ao cenário econômico do Brasil?*
Primeiro, para o consumidor, é mais renda disponível, porque o Brasil tem uma estrutura de impostos indireta que sacrifica muito o mais pobre. Todo produto que se compra tem uma parcela enorme de impostos. Segundo, porque no imposto direto, que é imposto de renda, quem paga mais é a classe média. Nós precisamos tributar os super ricos para desonerar a classe média. E o benefício disso para a população vai ser mais renda disponível para poder comprar.

■ *Sobre recursos públicos e como serão investidos, é preciso que haja uma fiscalização mais dura? Quem ficaria à frente dessa fiscalização?*
Nós chamamos isso de arcabouço fiscal, novas regras fiscais que levam em conta não apenas o Executivo, mas também o Legislativo. Portanto, isso é algo que tem que ser amplamente negociado com o novo Congresso, com o Executivo e com a participação da sociedade de forma que haja um direcionamento dos recursos para as reais prioridades da sociedade.

■ *Como o senhor avalia hoje a questão do desemprego, inflação e arrecadação no país e que cenário vislumbra para os próximos 12 meses?*
O desemprego é consequência do baixo nível de atividade. Hoje nós temos 24 milhões de trabalhadores fora do mercado de trabalho juntando os desocupados mais os desalentados - aqueles que desistiram de procurar emprego - ou subocupados, que trabalham menos que podem. Isso é um quarto da população economicamente ativa, é muita gente, mais do que a população de muitos países. É preciso reintegrar essas pessoas não só do ponto de vista social, mas também econômico, para que elas possam exercer o seu papel de trabalhador e de consumidor. O desemprego é uma causa imediata do baixo nível do crescimento econômico. Também houve um aumento substancial do custo de vida, uma combinação perversa, aumento do desemprego e queda da renda. O poder de compra diminuiu muito, porque o custo de vida subiu não só pelos efeitos internacionais, pandemia e depois a guerra, mas também pela política de preços. Por exemplo, combustíveis, repassando toda pressão internacional sobre o câmbio, sobre o preço do petróleo para o consumidor, e também a ausência de uma política de abastecimento, como no caso dos cereais. É preciso criar novas condições, restabelecer o que já tivemos no passado, de garantir o abastecimento e amenizar essas pressões de preço.

■ *Pela sua experiência, qual a visão que o senhor tem para a próxima gestão em termos econômicos?*
Eu tenho a impressão de que isso fará muito bem ao Brasil, que tomará a sua posição de um dos líderes mundiais. Nós somos uma das maiores economias do mundo e estamos hoje subdimensionados do ponto de vista da nossa presença internacional. E isso é importante porque uma melhora da inserção internacional também recria condições favoráveis para a economia domesticamente, de forma que temos boas perspectivas para que o Brasil retome o caminho do desenvolvimento, entendido como a combinação da parte econômica, ambiental e social.

“
Minha impressão é de que o país, nesse novo governo, tomará sua posição de um dos líderes mundiais



Foto: Arquivo pessoal

Nicolas quando ainda estava interno, nos primeiros dias de vida; ele nasceu com 31 semanas de gestação, passou 19 dias na UTI neonatal e hoje está bem

NOVEMBRO ROXO

Os desafios da prematuridade

Famílias contam como enfrentaram o medo e as incertezas que surgem após um parto prematuro

Beatriz de Alcântara
alcantarabtriz@gmail.com

Além da tradicional campanha do Novembro Azul, que visa a conscientização em relação ao câncer de próstata, o 11º mês do ano também celebra o Novembro Roxo, que simboliza o mês internacional de sensibilização acerca da prematuridade. A data oficial, marcada como Dia Mundial da Prematuridade, é celebrada no dia 17 de novembro. A conscientização é importante pois, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, em 2019 a prematuridade foi a principal causa de mortalidade infantil no mundo.

Ainda conforme a OMS, o bebê prematuro é aquele que nasce com até 37 semanas de gestação. Existem três classificações desenvolvidas pela organização, que se dividem em: bebê extremamente prematuro (com menos de 28 semanas de gestação), bebê muito prematuro (entre 28 e 32 semanas) e o bebê prematuro moderado (de 32 a 37 semanas de gestação).

Segundo a presidente da Sociedade Paraibana de Pediatria, Maria do Socorro Martins, muitas vezes a causa da prematuridade não é conhecida, mas existem alguns fatores que podem ser considerados de risco quando associados a um estilo de vida inadequado. Alguns exemplos listados pela profissional são: idade (adolescentes ou acima dos 40 anos), gravidez múltipla, infecções (urinária, principalmente), desnutrição ou obesidade, comorbidades, descolamento de placenta, entre outras coisas.

No caso de Joseane Flor, sua gestação foi marcada por descolamento de 60% da placenta, hematoma subcoriônico de 12 centímetros e colo do útero aberto. Todos esses fatores desencadearam no nascimento de Rafael Flor com 29 semanas. Se a gravidez, naturalmente já é constituída de sentimentos mistos para a mãe, em uma situação como essa isso só se intensifica. Ela conta que ao mesmo tempo em que se sentia impotente, também pensava que o filho precisava muito dela. Ao longo da gravidez, Joseane teve muito repouso, precisou de medicação e também teve um acompanhamento médico rigoroso.

O pós-nascimento também foi marcado por muitos desafios. O bebê foi direto para a UTI neonatal, precisou ser entubado e no mesmo dia passou por uma cirurgia para correção de hérnia diafragmática. “Passamos 75 dias no hospital, todos os dias ao chegar na UTI eu só queria ouvir que estava tudo bem, mas nem sempre era assim. Tivemos dias conturbados, mas a tão esperada alta hospitalar veio no dia 20 de janeiro deste ano, o dia que seria o nosso provável parto”, contou Joseane. O parto prematuro aconteceu em 5 de novembro do ano passado.

Agora em casa, ainda existe algumas etapas sendo cumpridas. “Estamos estimulando o Rafael em seu desenvolvimento com fisioterapia, acompanhamento com ortopedista e outras especialidades”, pontuou a mãe. “Mas, ele vem se desenvolvendo muito bem dentro do gráfico esperado para o prematuro”, completou Flor.

Acompanhamento médico permanente e pensamento positivo são fundamentais

A história de Joseane é também a de tantas outras mulheres, apesar das particularidades de cada uma. Assim mesmo acontece com Anny Heloísa, que é mãe de Nicolas Emanuel. A gestação da pedagoga de 27 anos foi considerada de risco, pois logo no início foram descobertos dois descolamentos ovulares, diabetes gestacional e infecções urinárias recorrentes. “Para completar a ‘cereja do bolo’, eu tive dois cálculos renais, causando também algumas crises durante a gestação”, observou Anny.

Com o acompanhamento detalhado sendo realizado desde a sexta semana de gravidez, Anny Heloísa pode estudar, procurar profissionais qualificados e se fortalecer dos possíveis obstáculos sem grandes surpresas. “Eu sabia o que poderia acontecer se ele saísse naquele momento e o que poderia acontecer se ele continuasse na barriga estando em sofrimento fetal. Sabendo desses riscos e benefícios, eu sempre fui muito confiante, eu sabia que aquele seria o tempo certo para salvar a vida do meu filho interrompendo a gestação naquele momento”, lembrou.

Nicolas nasceu com 31 semanas e cinco dias, mas até lá, Anny realizava acompanhamento de três em três dias e, na semana anterior ao

parto, fazia ausculta todos os dias, três vezes ao dia, a fim de monitorar os batimentos cardíacos do bebê. “O medo toma o lugar, mas eu sempre fui uma pessoa muito otimista. Teve momentos de desespero, mas eu tive uma assistência muito boa. Foi difícil, teve momentos que as incertezas batiam no coração, mas a todo momento a vida do meu filho foi entregue a Deus”, afirmou.

O bebê passou 19 dias na UTI neonatal tratando um pneumotórax e uma assepsia neonatal. “Hoje ele está bem, vive uma vida normal, ainda tem algumas dificuldades na fala, mas faz acompanhamento com a fonoaudióloga. Fora isso, a vida dele é normal, é o nosso milagre”, finalizou Anny Heloísa.

Orientações médicas

A pediatra Maria do Socorro Martins reforça a importância do pré-natal para garantir uma boa assistência desde o início da gestação. Outras iniciativas que podem ser adotadas a fim de evitar um parto prematuro envolvem “evitar uma gestação dentro do intervalo de 12 meses após outra gestação, evitar consumo de álcool, cigarro e drogas ilícitas durante a gravidez, evitar estresse tóxico, manter a vacinação em dia, alimentar-se de forma

saudável, tomar todas as vitaminas e minerais recomendados, boa higiene do sono”, entre outras coisas, conforme apontou a médica.

De acordo com a presidente da SPP, mães que tiveram um parto prematuro desenvolvem um risco de quatro vezes mais chance de ter o mesmo problema em uma futura gravidez. Em relação ao bebê prematuro, Socorro Martins destaca que “quanto menor a idade gestacional, maior será a imaturidade dos órgãos do bebê”.

Alguns cuidados são necessários depois o bebê prematuro chega ao mundo. Os pais devem estar em alerta aos sinais que indiquem que eles não estão bem, como “ficar muito quietinhos, molinhos, reagindo pouco aos estímulos, apresentar febre, hipotermia, recusa alimentar, pouca diurese. Observar também se a criança se engasga com muita frequência, ficar pálido ou roxinho após as mamadas ou quando chora”, mencionou a pediatra Maria do Socorro Martins.

Com cuidado e atenção, esse bebê vai se desenvolvendo dentro do seu próprio tempo, sendo acompanhado pelos pais, familiares e por uma equipe médica multidisciplinar que irá garantir o suporte físico e emocional necessário para essa nova família se estabelecer.



“Passamos 75 dias no hospital...Eu só queria ouvir que estava tudo bem, mas nem sempre era assim. A tão esperada alta hospitalar veio

Joseane Flor

“Foi difícil, teve momentos que as incertezas batiam no coração, mas a todo momento a vida do meu filho foi entregue a Deus

Anny Heloísa



NA ORLA DE JP

Alta estação é o momento de lucrar

Do vendedor da água de coco aos proprietários de restaurantes, a proximidade do verão já esquenta os negócios

Nalim Tavares
Especial para A União

Do mar à água de coco, as praias são sinônimo de verão. Com a estação do sol cada vez mais próxima e, segundo a Empresa Paraibana de Turismo (PBTur), uma projeção de, pelo menos, 20% a mais no número de turistas em comparação com anos pré-pandêmicos, o comércio praieiro de João Pessoa começa a se preparar para o período mais lucrativo do ano, quando o fluxo turístico é maior e o Litoral é mais procurado, inclusive,

pelos próprios pessoenses. Conhecido como “o Rei do Coco”, Jeremias Oliveira trabalha em um ponto fixo entre as praias de Tambaú e Cabo Branco há mais de 10 anos. Ele conta que seu negócio, cujo nome é homônimo ao seu apelido, “teve cerca de 45 a 50% de recuperação do período pandêmico, e a expectativa é que o verão ajude nesse sentido, porque há um aumento de 50, 60% no número de vendas.” De acordo com o comerciante, o movimento no verão cresce tanto em comparação com os demais períodos

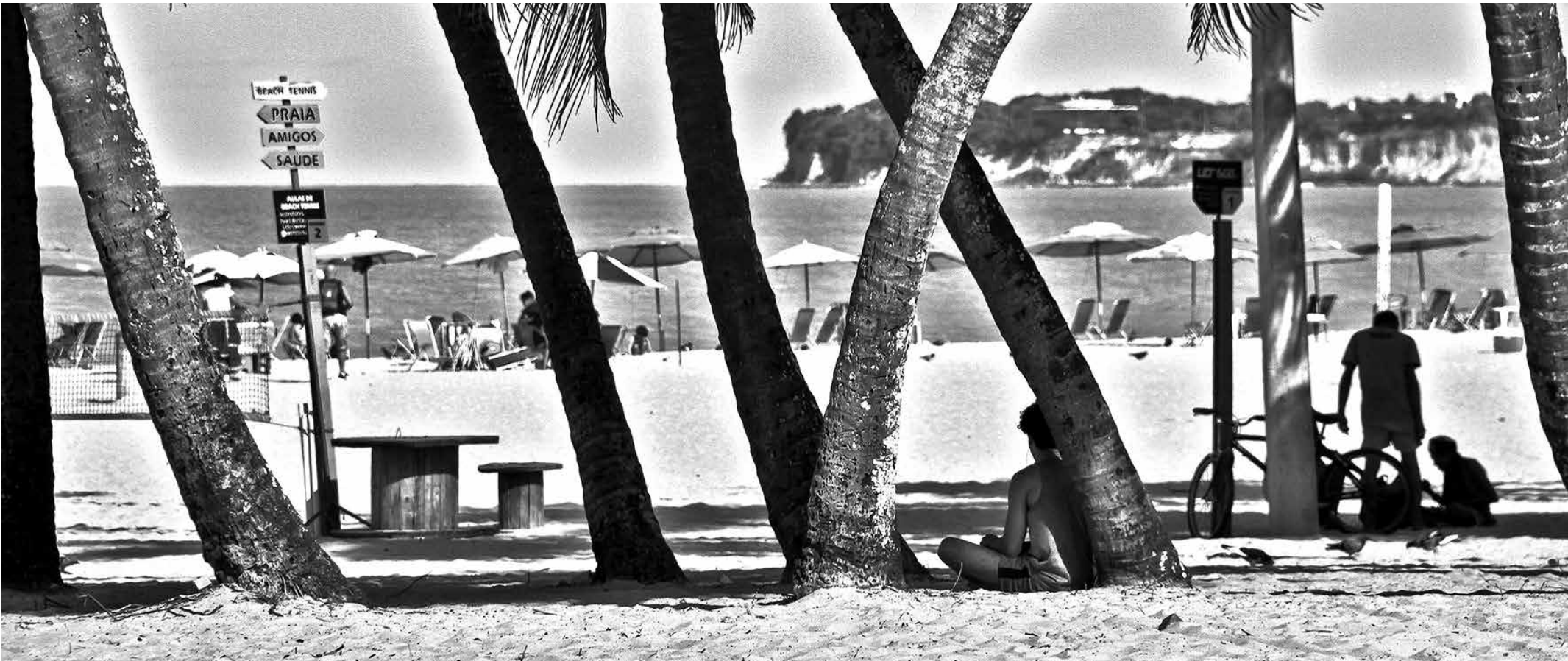
do ano que é difícil atender à demanda de todos os clientes sem contratar um auxiliar. “Eu sinto falta de alguém para ajudar no final do ano. Não contrato alguém porque acho complicado quando não posso supervisionar, já tive problemas com isso antes. Mas precisaria, porque o fluxo aumenta bastante.” A artesã Silvia Bernardo teve seu ponto legalizado e registrado na prefeitura há quatro semanas, e agora organiza peças de crochê, tiaras, chaveiros e itens de moda praia em uma banca nas margens do calçadão

de Tambaú. Há anos, ela trabalhava como ambulante na mesma praia, e conta que, por ser um dos locais mais movimentados da cidade, as praias de Cabo Branco e Tambaú são muito procuradas para comércio, e, desde que montou sua banca fixa nas margens do calçadão, percebeu o fluxo turístico crescendo com a proximidade do verão. “A gente já está aproveitando mais as vendas. Vendi muito bem nessas semanas, até para gente de fora do Brasil. Os turistas já estão aparecendo com uma frequência maior.”

Para quem trabalha com o aluguel de cadeiras na areia do mar, a temporada de verão é a melhor possível. José Pedro, que está no comércio há quatro anos, conta que os preços são mais altos na alta temporada, visto que a procura é muito maior. “Agora, o aluguel custa R\$ 20, por duas cadeiras e a mesinha. Na alta temporada, cobramos R\$ 30 reais pelo dia inteiro. Agora, em novembro, o movimento já flui bastante nos finais de semana. Mas, no verão, conseguimos 300, 400 aluguéis a mais do que em um sábado ou domingo de novembro.”

“**Vendi muito bem nessas semanas, até para gente de fora do Brasil. Os turistas já estão aparecendo com uma frequência maior**”

Silvia Bernardo



Expectativa de um período de bons negócios durante os meses mais quentes do ano anima os comerciantes; a previsão da PBTur é de que a Paraíba registre alta de 20% no fluxo de turistas

Banhistas procuram por áreas mais tranquilas na orla

Quanto aos banhistas, a grande maioria prefere aproveitar a praia em horários com poucas pessoas. Moradora de João Pessoa, Ana Farias de Albuquerque diz que, no verão, costuma reservar as primeiras horas do sábado para visitar Tambaú, porque encontra menos gente na beira-mar. “Eu até gosto de saber que o movimento está aumentando, porque sei que isso significa uma boa movimentação econômica para a cidade. Mas, para mim, em termos de lazer, o ideal é ter um espaço mais tranquilo para me divertir na praia. Por isso eu costumo chegar em Tambaú por volta das 5h, e vou embora às 8h, 8h30, quando a areia começa a lotar.” Outro morador da cidade,

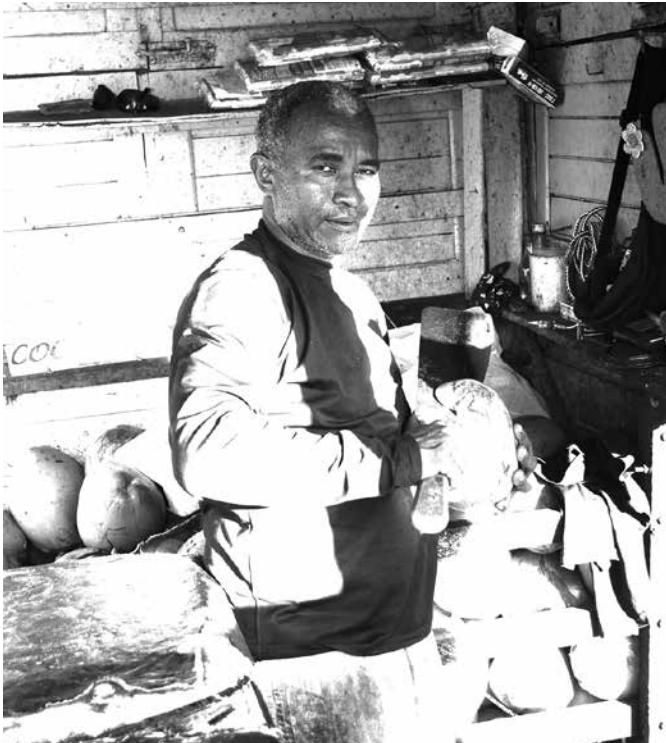
João Pedro dos Santos, pensa de forma parecida. “Eu costumo ir bem cedo para a praia, porque gosto de jogar bola na areia com os meus amigos. Mas se a praia estiver muito lotada, fica difícil tanto para nós, que queremos jogar, quanto para as outras pessoas, que não querem ser atingidas pela bola. Mas o movimento não me incomoda.” Ele completa: “eu até gosto de ir para a praia quando tem muita gente, mas só se for para tomar banho de mar, porque acho que o movimento é maior na areia e no calçadão. Mas acho que a praia pede mais de uma atividade, então não quero só ficar nadando e sentado na areia. Eu realmente gosto de jogar

com meus amigos. Gosto de observar a movimentação e de ver gente nova, mas também gosto de ter algum espaço para a gente”. Já a Gerusa Fonsêca fala que não frequenta as praias mais populares durante o verão, justamente porque se sente incomodada com o aumento no fluxo de pessoas. “Eu vejo a praia como o local de diversão de muita gente, mas, para mim, é um lugar para relaxar. Eu procuro por mais paz e menos agitação quando vou até a praia e, no verão, tem muito turista, muita gente andando, muitos ambulantes. Tudo é muito lotado e eu sinto que não tenho espaço para ficar tranquila, então evito os mares mais frequentados.”

Bares e restaurantes
Nas margens das praias e nos bairros mais centrais, bares e restaurantes também aguardam com grande expectativa o aumento do fluxo turístico no verão. Para a alta temporada em João Pessoa, o setor projeta um crescimento de 5% na movimentação dos próximos meses. De acordo com o diretor executivo da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel), Luciano Lima, “apesar das projeções positivas, uma pesquisa da área recentemente mostrou que o setor de bares e restaurantes ainda tem 65% das empresas operando sem lucro. Outros 29% estão no prejuízo, e 36% atuam no equilíbrio.” Segun-

do o diretor, “no total, 75% das empresas do segmento culpam a inflação pelo momento, pois não conseguiram repassar os custos operacionais para os preços de venda.” A entidade prevê que, nos próximos meses, a procura por bares e restaurantes vai aumentar no Brasil, não só em decorrência do turismo de estrangeiros, mas também da circulação dos próprios brasileiros pelo país. “As expectativas são as melhores possíveis, dado o número de voos que estão chegando à Paraíba para a temporada de verão”, diz Luciano. “Os 5% que estimamos de crescimento para os próximos meses se deve também à forte demanda do

consumidor e a redução das viagens feitas pelos brasileiros ao exterior. Muitos estão gastando mais no próprio país. Isso pode ajudar a fechar as contas dos donos de bares e restaurantes.” Nessa época de maior movimento, o setor costuma contratar funcionários auxiliares. O diretor executivo da Abrasel conta que, normalmente, os proprietários prezam por qualificação profissional e experiência na área, e por isso a maioria deles busca entidades que já realizam a profissionalização para trabalho em bares e restaurantes. “Mas, em média, as contratações são de três a cinco colaboradores para seus estabelecimentos.”



A artesã Silvia afirma: “A gente já está aproveitando mais as vendas”; enquanto “O Rei do Coco” Jeremias aponta que “a expectativa é que o verão ajude”, o que confirma José Pedro: “O movimento já flui bastante”

PAIXÃO PELO FUTEBOL

Copa mexe com sentimento coletivo

Torcedores expressam apoio à Seleção Canarinho e acreditam que o Brasil pode conquistar o hexa no Qatar

Ana Flávia Nóbrega
ana8flavianobreg@gmail.com

José Alves
zavieira2@gmail.com

Para Ronaldo Helal, professor e pesquisador de esportes, o futebol é um dos maiores fatores de integração nacional, principalmente no Brasil, onde funciona também como um elemento aglutinador social na fomentação da identidade do povo. Esse sentimento pode ser notado, principalmente, nos períodos de Copa do Mundo, quando todas as atenções tendem a voltar-se ao principal evento da modalidade.

Demonstrando o sentimento de ser brasileiros e estarem em conjunto apoiando a Seleção brasileira na competição, se multiplicam as manifestações de torcedores para reafirmar a identidade nacional. Em todo o país, famílias, amigos e comunidades se reúnem para preparar a rua e a casa, por exemplo, para o mundial.

Em João Pessoa, Luciano Nunes, de 54 anos, ignorou o sol escaldante das 13h para manter a tradição de pintar o muro de casa com as cores do país e imagens que remetem à Copa do Mundo, que neste ano será realizada no Qatar.

“Estamos no clima da Copa e sempre pinto o muro aqui de casa em apoio. Sempre sou empolgado com a Copa, sempre acredito no Brasil e vou torcer até o fim. Pintar o muro já virou uma tradição minha. Gosto de futebol, já joguei pelada”, declarou.

No muralismo do torcedor, coube espaço até para homenagear Lupy e Pingo,



Fotos: Ana Flávia e Arquivo pessoal

Luciano Nunes (ao lado) ignorou o sol escaldante das 13h para manter a tradição de pintar o muro com imagens que remetem à Copa; Ailton opta por arquibancada em casa (acima) para conforto de amigos e familiares

seus dois cachorros que faleceram próximo à realização de mundiais. “São meus cachorros, uma lembrança para eles porque perdi os dois em Copas. O primeiro, que é Pingo, eu perdi na Copa de 2010 e Lupy morreu agora, perto de começar a Copa desse ano”, enfatizou o torcedor enquanto pintava o muro de casa embalado ao som de hinos que marcaram época na comemoração dos cinco títulos brasileiros.

Outra manifestação de fomento ao sentimento coletivo é a organização das casas e apartamentos para receber família e amigos durante os jogos. Distante

“
Estamos no clima da Copa e sempre pinto o muro aqui de casa em apoio; sempre acredito no Brasil e vou torcer até o fim

Luciano Nunes

da sede da competição, torcedores transformam seus lares em verdadeiras arquibancadas. É o caso de José Ailson da Silva Pereira que, desde a Copa de 2002, costuma reunir a família e os amigos para assistir aos jogos da Seleção em sua residência.

Com o passar dos anos, a casa de Ailson tornou-se um verdadeiro ponto de encontro, chegando a contar com centenas de pessoas para acompanhar as partidas. Para abrigar todo mundo, ele montou uma arquibancada dentro de casa. “Para este ano, estamos aguardando cerca de 150 pessoas entre família-

res e amigos”, informou Ailson Pereira.

Com a abertura da Copa do Mundo neste domingo, Ailson está nos últimos detalhes de ornamentação, com a arquibancada já montada.

“Só falta mesmo o tectido com as cores da Seleção que será colocado sobre a arquibancada. Para todos os jogos da Seleção brasileira, estaremos recebendo muitos torcedores amigos. Só familiares entre irmãos, filhos, netos e namorados e namoradas dos filhos, são 45 pessoas. Acredito que esta Copa será nossa”, disse ele, entusiasmado.

Sobre os “comes e bebes”

durante os jogos, Ailson afirmou que cada um traz sua bebida e alguma carne para o churrasco. “Aqui todos os jogos são regados a cerveja, uísque e churrasco”, enfatizando o momento festivo.

Na sala da casa ele também montou um painel com os torcedores que marcaram presença nas Copas passadas.

Luciano Nunes e José Ailson preparam as suas casas não só para a competição e torcerem juntos, mas também para recepcionar e comemorar mais um título para a Seleção brasileira. No de que depender dos torcedores, o hexa já é do Brasil.

DURANTE OS JOGOS DO BRASIL
Energisa diz que eventual manutenção não prejudica torcedor

Recebeu a informação de que vai faltar energia durante os jogos da seleção brasileira na Copa do Mundo? Pode ter certeza de que é notícia falsa. Quem garante é a Energisa, que organizou suas equipes para que nenhuma manutenção seja programada para o horário dos jogos e dá dicas caso os clientes tenham qualquer

ocorrência com a energia durante as partidas.

“Só atuaremos em situações emergenciais. Mesmo assim, na medida do possível, com a rede ligada para não atrapalhar a programação. Queremos que os clientes aproveitem ao máximo esse momento, que é de muita alegria e confraternização”, afirma o geren-

te de Operações da Energisa, Felipe Costa, ao explicar que é possível fazer manutenção com a energia ligada em segurança, graças aos investimentos em equipes especializadas e tecnologias. Costa também tem dicas especiais para os clientes assistirem aos jogos sem as inconvenientes interrupções de energia.

Como evitar interrupções

- Cheque o quadro de disjuntores e verifique a carga e as conexões de telões, aparelhos de som, freezers e outros equipamentos eletrônicos. Se for possível, contrate profissionais para montar as estruturas. Sobrecargas podem queimar equipamentos e causar incêndios;
- Não faça ligações diretas e não suba em postes;
- Não utilize arames ou fios metálicos perto da rede de energia e, caso haja instalação de tendas ou outras coberturas, é necessário que esteja bem fixada para em caso de ventos fortes, não sejam lançadas contra a rede elétrica. E mantenha distância segura dos cabos de energia;

- Não conecte nenhum tipo de decoração na fiação elétrica. Somente os materiais apropriados devem ser usados. Não se deve substituir a fita isolante por fitas adesivas comuns (crepe ou dupla face) na isolação de emendas e conexões;
- Evite suspensão da energia por inadimplência. A Energisa parcela a fatura em até 24 vezes no boleto ou no cartão de crédito, diretamente pelos canais digitais, sem o cliente precisar sair de casa;
- Em caso de emergência, entre em contato pelos canais digitais de atendimento: o app Energisa On, o site da energisa.com.br e o 0800 083 0196.



Foto: Divulgação/Energisa

Equipes especiais ficarão de plantão durante a Copa para os casos de situação de emergência

MARIZÓPOLIS

Projeto para futura Cidade da Pesca

Programa, que está em fase de conclusão, inclui a captura da tilápia e do tucunaré com investimento de R\$ 5 milhões

José Alves
zavieira2@gmail.com

A cidade de Marizópolis, localizada no Alto Sertão da Paraíba, a 450 km de João Pessoa tem como principal fonte de renda a agricultura familiar e o comércio, mas a meta para 2023 é que o município passe a ser conhecido como a Cidade da Pesca, projeto que tem um investimento de R\$ 5 milhões. Segundo o prefeito, Lucas Gonçalves Braga, esse programa já está em fase de conclusão e inclui principalmente a pesca da tilápia e do tucunaré. “Esse sonho será realizado por termos um dos maiores mananciais da Paraíba que é o Açude São Gonçalo (capacidade de 50 milhões de metros cúbicos), tido como cartão postal de Marizópolis”, revelou o prefeito.

Segundo Lucas, o município já conta com mais de 500 pescadores e dentro do projeto turístico, está a construção de um píer e um conglomerado voltado para comercialização da atividade pesqueira. “Eu sempre tive esse sonho de fazer com que nossa cidade fosse reconhecida por essa atividade porque grande parte dos municípios paraibanos são batizados por suas características. Cabaceiras por exemplo, é conhecida como a terra do bode e Sousa como a cidade do coco. Então nosso principal objetivo é fazer com que Marizópolis seja conhecida, a partir de 2023, como a cidade da pesca”, explicou o prefeito Lucas.

Lucas explicou que o município estará reativando a piscicultura em pequenos espaços, que dá oportunidade a muitas pessoas começarem uma carreira como criador. “Outro ponto forte de nossa economia é o mercado público que está sendo revitalizado com o apoio total do Governo do Estado. A revitalização do ambiente contribui muito com o resgate da história da cidade e a autoestima dos comerciantes e dos habitantes. Com a conclusão da obra, os cidadãos marizopolenses terão mais oportunidade de emprego e renda. Principalmente os moradores do campo que plantam diversas frutas, a exemplo de acerola”, destacou.

O município de Marizópolis se estende por 63,6 km² e até o último censo realizado pelo IBGE, em 2010, contava com 6. 617 habitantes. No dia 29 de abril deste ano, a cidade completou 29 anos de Emancipação Política. Marizópolis tem como vizinhos os municípios de São João do Rio do Peixe, Nazarezinho e Sousa.

Na festa da cidade acontece a Semana Cultural, que além da realização de feiras e atrações musicais, a prefeitura faz a entrega de benefícios para a população. No período do São João, os moradores prestigiam a apresentação das quadrilhas juninas, inclusive de municípios circunvizinhos para disputa de premiações.

Ainda sobre o Açude São Gonçalo, que segundo o prefeito tem um espelho d’água admirável, ele vai ganhar um mirante. A prefeitura está sempre buscando parcerias com a iniciativa privada para a construção de um catamarã e também, a construção de marinas, para movimentar a localidade. “A meta é deixar a cidade mais atrativa para o turismo”, afirmou.

O governo municipal já firmou várias parcerias com o Governo do Estado, com programas que beneficiam os habitantes, a exemplo do Tá na Mesa, que teve início no primeiro semestre de 2021 e garante alimentação adequada e saudável a famílias de baixa renda em várias regiões do estado ao preço de R\$ 1 real, além de apoio da reforma de duas escolas de tempo integral, entrega de ambulâncias, ônibus escolares e mais de 30km de ruas foram asfaltadas.



A Igreja Católica é um dos pontos visitados por turistas e onde ocorrem os encontros de jovens e casais, principalmente nos finais de semana

Educação tem apoio do Governo do Estado

■ Educação em Marizópolis recebeu apoio dos governos estadual e federal para reforma e ampliação de escolas

Na educação, o município de Marizópolis está em alta. Obtém taxa de aprendizagem de 64,61% em avaliação diagnóstica de larga escala do Programa Integra-PB. Um resultado acima da média das regionais do estado que foi de 55,53% este ano. Por conta dessa avalizção, o índice do município evoluiu quando comparado ao ano de 2021, ao obteve 56,71% de taxa de aprendizagem escolar. Os resultados são reflexos

dos investimentos realizados na educação municipal que vão desde reforma e ampliação de escolas com o apoio do Governo do Estado, com capacitação e valorização do magistério, execução de programas em parcerias com o Governo Federal e Estadual e uma equipe pedagógica e técnica integradas e capacitadas. Em Marizópolis a educação continua evoluindo a cada dia e os resultados são frutos do com-

promisso e trabalho da Secretaria de Educação e do Governo Municipal com a sociedade marizopolense. Já no que diz respeito a religião, a dominante no município sertanejo é o cristianismo, com 5.138 católicos e 785 pessoas denominadas evangélicas, segundo dados do IBGE. Em geral, a população é muito religiosa, considerando que vai as igrejas pelo menos uma vez por semana.

Cidade era distrito de Sousa até 1994

Marizópolis era um distrito que pertencia à cidade de Sousa. Os seus primeiros conquistadores foram os irmãos Ledo, no ano de 1723. Logo após a tais acontecimentos, houve o incentivo à lavoura e à criação do povoamento. Tudo isso foi possível em razão da fertilidade do solo, que passou a despertar interesse de viajantes de lugares mais

remotos da região. Isso foi registrado no ano de 1730. O distrito foi elevado à categoria de município com a denominação de Marizópolis, por lei estadual no dia 29 de abril de 1994, desmembrando-se de Sousa, porém, o município ficou sendo administrado até dezembro de 1996 pelo prefeito de Sousa. Atualmente a cida-

de também é conhecida como a Mesopotâmia do Sertão por estar situada entre os Rios do Peixe e Piranhas. Nome lembra Antônio Mariz Antes de ser denominada Marizópolis, o território teve o nome de Pedra Talhada, sendo alterado para o nome atual, em homenagem a família do ex-go-

vernador da Paraíba, Antônio Mariz que apesar de ter nascido em João Pessoa se denominava filho de Sousa. Ele foi governador da Paraíba de primeiro de janeiro de 1995 até 16 de setembro de 1995, quando morreu, vítima de câncer. Mariz faleceu aos 57 anos na Granja Santana, residência oficial do governador do estado.



A rodovia federal BR-230 passa dentro da cidade e oferece várias opções de refeições e repouso, tanto para quem se destina a Cajazeiras, quanto às demais regiões do estado

Foto: André Cananéa/Acervo Pessoal



Criador do Instituto Memória Brasil, Ângelo está trabalhando numa ópera popular em sextilhas com mais de mil versos baseado em ‘Os Lusíadas’, de Luís Vaz de Camões

O BRASIL DE Assis Ângelo

Com 70 anos recém-completados e radicado em São Paulo desde os anos 1970, jornalista, escritor e pesquisador paraibano analisa as perspectivas artísticas, sociais e políticas do país

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

“Sobre o que seria a entrevista?”
“Agora vejo que talvez isso te decepcione, mas seria sobre a tua vida e obra.”

“Eu não tenho importância nenhuma, a não ser a vontade de viver. A história é outra! Pergunte-me sobre o Brasil e os seus princípios. Pergunte-me o que eu achei sobre o discurso de Lula no Egito. Eu sou nada nessa história. Vamos falar sobre a história. O meu sonho de Brasil.”

Com 70 anos recém-completados, o jornalista, escritor e pesquisador pessoense Assis Ângelo – radicado desde 1976 em São Paulo – tem uma importância tão grande para a preservação da memória das manifestações da cultura popular brasileira que seu pedido não poderia ser ignorado. Mesmo porque ouvi-lo sobre a história do país ou o discurso de um estadista que fora um retirante nordestino é ainda assim conversar sobre música e poesia, sobre repente e cordel, sobre Luiz Gonzaga e Patativa do Assaré. “Porque tudo é política na vida”, como prenuncia ele.

O “sonho de Brasil” de Assis Ângelo fatalmente virou pesadelo quando um governo de extrema-direita chegou à Presidência negando tudo que sempre deu sentido à ideia de povo, de nação e de cultura nacionais. “O Brasil ficou alienado e dividido. Bolsonaro conseguiu dividir o país de uma maneira louca, através de mentiras. Ele fez com que descobríssimos um Brasil povoado de pessoas más que acreditam na mentira. Vejo na eleição de Lula o caminho da beleza que é o nosso país. O Brasil foi para o divã e Lula é esse grande psicanalista”, compara o profissional que já trabalhou nos jornais *A União*, *Folha de S. Paulo*, *Diário Popular* e *O Estado de S. Paulo*, além de ter colabora-

do para publicações como *O Pasquim* e *A Tribuna da Imprensa* e para a Rádio Jovem Pan e as TVs Globo e Cultura.

O impacto que o discurso de Lula causou em Assis Ângelo talvez seja realmente comparável com a epifania que uma sessão de terapia causa ao provocar uma sensação profunda de realização. No primeiro pronunciamento para uma plateia internacional desde a eleição, o presidente eleito disse na COP27 que o Brasil está de volta às negociações com o mundo e associou a luta contra mudanças climáticas ao combate à desigualdade social. “O meio ambiente, a partir da Amazônia e os seus povos originários, é a salvação do Brasil e do mundo. Foi muito bonito o que ele disse no Egito. Eu me emocionei muito. Foi um toque de esperança para todos nós e o mundo está todo atento a isso”, alerta Assis, para quem a esperança não é um termo vago.

“A esperança é uma palavra que ganhou forma maior com o tempo em mim. A palavra esperança e amor são muito grandes na minha memória. Elas ficam cada vez mais claras no meu pensamento. Digo isso nos meus textos, meus poemas, nas mais de 50 músicas que tenho gravadas por aí. Nunca o ódio, nunca a raiva, nunca o desespero”, explica ele sobre como as sete décadas de vida os transformaram. De improviso, ao telefone, diretamente dos Campos Elíseos, ele declama alguns versos para que a poesia expanda os sentidos do que pronuncia: “Eu planto esperança / Pra depois colher amor / Quem planta o que planto / Tem em Deus seu protetor”.

Autor da biografia *O poeta do povo - Vida e obra de Patativa do Assaré*, Assis traz sempre consigo uma referência dos maiores poetas populares do Brasil. Ele recita trechos de poemas do escritor cearense sobre o que seria um presidente ideal para o país. De *Eu quero*, ele diz: “Quero um che-

fe brasileiro / Fiel, firme e justiceiro / Capaz de nos proteger / Que do campo até à rua / O povo todo possua / O direito de viver”. Já de *Brasi de cima e Brasi de baxo*, ele lembra da divisão que marca o Brasil desde sempre enquanto declama: “Brasi de Baxo, coitado! / É um pobre abandonado; / O de cima tem cartaz, / Um do ôtro é bem deferente: / Brasi de Cima é pra frente, / Brasi de Baxo é pra trás”.

É da sabedoria popular que Assis forma a base de seu pensamento crítico. “Bolsonaro e seus seguidores praticamente destruíram tudo de bom que o Brasil tinha, mas não conseguiram destruir a esperança. O país foi totalmente aparelhado na chama da discórdia. Isso vai acabar. Muita loucura aconteceu, mas muita coisa vai mudar. A esperança é a palavra que não morre, que não pode morrer na nossa boca e no nosso pensamento”, diz ele, emendando um outro poema, esse de sua autoria chamado *Só não vê quem não quer ver*, que trata de um cego com esperança no olhar. É sob essa condição causada por um descolamento de retina que ele vive há quase 10 anos. Antes de se deparar com o breu, a última imagem que teve foi de Luiz Gonzaga na capa de um livreto com o qual ele se preparava para declamar alguns versos.

Existe um discurso popular que pode ser até certo ponto ofensivo que afirma que quando um dos nossos sentidos é suprimido, outros ficam mais aguçados como uma espécie de compensação orgânica. Ou como o ‘Assum preto’, que não vendo a luz passa a cantar melhor. Quando o mundo de Assis Ângelo ficou escuro, a memória naturalmente prodigiosa ficou ainda mais afiada. “Quando a gente quer aprender, a gente aprende. Tenho fome de conhecimento. Adoro saber das coisas e eu quero transmitir o que aprendi para quem está agora chegando”, diz ele, que é tam-

bém biógrafo do Velho Lua, tendo publicado, em 1990, o livro *Eu vou contar pra vocês*. E tudo é motivo para render mais poesia: “Tu me olhas, tu me olhas. Eu te olho e não te vejo. Tu me tocas, eu te vejo. Eu vejo com teus olhos e caminho com meus pés. É teu meu pensamento. Eu sou quase quem tu és nesse mundo meio torto de Marias e Josés”, declama Assis.

Escrevendo diariamente para um blog que leva o seu nome, Assis Ângelo fala sobre música, literatura, dança, cinema e, claro, política. Ele concluiu durante a pandemia a adaptação de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, (obra que completa este ano 450 anos desde sua publicação) para uma ópera popular em sextilhas com mais de mil versos. *A Fabulosa Viagem de Vasco da Gama no Mar* tem apresentação de Oliveira de Panelas e busca patrocínio para chegar aos teatros brasileiros. “Sinto-me jovem e bem. Não que ser velho seja ruim. Só não cheguei lá ainda. A idade nos dá o que pensar cada vez mais. São pensamentos mais maduros e mais alinhados. Acho que com o tempo a gente só pode melhorar. Evidente que tem o contrário: tem quem piore com o tempo. Mas quero crer que o comum seja o contrário. A idade nos leva ao amadurecimento das ideias. Ler é fundamental. Diga isso, por favor, aos seus leitores”.

A vontade de viver de Assis, criador do Instituto Memória Brasil, pode ser facilmente medida pelo seu contínuo interesse na cultura brasileira mais genuinamente associada com a arte popular, da qual é um dos maiores pesquisadores do país. É dessa riqueza que ele enxerga e aponta uma saída. “Vai dar trabalho para consertar o Brasil, mas acho que o trabalho que nós, jornalistas, fazemos, é muito bonito. Sem ele certamente a coisa estaria muito pior. A imprensa é o farol dos cegos e não cegos. Ainda dizem que o cego sou eu”, conclui Assis Ângelo.

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Fisher, Cobain e o realismo capitalista

Mark Fisher é um dos críticos contemporâneos mais vorazes do capitalismo. Ele chama de realismo capitalista uma postura fatalista e desesperançosa com o futuro, isto é, a crença de que não há alternativas plausíveis ao sistema. Trata-se de uma ideologia que colonizou todas as esferas da vida social, cingindo até mesmo os nossos sentimentos e sonhos mais íntimos. O futuro só existiria na forma do fracasso, enquanto signo niilista da cultura pós-moderna. Como diz o *meme* popular: “O caminho é longo, mas a derrota é certa.”

Karl Marx já tinha observado como o capitalismo havia dessacralizado a cultura, reduzindo toda e qualquer dignidade pessoal a trocas econômicas, a impessoalidade do dinheiro e ao vil e mesquinho cálculo egoísta. O que também se aplica à arte que perdeu o poder revolucionário. Um dos argumentos de Fisher é o declínio da tradição, que vai enlanguescendo na medida em que não mais encontra uma reciprocidade com o novo. Ele afirma que “nenhum objeto cultural pode preservar seu poder quando não existem mais olhos novos para vê-lo”.

A tradição se esvazia se não for de algum modo contestada ou modificada pela ação das novas gerações. Chico Science tinha consciência disso quando dizia que “modernizar o passado é uma evolução musical” ao operar uma releitura do maracatu. Não basta, portanto, preservar a cultura. Fisher recorda que *Guernica*, que originalmente é uma crítica ao terror fascista, acabaria se transformando num quadro decorativo. Como esse, encontramos vários outros exemplos.

A própria indústria cultural age de modo a retirar o potencial crítico da arte. Os anarcopunks veem no mercado cultural um grande devorador de rebeldias. A música e a estética punk, que pretendiam romper com a música comercial, foram alçadas ao *mainstream* na década de 1970 e 1980. A voz gutural, o minimalismo harmônico, os compassos rápidos e as roupas puídas se tornaram mercadoria, assimiladas pela indústria cultural e da moda. É possível comprar em lojas de departamento roupas com símbolos punks e anarquistas, jeans rasgados e braceletes de rebite. Todos os objetos culturais, do *Eu*, de Augusto dos Anjos, até as máscaras cerimoniais de nações indígenas se transformam em objetos que podem ser vendidos. Estamos presos ao mundo da equivalência total.

A incorporação das estéticas pelo mercado seria apenas um dos aspectos do problema. Fisher notou um processo mais sofisticado, que ele nomeou de “precorporação”, que consiste na pré-formatação dos nossos desejos e subjetividades. No mundo da precorporação, a rebeldia, a negação ao sistema estão previamente roteirizadas. São apenas formais, inofensivas. Um estilo a ser vendido para um nicho específico de consumidores. É o que acontece com as classificações de músicas como “alternativas” ou “independentes”, que tendem repetir os mesmos “gestos revolucionários” sem, de fato, se colocar fora do *mainstream*.

Kurt Cobain, vocalista do Nirvana, é um dos casos mais emblemáticos dessa história. Segundo Fisher, ninguém melhor que ele travou uma luta, mesmo que ingloria, contra a precorporação. Ele é filho de uma geração sem projeto, que vive após o declínio da URSS

e do declamado Fim da História. Uma geração “para a qual cada gesto era antecipado, rastreado, comprado e vendido antes mesmo de acontecer.” Cobain sabia disso. Sabia também que era impotente, que seus gestos de rebeldia não tinham efeito, sabia que “nada funcionava melhor na MTV do que um protesto contra a MTV; sabia que cada gesto seu era um clichê, previamente roteirizado, e sabia que até mesmo saber disso era um clichê”.

Nesse universo, a inovação estética, o novo, o não comercial deixaram de ser possíveis. Como disse o sociólogo Fredric Jameson: “tudo o que resta é imitar estilos mortos, falar através de máscaras e com as vozes dos estilos no museu imaginário”. Dessa maneira, o sucesso se transforma no fracasso e o fracasso num imperativo categórico. Tudo é canibalizado pelo sistema. Até nossos gestos mais profundos, nossas angústias, medos, devaneios, solidão e sonhos. A angústia existencial do Nirvana e de Cobain, dizia Fisher, “já pertence a um outro tempo; o que veio depois disso foi uma cópia do rock, que reproduz as formas do passado sem angústia nenhuma.”

A morte de Cobain preconizaria a morte da utopia do rock. A sua incorporação plena. Fisher é bastante enfático ao afirmar: “quando ele morreu, o rock já tinha sido eclipsado pelo hip hop, cujo sucesso global pressupunha o tipo perfeito de precorporação capitalista... Para boa parte do hip hop, qualquer esperança ingênua de que a cultura jovem ainda seria capaz de mudar alguma coisa cedeu lugar à adesão incondicional a uma versão brutalmente redutora da ‘realidade’.”

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Estética e Existência

Música erudita e seu bem-estar social

Diante da História da humanidade, sabe-se que nas comunidades antigas do Oriente do período de oito mil anos antes de Cristo, apresentaram o “som” como manifestações de beleza da natureza e do corpo humano, essa fusão possibilitava o surgimento da arte musical e de seus instrumentos. Dessa forma, surgia o pertencimento do “ser social” que despertava um sentimento de harmonia nas relações humanas, porque a “arte do som” representava manifestações coletivas duma tribo e construía o bem-estar social que gerava a boa saúde mental e corporal em cada membro da tribo.

O poder de unir os membros através da música erudita potencializava a necessidade de representar os sons da natureza e as emoções do corpo humano. Por exemplo, a música que descrevia a paisagem dum anoitecer era acompanhada por um timbre agudo muito suave, de forma a transferir a força dessa imagem ao corpo humano. A música de guerra era acompanhada por timbres muito estridentes, com o objetivo de assustar e afastar o invasor. Os artistas daquela época, também direcionaram as vibrações da música ao transcendental, geralmente ao mito ou aos deuses. Isso expandia as melodias e harmonias do Oriente ao Ocidente. Também difundia os “modos gregos”, que apresentaram as tradições culturais e descreviam as regiões da antiga Grécia. Entre esses “modos” ou “escalas” temos: da Dória, o dórico; da Frígia, o frígio; da Lídia, o lídio; da Jônia, o jônio; da Eólia, o eólio e o “modo” mixolídio, que une os “modos” lídio e dórico.

A música erudita Ocidental pode ser estuda em seis períodos, que são estes: o medieval, dos rituais judaicos e cristãos de 230 até 1450; o renascentista, de 1450 até 1600; o clássico/ barroca/rococó, de 1600 até 1750; o neoclassicismo, de 1750 até 1810; os romantismos, de 1810 até 1910; a música do século 20 aos dias atuais.

Foto: Thercles Silva/Divulgação



Século 16 priorizava os sons de instrumentos

Não é possível definir com precisão os marcos dessas datas.

A partir da Alta Idade Média, aproximadamente no século 6, o cristianismo massificava as técnicas de composições por toda Europa, a fim de tornar a música numa “arte divina”. Surgia o canto gregoriano, que recebia o nome de cantochão (Cantus Planus), por causa dos sons serem sempre iguais em duração e intensidade. Essa musicalidade contemplava os salmos e rituais litúrgicos da Igreja Católica Romana. A partir do século 14, era incorporado o erudito e o profano.

No renascentista do século 15, era massificada a música de salão que priorizava a cultura popular. No século 16, era priorizado os sons dos instrumentos. Também, evidenciava a supervalorização do homem diante do universo, que apresentava uma leveza mais harmoniosa e descrevia a beleza da natureza.

Do período barroco, a música se caracterizava pelo uso de complexos contrapontos tonais. Os inícios da forma sonata foram estabelecidos nas pequenas canções, bem como

uma noção mais formal de tema e variações. Os instrumentos daquele período foram o cravo e o órgão, e a família de instrumentos de corda. E a ópera começava a se diferenciar das outras formas musicais e dramáticas. Surgia a música de câmara, bem como a de concerto, que se tornava um espaço de performance solo para um músico virtuoso.

Do período neoclássico, as composições apresentavam a simetria e equilíbrio. A sinfonia se destacava em sua forma musical, e o concerto foi desenvolvido para dá visibilidade ao músico virtuoso. As orquestras passaram a ser regidas pelo primeiro-violino.

Do período romântico, a música erudita se caracterizava por uma atenção cada vez maior a uma linha melódica extensa. As formas musicais destacaram composições mais livre como noturnos, fantasias e prelúdios, ao mesmo tempo em que as ideias preconcebidas a respeito da exposição e do desenvolvimento dos temas passaram a ser minimizadas. A música tornava-se mais cromática. De proporções épicas da grande ópera, surgia o poema sinfônico.

Do período moderno, iniciava com o movimento impressionista, de 1910 a 1920, dominada por artistas franceses, que usavam a escala pentatônica, caracterizada por um fraseado longo e ondulante. A música erudita do século 20 apresentava uma variedade dos estilos de composição. O termo “música contemporânea” geralmente é utilizado para descrever a música eletroacústica, o neoromantismo, minimalismo e entre outros.

Sinta-se convidado à audição do 395º Domingo Sinfônico, deste dia 20, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei as contribuições ao bem-estar social de algumas peças eruditas dos períodos do barroco, do neoclassicismo, de um noturno e do primeiro romantismo alemão.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Gal

“Meu nome é Gal” é algo geracional e há de se prolongar, a voz, a melodia penetrante de almas, que nos deixou triste. Onde andarás Gal? “Está no lindo lago do amor de Gonzaguinha”, gritou Alex Leite lá da Flórida.

Parece que Gal não morreu. Poderia ter escrito esse texto na coluna de domingo passado, mas eu ainda estava no iniludível e mandei para o editor deste caderno, o texto que eu tinha escrito sobre o filme *Enquanto Estamos Aqui*. Algo muito forte aconteceu comigo, quando vi o filme.

Isto de sentir, sente-se, mais do que se entender no plano racional ou mesmo emocional, espiritual, sentir a perda da cantora Gal Costa, é uma condição, uma forma de compreender a passagem de uma vida para outra, nessa repetição estranha da morte.

Doer, eu não senti. Desta forma, de muitos aplausos ou quase nada, Gal despede-se do papel que ela representou na cultura brasileira. Daqui a pouco Gal terá uma estátua no Rio, onde Gal foi mais *Fa-Tal*. Tomara.

Como na odisseia, foi ela quem escolheu seu lugar ao sol, a sua obra, surgindo como um reflexo multiplicado da luz (palavra para a compreensão da obra) – que Gal recebeu, captou e passou a iluminar nosso país.

Evidentemente não se trata de uma espécie rara de pessoa, mas de uma artista, algo que descobrimos nas entranhas, os mistérios da natureza humana e as respostas do tempo, desse tempo, da elevação de nosso talento.

A morte de Gal nos fulmina e a gente fica vulnerável, diante de outros tantos que irão sair de cena, utilizando formalizações várias do homem, que se entrecruzam, como a narrativa do canto, dos versos cantados por Gal, como algo de pendor, quase um transe.

Gal cantando Caetano num disco todo e em vários outros, o disco *Recanto*, que traz ela de um recanto escuro, luz perpendicular, Gal cantando Jobim, na mais bela composição, um momento de calma solene da vida da artista.

Gal cantando Ary Barroso lá atrás, um disco lindo, clássico, cheio de baianidade, uma Gal sensacional. Gal cantando Caymmi, um disco para ouvir sempre (um repertório logro – “vendi meus troços que eu tinha, o resto dei pra “aguardá”, talvez, eu volte pro ano, talvez eu fique por lá”. Um disco como se fosse um romance muitas vezes lido, num registro quase onírico, Gal canta Caymmi como ninguém.

Gal dominou os palcos do seu tempo, que a conduziu à sua “ars poetica” (escrito por Horace c. 19 a.C.). Parecia ser dela as canções que interpretava. Nada parece subsistir Gal quanto a este domínio integral da sua presença – são muitos discos e shows. O que se afigura notável é a agilidade com que ela empregava e o modo como a fez surgir, Maria das Graças, transformada numa moça que era uma fruta gogóia, de forma tão transcendente, impulsiva, sendo a natureza muito generosa com ela, com sua voz e beleza e a voz, nem se fala, embora ultimamente uma voz sofrível.

A quase evidência da sua morte, a nos deixar perplexos, milhares de postagens no mundo inteiro, Gal fluiu, subiu, chegou lá, desapareceu no caminho das curvas do Hebron e nada mais.

Kapetadas

1 - Nunca vi tanto feriado – é um dia que o preguiçoso não fez por merecer, mas tem o mérito de saber aproveitar;

2 - A Gal nossa de todo santo dia, na luz não cessa, mas seca dor e alaga;

3 - Som na caixa: “Quando eu vim para esse mundo, eu não atinava em nada”.

Foto: Reprodução



Registro do show ‘Fa-Tal - Gal a Todo Vapor’, nos anos 1970

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

‘Américo’ retorna à Fundação Casa de José Américo

Na galeria dos poetas paraibanos, desde que iniciei estudos e pesquisas sobre eles – não por ser conterrâneo de um deles –, alcanço ver em Américo Falcão uma das nossas mais naturais expressões poéticas. Afirmo isso, em razão da majestosa natureza não só praieira de que dispomos; não apenas de Lucena, a comunidade acoqueirada ao Norte da Paraíba, na qual nasceu o *insigne vate* de tantos justos assomos poéticos sobre aquele paraíso marinho.

Não obstante, os seus valores como pessoa humana, homem público que foi durante a presidência de João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque à frente da Parahyba de então, além de advogado, dedicado à imprensa e jornalismo, sobretudo, no período 1920/1930, com a morte do seu “Comandante Maior”, Américo Augusto de Sousa Falcão (cadeira 38 da Academia Paraibana de Letras) perde também a esposa. Assim, o “Poeta do Mar”, como era muito conhecido, deixou-se ofuscar pela fatalidade. Submergindo no sofrimento e na dor como os *Náufragos*; um de seus belos poemas.

Contudo, sua saga vem de ser hoje contada, fielmente, pelas imagens de um respeitoso audiovisual sobre sua vida: *Américo – Falcão Peregrino*. Obra cujo único desígnio de seus realizadores foi o de tornar ainda mais conheci-



Cena de 'Américo', com os atores Joelma Cavalcanti (E) e Ricardo Moreira (D)

da a imagem do insigne poeta, dentro e fora da Paraíba.

Em julho deste ano, junto aos familiares do poeta, o neto André Falcão e a historiadora Marta Falcão, mas, sob a curadoria de Denise Sales do Instituto Américo Falcão de Lucena, foi realizada a exposição *Pintando Poesias* no Centro Cultural da Pampulha, em Belo Horizonte (MG). a convite da instituição mineira. Nessa ocasião foi exibido *Américo – Falcão Peregrino*, apresentado e debatido pelos participantes do evento.

Premiado como Melhor Média-Metragem Paraibano de 2015, pela Academia Paraibana de Cinema (APC), *Américo* retorna à Fundação Casa de José de Américo na próxima terça-feira (22).

como parte da programação conjunta entre a FCJA, sob o comando de Rejane Ventura, e o ICAF de Lucena, que tem como representante Denise Sales e o neto de Américo, André Falcão.

Américo – Falcão Peregrino retorna à Fundação Casa de José Américo, justamente em um final de ano, quando, em 2015, houve de ser premiado e exibido dentro da programação do cineclubes daquele importante centro de cultura paraibano. À época, presidido pelo hoje secretário de Estado, Damião Ramos Cavalcanti, que fez a apresentação da obra, conjuntamente com João Batista de Brito, abalizado crítico da Sétima Arte. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br.

Paraibano premiado em festival de LA

Academia Paraibana de Cinema se congratula com a produção e direção do longa *Sol*, com direção de Lô Politi, e que deu o prêmio de Melhor Ator Coadjuvante, no Festival de Cinema de Los Angeles, nos EUA, ao ator paraibano Everaldo Pontes, irmão da atriz Zezita Matos, atual presidente da APC. Dois curtas paraibanos também participaram do festival: *Cercas*, de Ismael Moura, com atuação de Zezita Matos, e *O Pato*, de Antonio Galdino, premiado o Melhor Curta Brasileiro, no mesmo festival. Mas, o destaque terá sido mesmo para Everaldo Pontes interpretando o velho pai Teodoro, numa relação conturbada com seu filho (Rômulo Braga), mas que tem na netinha Duna (Malu Landim) o afeto que tanto lhe faltara. São obras paraibanas que merecem ser vistas e exaltadas.



EM cartaz

ESTREIA

E.T., O EXTRATERRESTRE – ANIVERSÁRIO DE 40 ANOS (E.T. 40th Anniversary. EUA. Dir: Steven Spielberg. Aventura. Livre). Lançado em dezembro de 1982, o filme dirigido por Spielberg ganha versão remasterizada. CINEPOLIS MANAIRA 2: 14h (dub.). 16h30 (leg.); CINEPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.). 17h30 (exceto seg.).

A MALDIÇÃO: O DESPERTAR DOS MORTOS
(The Cursed: Dead Man's Prey. Reino Unido, Coreia do Sul. Dir. Yong-wan Kim. Terror. 14 anos). Uma série de assassinos são cometidos por mortos-vivos. No primeiro caso, o corpo do suspeito é encontrado ao lado da vítima na cena do crime, mas a polícia descobre que o cadáver morreu há três meses. Enquanto isso, uma jornalista recebe uma ligação misteriosa de um homem que afirma ser o culpado do assassinato. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 19h15 - 22h.

NADA É POR ACASO (Brasil. Dir. Márcio Trigo. Drama. 14 anos). Marina (Giovanna Lancellotti) volta de uma viagem com R\$ 5 milhões em sua conta. Agora, ela só quer seguir em frente sem olhar para trás e encerrar o que fez. Porém, ao longo do tempo, Marina percebe que seus encontros com Maria Eugênia (Mika Galuzian), Henrique (Tiago Luiz) e o filho do casal param de parecer meras coincidências. As mulheres percebem que estão conectadas por um laço muito mais poderoso. **CENTERPLEX MAG 2: 18h15 - 20h45; CINÉPOLIS MANAIRA 1: 15h30 - 18h** (exceto seg. e ter.) - 20h30; **CINEPOLIS MANGABEIRA 2: 15h** (exceto seg.) - 20h (exceto seg.); **CINE SERCLA TAMBÁI 4: 15h10 - 17h20; CINE SERCLA PARTAGE 3: 15h10 - 17h20.**

CONTINUAÇÃO

ADÃO NEGRO (Black Adam. EUA. Dir: Jaume Collet-Serra. Ação. 12 anos). A origem do grande antagonista de Shazam!, super-herói do Universo DC. Quase 5 mil anos depois de ter sido agraciado com os poderes onipotentes dos deuses egípcios – e preso com a mesma rapidez –, Adão Negro (Dwayne Johnson) é libertado de sua tumba terrena, pronto para lançar sua forma única de justiça no mundo moderno. **CENTERPLEX MAG 4** (dub.). 18h45 - 21h30; **CINÉPOLIS MANAÍRA 3**; 13h15 (dub.) - 15h45 (leg.) - 18h30 (leg.); **CINÉPOLIS MANGABEL**

RA 3 (dub.): 13h15 (exceto seg.) - 16h (exceto seg.) - 19h (exceto seg.) - 21h45 (exceto seg.); CINE SERCLA TAMBIÁ 2 (dub.): 17h20 - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 11h20 - 20h45.

LILLO, LILLO, CROCODILO (Lytle, Lyle, Crocodile. EUA. Dir: Will Speck e Josh Gordon. Comédia. Livre). Adaptação do livro homônimo, o filme acompanha as aventuras do crocodilo Lyle que mora em uma casa vitoriana em Nova Iorque (EUA) com a família Primm e vive altas aventuras na cidade grande. **CENTERPLEX MAG 2** (dub.): 15h45; **CINÉPOLIS MANAÍRA 1** (dub.): 13h; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2** (dub.): 12h45 (sáb. e dom.); **CINE SERCLA TAMBIA 1** (dub.): 14h15 (sáb. e dom.); **CINE SERCLA TAMBIA 5** (dub.): 14h15 (sáb. e dom.).

A LUZ DO DEMÔNIO (Prey For The Devil. EUA. Dir: Daniel Stamm. Terror. 14 anos). Lançada na linha de frente espiritual, uma jovem freira (Jacqueline Byers) se encontra em uma batalha pela alma de uma garota que está possuída pelo mesmo demônio que atormentou sua própria mãe anos antes. **CINEPOLIS MANGABEIRA 2** (dub.): 22h20 (exceto seg.).

A MULHER REI (The Woman King. EUA. Dir: Gina Prince-Bythewood. Drama. 16 anos). Nanisca (Viola Davis) foi uma comandante do exército do Reino de Daomé, um dos locais mais poderosos da África nos séculos 18 e 19. CINE SERCLA TAMBÁ 1 (dub.). 18h40 (sáb. e dom.).

ONE PIECE FILM: RED (Japão. Dir: Goro Taniguchi. Animação. 12 anos). Luffy e sua equipe assistem a um show onde a cantora Uta não é outra senão a filha de Shanks. **CINE SERCLA TAMBIÁ 1** (dub.): 16h20 (sáb. e dom.); **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 16h20 (sáb. e dom.).

PANTERA NEGRA: WAKANDA PARA SEMPRE
(Black Panther: Wakanda Forever. EUA. Dir. Ryan Coogler. Aventura. 14 anos). Em Wakanda, a Rainha Ramonda, Shuri, M'Baku, Okoye e as Dora Milaje lutam para proteger a sua nação de potências mundiais, na sequência da morte do rei T'Challa. Enquanto os Wakandianos se esforçam para abraçar o próximo capítulo, os heróis unem-se com a ajuda de War Dog Nakia e Everett Ross para descobrir um novo caminho para o reino de Wakanda.

CENTERPLEX MAG 1 (dub.): 16h30 - 20h; CENTERPLEX MAG 2 (3D): 17h30 (dub.) - 21h (leg.); CENTERPLEX MAG 3 (dub.): 15h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 3 (leg.): 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (dub., 3D): 13h45 - 17h15 - 20h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 13h15 - 16h45 - 20h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXe (3D): 14h45 (dub.) - 18h55 (dub.) - 21h45 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg., 3D): 15h15 - 18h45 - 22h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 14h15 - 17h45 - 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 11h515 - 18h45 - 22h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h15 - 17h45 - 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (3D): 13h (dub.) - 16h15 (dub.) - 19h45 (leg.); CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 15h20; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 19h30; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 14h30 - 17h30 - 20h30; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 14h (3D) - 17h - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 14h30 - 17h30 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 14h (3D) - 17h - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (leg.): 19h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 15h20.

CINE BANGÜÊ (JP) - NOVEMBRO

CABEÇA DE NÊGO (Brasil. Dir: Déo Cardoso. Drama. 14 anos). Saulo é um "menino de ouro" para algumas professoras da escola, e um "subversivo" para outros. Um impasse se instala na instituição quando se recusa ser expulso. CINE BANGUÊ: 20/11 - 18h; 22/11 - 20h30; 27/11 - 16h; 30/11 - 18h30.

CLUBE DOS ANJOS (Brasil. Dir: Angelo Defanti. Drama e Comédia. 16 anos). Após uma corriqueira reunião de velhos amigos, um integrante da confraria amanhece morto. Baseado na obra de Luis Fernando Verissimo. CINE BANGÜÊ: 21/11 - 20h30; 27/11 - 18h; 30/11 - 20h30.

FÊ E FÚRIA (Brasil. Dir: Marcos Pimentel. Drama. 14 anos). Uma investigação sobre "traficantes evangélicos" provoca conflitos entre moradores e gera intolerância às religiões de matriz africanas. **CINE BANGÜÊ:** 20/11 - 16h; 29/11 - 18h30.

O LIVRO DOS PRAZERES (Brasil e Argentina. Dir: Marcela Lordy. Drama. 16 anos). Professora do ensino fundamental solitária conhece um professor de filosofia, egocêntrico e provocador, que não entende nada sobre as mulheres. CINE BANGÜE: 21/11- 18h30.

LITERATURA

Fiódor Sologub ganha obra bilíngue

Tradutor revela os detalhes sobre um dos mais importantes nomes do movimento simbolista russo

Eduardo Augusto
Especial para A União

Mais uma obra do simbolista russo Fiódor Sologub (1863-1927) – o mesmo autor de *O Diabo Mesquinho* – chega ao Brasil pela Editora Kalinka. *Esconde-Esconde & Lembra, não vai esquecer* (112 páginas) ganha uma edição bilíngue.

Por conta da Coleção MIR, o leitor tem acesso a uma leitura do texto original em russo através de um QR Code estampado na capa dos livros. A iniciativa tem como objetivo trazer ao público a poesia e a prosa de grandes nomes da literatura russa, como também nomes menos conhecidos.

No século 19, o simbolismo tem papel de destaque da construção literária e no experimentalismo dos formalistas russos. Essa pauta é tema de estudos até hoje nos cursos de literatura e crítica literária.

Nesta edição, estão contidos dois contos que mostram o olhar peculiar sobre o cotidiano. Em *Esconde-Esconde*, temos a história da família Neslétiev, em que a figura central é Liólia, uma criança que representa para mãe a felicidade que ela não encontrou no casamento. Liólia adora brincar de esconde-esconde, mas essa obsessão pela brincadeira traz um desejo, que encontramos nas crianças um retorno a outro mundo.

Na segunda narrativa, *Lembra, não vai esquecer?*, é mostrada a história de Nicolai Alek-séivitch, que tenta fugir da rotina do cotidiano nas lembranças de outrora. Mesmo com um passado pobre, as reminiscências são boas, pois estava ao lado da sua então jovem esposa, que representava a alegria. Assim, o autor oferece novos matizes ao passado e ressignifica o presente.

“Sologub pertenceu ao movimento simbolista, que, por sua vez, pertenceu à chamada Era ou Século de Prata, que seguiu à Era ou Século de Ouro, que, a certa altura, foi marcado basicamente por autores do estilo realista, como Dostoiévski e Tolstói. Já o Século de Prata trouxe muito do rigor formal do simbolismo, que de certo modo abriu caminho para as vanguardas”, explica o tradutor da obra, Moissei Mountian, para o Jornal A União. “Apesar de não ter durado um século – começou alguns anos antes da virada do século 19 para o 20 e terminou cerca de 20 anos depois –, foi um dos períodos mais renovadores da arte russa, não só na literatura. O simbolismo, que teve grande importância nessa renovação, começou com a poesia, principalmente com Briússov. So-

logub, que também foi poeta, pode ser considerado o maior escritor/prosador no estilo simbolista, em que predominam não fatos, mas sentimentos humanos, cores, paisagens, sons – são eles que movem os acontecimentos. A vida produtiva de Sologub coincide per-

Moissei Mountian apontou que o simbolismo chamada “puro”, com a sua perspectiva dual e quase metafísica, não existe mais. “Mas muitos escritores, mesmo contemporâneos, que vieram depois dele deixam transparecer alguns aspectos for-

Diabo Mesquinho (Editora Kalinka, 392 páginas), a obra mais conhecida de Fiódor Sologub. Com a língua russa muito mais próxima, para ele facilita mais o trabalho de tradução dessas obras.

“O conhecimento mais profundo da língua da qual

cercava o escritor e formava suas ideias”, alertou ele. “Este é o maior desafio: compreender os pensamentos daquela época, coisas que hoje podem parecer simples e piegas e que na época eram impen-sáveis. No entanto, hoje nos falta cultura geral, que era

velar para o público a obra em todas as suas conexões com o tempo de então. “A língua é uma barreira quase intransponível. Quando o tradutor domina bem a língua original, de partida, ele nunca fica completamente satisfeito com a tradução final, pois nunca se chega lá, nem em relação à precisão da linguagem nem ao estilo do escritor... Quando o tradutor tem um estilo próprio muito definido, ele tende a escrever nesse estilo, o que alguns escritores, quando suas obras eram traduzidas, até incentivavam. Amos Oz chegou a falar sobre isso... O mais importante é ‘ouvir’ o autor, tentando evitar a tradução padronizada, a repetição de termos e soluções já usadas”, disse ele.

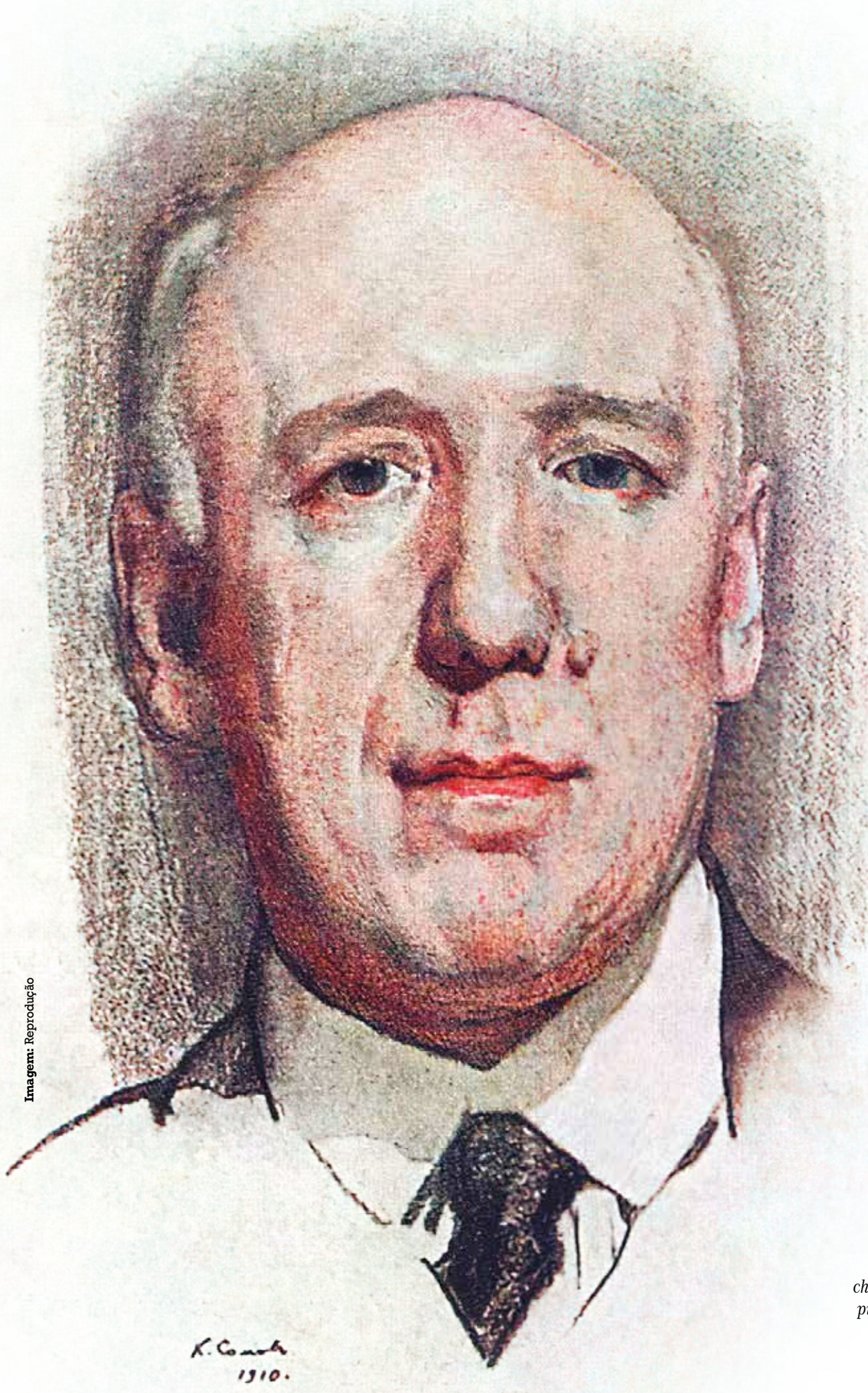


Imagem: Reprodução



Imagens: Kalinka/Divulgação



Sologub (imagem maior, em retrato de Konstantin Somov, de 1910), que pertenceu à chamada Era de Prata do simbolismo russo, teve publicadas, recentemente, no Brasil, obras como ‘Esconde-Esconde & Lembra, não vai esquecer’ (acima) e ‘O Diabo Mesquinho’ (abaixo)



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da Editora Kalinka

feitamente com a Era de Prata. Podemos citar muitos escritores modernistas que receberam influências diretas ou indiretas do simbolismo, como Búnin, Pasternak e Kamiénski”, detalhou ele.

mais deste estilo literário em suas obras”.

“Ouvir” o autor

Natural da Moldávia soviética, Moissei Mountian também é o tradutor de *O*

se faz a tradução é muito importante, como também se faz necessário aprofundar-se na época em que a obra em questão foi escrita. Para tanto, é obrigatório conhecer todo o aparato cultural que

tão comum naquele tempo, como, por exemplo: conhecimento de línguas como grego ou latim, da mitologia grega, da bíblia, da filosofia”.

Para Mountian, a tarefa básica do tradutor é tentar re-

CLASSE ARTÍSTICA

Mês da Consciência Negra da Funesc traz oficinas gratuitas

Da Redação

A Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funesc), dentro do Mês da Consciência Negra, oferece para artistas, produtores, gestores e grupos culturais que sejam formados, preferencialmente, por pessoas negras ou LGBTQIAP+, quatro ofici-

nas gratuitas. As atividades começam amanhã (dia 21) e vai até a próxima quinta-feira (24), na sala 7 do mezanino da Escola de Música Anthe-nor Navarro (EEMAN), que fica na rampa 2 do Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa.

Amanhã, a partir das 14h, acontece a oficina ‘Poesia

Som Sentido: entre palavras, ritmos e vozes’, facilitada pela performer, cantora, musicista e poeta, Larissa Mendes.

Já na próxima terça-feira acontece a oficina ‘Aquilombamentos poéticos à luz da Lua Negra: a literatura paraibana contemporânea e a produção editorial independente’, a partir das 14h.

A ação tem como ministrante Aline Cardoso, escritora, multiartista e produtora cultural.

A oficina ‘Travesty: Hackeando o Verbo y Transcrevendo o Grito’, com Lama, acontece na próxima quarta-feira (dia 23), a partir das 14h. Lama é escritora, multiartista, acadêmica, e travesti.

Fecha o ciclo de cursos no Mês da Consciência Negra, na próxima quinta-feira, ‘Acordando a palavra e costurando poéticas’, a única que acontece no turno da manhã e tem início às 8h. A ação é ministrada por Bianca Rufino, poeta, escritora, compositora, cantora, performer e brincante.



Através do QR Code acima, acesse as inscrições

LUTA ACIRRADA

Polarização foi a marca das eleições

Cientistas políticos analisam pleito que dividiu o país, inclusive com protestos nos estados contra o resultado

Huska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

■ Clima de radicalização que marcou as eleições, e ainda não terminou, é tema de análise de professores

Nas últimas eleições o brasileiro precisou lidar com o polarização política de uma maneira um pouco diferente da habitual. Além de dois candidatos opostos terem motivado uma disputa acirrada que se estendeu até os últimos minutos do segundo turno, ainda há a atípica situação de eleitores que não aceitaram o resultado do último pleito. Para entender melhor essa situação, a reportagem de A União ouviu especialistas para avaliar esse fenômeno.

De acordo com os especialistas, as manifestações que pedem uma intervenção militar, semelhante ao que aconteceu na ditadura de 1964, além de descredibilizar o sistema eleitoral, parece não aceitar a Constituição de 1988. No entanto, eles foram unânimes em dizer que não há perigo para um novo golpe na história do Brasil.

Segundo o cientista político e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), José Artigas, essa não é a primeira vez que o Brasil vive uma eleição atípica. Segundo ele, em 2018, com a retirada de Lula da disputa, se caracterizou em uma eleição ilegítima. “Todo o processo foi eivado de ilegitimidade e Jair Bolsonaro foi eleito em uma eleição justa, leal, mas ilegítima”.

Na avaliação do advogado e professor do Centro de Ciências Jurídicas da Universidade Estadual da Paraíba, Luciano Nascimento, os processos contra Lula em 2018, eram eivados de vícios. “A Corte Constitucional do Direito Brasileiro determinou, portanto, a anulação de todas as condenações que implicaram em um impedimento legal, para que portanto o réu e pretendo candidato à Presidência da República pudesse conduzir a sua candidatura no processo eleitoral de 2022”.

Para o especialista em Direito, a eleição de 2022 representou um divisor de águas no que diz respeito ao futuro do Brasil, fechando um processo inacabado que teve início em 2018. “Na eleição para a Presidência da República em 2018, o candidato do Partido dos Trabalhadores era um candidato substituto; o titular estava impedido de se candidatar em função de processos judiciais de natureza criminal com a condenação em segunda instância”, explicou.



Artigas lembra que essa não é a primeira eleição polêmica



Luciano Albino vê radicais pressionando militares



Para Nascimento, em 2018 houve vícios em processos

“

Em 2018, com a retirada de Lula da disputa, se caracterizou uma eleição ilegítima

José Artigas

“

O debate é importante, é essencial. Inclusive, a própria democracia assegura que os diferentes existam e coabitem

Luciano Albino

“

Na eleição em 2018, o candidato do Partido dos Trabalhadores era um candidato substituto

Luciano Nascimento

Professor diz que debate é normal na democracia

Mesmo com dois discursos opostos, os especialistas avaliam que a culpa não é da polarização. Esse é elemento natural em democracias, explicou o sociólogo e professor da Universidade Estadual da Paraíba, Luciano Albino. “O debate é importante, ele é essencial para a democracia. Inclusive, a própria democracia assegura que os diferentes existam e coabitam. Quando há pensamento único é autoritário. O que define a democracia é o conflito. Ele é essencial e deve ser assegurado”, enfatizou.

No entanto, o ponto que os três especialistas asseguram, é que o embate de 2022 não foi natural de uma democracia. O advogado Luciano Nascimento ressaltou que a disputa foi de um lado “democrático” e de outro “antidemocrático”.

Albino assegura a mesma opinião. “O que estamos vendo não é uma polarização normal, não há liberdade de expressão, são pessoas que estão defendendo o direito de ser racista, pessoas preconceituosas querendo um Brasil em que só algumas pessoas têm direito. Esse tipo de polarização não cabe, não se admite. Dentro disso tem pessoas ainda mais radicais, nos quartéis, e barrando estradas, no sentido de pedir que os militares tomem o poder”, comentou.

Na história democrática do país sempre houveram embates políticos acirrados. Como foi o

caso, por muitos pleitos, da disputa entre o Partido dos Trabalhadores e o Partido Social Democrático Brasileiro (PSDB), de 1994 até 2014. “Num passado recente nós tivemos uma polarização que foi extremamente interessante para a política brasileira e para a sociedade brasileira. O embate entre o PT e o PSDB. Esses dois partidos tiveram embate de polarização, só que essa polarização era da civilidade política”, avaliou o advogado e professor Luciano Nascimento.

A eleição de 2022 não é pioneira em candidatos derrotados que não aceitaram o resultado do pleito. Em 2014, o candidato tucano Aécio Neves pediu por uma longa avaliação do sistema eleitoral. Segundo a avaliação de Luciano Nascimento, essa não aceitação impediu que a então presidente eleita Dilma Rousseff (PT) conseguisse governar de maneira eficaz até o ano de 2016, quando sofreu o impeachment.

“Quando o candidato do PSDB o político de Minas Gerais Aécio Neves decide não aceitar o resultado das eleições, a candidata vencedora a reeleição Dilma Rousseff tem o plano legislativo, portanto da governança e da relação entre o Executivo e Legislativo, marcado pela ingovernabilidade provocada por alguém que não havia aceitado o resultado das eleições”, comentou.

Pesquisador diz que Brasil tem uma história de golpes

Luciano Albino vai ainda mais longe. Para ele “A história do Brasil é marcada por golpes”. O professor explica que desde a República Velha, até o golpe de 1964, o Brasil sofre com atos antidemocráticos. “Nosso histórico e experiência democrática é algo muito inseguro. Embora a gente esteja no maior período democrático da nossa história, isso não garantiu que a democracia passasse por riscos”.

Para ele, a democracia precisa ser cultivada diariamente para ser mantida. “Para mim, o que ficou claro nessa eleição é que a gente não pode entender que a democracia está assegurada”.

Ele não acredita que o país corra o risco de um novo golpe no processo atual. “Mais uma vez ficamos diante de uma situação em que a democracia corre sério risco, mas eu não acredito que a gente terá um golpe, porque passamos por uma institucionalização mais sólida. O papel do próprio congresso, que reconheceu o resultado. O próprio supremo interview de forma contundente para assegurar que fosse feito de forma transparente de modo que o resultado saiu como esperado no mesmo dia”.

Sistema eleitoral

O sistema eleitoral brasileiro sofreu diversos ataques nos últimos

anos. Ainda antes da eleição de 2022, as desinformações e fake news envolvendo as urnas eletrônicas e a Justiça Eleitoral inundaram as redes sociais.

Para o especialista em direito, o advogado e professor Luciano Nascimento, essa deslegitimação do sistema eleitoral pelas urnas eletrônicas começou em 2018 com a vitória de Jair Bolsonaro. “Era algo que até 2018 não se ventilava, não se falava. Não nos esqueçamos que sua excelência o presidente da república por 27 anos foi deputado federal e eleito várias vezes por esse sistema, o sistema das urnas ele nunca havia questionado antes”.

Na opinião do professor, foi criada uma narrativa após 2018 que começou a descredibilizar esse sistema. “Começou uma comunicação de que cria uma falsa realidade de que o sistema tem problemas. O sistema não tem problema algum. O sistema obviamente precisa de aperfeiçoamento. Mas o que que não precisa de aperfeiçoamento na política, na economia, no direito, na sociedade, na religião, o que não precisa de aperfeiçoamento?”.

Além disso, Luciano Nascimento enfatizou que o sistema eleitoral do país é elogiado mundo afora e já provou sua eficiência.

PROPOSTA DOS EUA

Governo eleito vai resistir à nova missão de paz no Haiti

Tema é visto com reservas por quadros do PT e por militares brasileiros

Beatriz Bulla e Marcelo Godoy
Agência Estado

O futuro governo do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT) dá sinais de que vai resistir a uma empreitada defendida pelos Estados Unidos: uma nova missão internacional no Haiti. O tema é visto com reservas por quadros do PT e militares brasileiros que estiveram à frente da missão de estabilização no país caribenho de 2004 a 2017. A proposta ganhou tração em outubro e foi levada a público pelos americanos durante uma reunião do Conselho de Segurança da ONU. Os EUA tentam cos-

turar com aliados a potencial missão, que seria endossada pelo órgão sob o Capítulo 7 da Carta da ONU, que trata de “ações relativas aos tratados de paz, rupturas da paz e atos de agressão”. Responsável por liderar o braço militar da missão que ficou 13 anos no Haiti, e maior país da América do Sul, o Brasil é considerado um apoio relevante para diplomatas estrangeiros nas discussões sobre o tema e as atenções de Washington se voltam, portanto, para a posição dentro do futuro governo Lula. “Essas conversas (com outros países) estão em andamento. Vários países demonstraram interesse em saber mais

sobre esse esforço, potencialmente participando dele”, disse Ned Price, porta-voz do secretário de Estado americano, Antony Blinken, a jornalistas na sexta-feira passada. Lula teve encontro com John Kerry, enviado climático do governo Joe Biden, anteontem. Foi a primeira reunião de alto nível do presidente eleito com uma autoridade americana. O tema pode marcar a relação do novo governo, assim que tomar posse, não apenas com Washington, mas também com os militares brasileiros, um grupo da burocracia estatal que se manteve fiel ao governo Jair Bolsonaro (PL), inclusive durante os questionamentos do presidente ao processo eleitoral.

■
A proposta ganhou tração em outubro e foi levada a público pelos americanos durante uma reunião do Conselho de Segurança da ONU



Militares brasileiros já participaram de uma missão internacional de paz no Haiti, no período de 2004 a 2017, considerada um sucesso

EUA e México apresentarão proposta à ONU

EUA e México disseram que iriam apresentar dentro do Conselho de Segurança uma proposta de resolução para autorizar uma força internacional de paz no Haiti, nos termos que têm sido defendidos por Guterres. A resolução não chegou a ser apresentada, em parte porque nenhum país se mostrou disposto a assumir a liderança do processo. O possível estabelecimento de uma

relação mais próxima entre EUA e o Brasil, com a eleição de Lula, alimentou os rumores de que o país poderia ficar com o este papel. O Brasil ocupa uma das cadeiras rotativas do Conselho de Segurança desde o início deste ano e permanecerá com voto no colegiado até o fim de 2023. Pessoas envolvidas na transição veem a participação em força multinacional como inoportu-

na, principalmente por ser fora da ONU. A proposta americana enfrentaria resistência da Rússia, em razão das relações estremechadas entre os dois países por causa da guerra na Ucrânia. Há ainda entre os petistas o temor de que uma volta ao Haiti sirva para fortalecer politicamente os militares. O ex-deputado José Genoino disse ao site Opera Mundi que, no passado, o

PT deveria ter defendido, em vez de uma solução militar para o Haiti, a adoção de políticas públicas. A linha de raciocínio de petistas é de que a experiência haitiana teria fortalecido as Operações de Garantia de Lei e Ordem (GLO) no Brasil, o que levou à intervenção federal na segurança pública do Rio, que teria ajudado a candidatura de Bolsonaro, em 2018.

Oficiais do Brasil veem custo como problema

A sondagem americana a respeito da posição do Brasil é do conhecimento de oficiais brasileiros, que apontam os custos de uma missão fora da ONU como um problema. Uma saída seria via Organização dos Estados Americanos (OEA), mas, neste caso, a resistência seria do PT, que critica a posição do órgão em relação à Bolívia e à Venezuela. “O problema do Haiti não é militar, mas político”, afirmou o general Carlos Alberto Santos Cruz. Segundo ele, gastou-se US\$ 10 bilhões na Minustah, a missão de 2004, e a situação pouco mudou. O general, que esteve à frente da operação por dois anos e meio, disse ter conhecimento da posição americana. “Os americanos querem que outro país esteja à frente da força para que ela não seja considerada uma

Força
O Capítulo 7 da Carta da ONU autoriza uso da força, o que é considerado um problema por parte dos países - e também por interlocutores de Lula na área de relações exteriores

intervenção”, disse. Para ele, o governo Lula deve analisar a conveniência do caso. O Capítulo 7 da Carta da ONU autoriza uso da força, o que é considerado um problema por parte dos países - e também por interlocutores de Lula na área de relações exteriores -, uma vez que pode significar uso da força armada contra civis que compõem as gangues haitianas. O argumento dos americanos é de que o tema foi trazido pelas autoridades haitianas, que pediram ajuda internacional, e pelo secretário-geral da ONU. “O Brasil continua muito interessado no tema, mas estamos aguardando que se apresente um texto para exame dos demais membros do Conselho de Segurança”, afirmou o embaixador do Brasil na ONU, Ronaldo Costa Filho.

Crise
A preocupação internacional com o Haiti escalou em setembro quando uma coalizão de gangues tomou o controle do terminal portuário Varreux, que fornece a maior parte do combustível do país, e agravou o colapso humanitário e econômico local. Há 10 dias, a polícia haitiana disse ter retomado o controle do porto, o que fez com que o tema perdesse urgência na ONU embora, segundo diplomatas de diferentes países, siga na ordem do dia. Questionado se o assunto já foi levado a Lula, um porta-voz do Departamento de Estado respondeu que os EUA vão “continuar trabalhando com parceiros na região e ao redor do mundo para apoiar o Haiti na superação do seu conjunto multifacetado de desafios”.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com / Colaborador

ABC do sarcasmo

Estou escrevendo o “ABC do sarcasmo”, impressionante resumo poético debochado deste que é o maior folhetista trocista do mundo cordelista ridículo e gracejador. Já cheguei na letra Z, mas, para isto, tive que começar com a letra A, de AMIGO:

Sejamos objetivos

E deixemos de floreio;

Não tem amigo fiel,

Todos são falsos, eu creio

O raro que é sincero

É o amigo do alheio.

Esta coleção de sextilhas pretende seguir uma temática moderna dos sucedidos na nossa história recente, empanzinada do mais acabado e rematado absurdo. Assim, na letra E, de ENUNCIADO, vai um comentário sobre as últimas manchetes da imprensa nacional:

O supra Deus do Mercado

Na sua declaração

Diz que o teto de gastos

É indispensável à nação

Um fator fundamental

Já o brasileiro, não!

Na mesma pisada, na letra F, de FOME, eu acunho:

Frase de especulador

E urubu de renome:

“Se Lula ajudar ao pobre

Enchendo seu abdome

Acaba nossa mamata

E vamos morrer de fome”

Ainda na letra F, o autor dá uma mostra do que ele pensa sobre si mesmo:

O velho Fábio Mozart

É um modesto cidadão

Tanto que quando morrer

E recolhido ao caixão

Nem assim ele será

O centro da atenção

E segue o folheto nessa linha nem sempre imaginária, onde, aqui e ali, o folhetista larga sua proverbial humildade para se auto exaltar, como se lê na letra I de INTIMIDADE:

Do quadrado dos catetos

Sendo esta exata musa

Sou enfim a somatória

Que tolhe gente obtusa

Pra quem tem intimidade

Me chame de Hipotenusa

Meus fiéis amigos prometem comprar este folheto, o que já me garante zero exemplar vendido. Dependerei dos camaradas infiéis para obter sucesso na colocação do livro no livre mercado, se o tal mercado estiver calmo, sem o estresse do efeito Lula boquirroto. A crítica cordelesca já resume esta obra como um folheto transvanguarda do poema popular da pós-modernidade, seja lá o que isso signifique. Sim, ainda tenho aspiração de me locupletar no novo governo, assumindo o Ministério da Poesia Debochativa e sua utilidade para o controle do comportamento sexual das pessoas. Torçam por mim. Sem camisa amarela, faz favor!

FORÇA POPULAR

Cidadãos também podem sugerir leis

Senado dispõe de ferramenta on-line que permite a qualquer pessoa apresentar propostas aos parlamentares

Ricardo Westin
Agência Senado

Em 1993, a romancista Gloria Perez deu início a um abaixo-assinado de alcance nacional com a ambiciosa pretensão de endurecer a Lei de Crimes Hediondos (Lei 8.072, de 1990), que não abrangia o assassinato. Ela havia acabado de perder a filha, a atriz Daniella Perez, morta a punhaladas pelo casal Guilherme de Pádua e Paula Thomaz.

Em busca de adesão, Gloria recorreu a programas de rádio e TV e a grandes shows de música. Os papéis passavam de mão em mão. Ao fim de três meses, ela conseguiu reunir 1,3 milhão de assinaturas. A romancista viajou a Brasília para entregar os calhamasos ao Congresso Nacional.

O resultado desejado logo chegaria. Em 1994, os parlamentares aprovaram e o presidente Itamar Franco sancionou a transformação do homicídio qualificado em crime hediondo, o que significa que as penas não podem ser aliviadas em nenhuma hipótese.

Se a luta de Gloria Perez pela mudança da lei fosse hoje, ela poderia atingir o mesmo objetivo sem ter que enfrentar o trabalho hercúleo de quase 30 anos atrás. O Senado dispõe de uma ferra-

menta on-line que permite a qualquer cidadão sugerir aos parlamentares, de forma oficial, ideias de lei. A mesma ferramenta se encarrega de receber e contabilizar os registros de apoio.

Trata-se do Portal e-Cidadania. Nele, os próprios cidadãos escrevem as ideias, que se tornam públicas e são avaliadas pela sociedade. Cada sugestão fica num link específico, que costuma ser divulgado nas redes sociais pelo autor e pelos demais interessados. Esse tipo de divulgação é importante porque atrai o apoio popular para a ideia.

Caso
Motivada pelo assassinato da própria filha, a romancista Gloria Perez conseguiu endurecer a Lei de Crimes Hediondos com o apoio e a assinatura de 1,3 milhão de brasileiros



Entrega da proposta da Lei da Ficha Limpa, que reuniu 1,6 milhão de assinaturas em 2009 e foi aprovada no ano seguinte

Senadores também podem “adotar” ideias

Mesmo as sugestões do e-Cidadania que não alcançam os 20 mil cliques de apoio podem ser livremente “adotadas” pelos senadores, caso eles as julguem importantes, sem a necessidade do crivo da CDH, e apresentadas ao Senado como projetos de lei ou propostas de emenda à Constituição. Dez ideias já foram encampadas por parlamentares.

Entre elas, está a sugestão do aposentado Antônio Soares, que tem 81 anos e vive em Maceió. Ela, que foi assumida pelo senador Plínio Valério (PSDB-AM), estabelece que a data de validade dos remédios precisa estar impressa nas embalagens em números

grandes, para facilitar a vida de pessoas como ele, que já não enxergam muito bem por causa da idade (PL 546/2022).

“Eu consegui! Como sou muito pequenino, nunca imaginei que poderia dar certo”, comemorou ele quando soube que a sugestão havia virado projeto.

Ao todo, Plínio Valério já “adotou” três ideias populares do Portal e-Cidadania. “Nós, parlamentares, precisamos valorizar as ideias trazidas pelos cidadãos comuns. Eles sentem no dia a dia problemas graves que muitas vezes nós, aqui de Brasília, não conseguimos enxergar”, afirma o senador, que também é ouvidor-geral do Senado.

Inspirado numa ideia do consultor farmacêutico Carlos Alberto Santarém, do Rio de Janeiro, o senador Alessandro Vieira (PSDB-SE) apresentou um projeto de lei que obriga os sites do poder público e das empresas privadas a conter uma ferramenta que traduza o seu conteúdo do português para a língua brasileira de sinais (Libras), de modo a beneficiar os internautas surdos (PL 1.090/2021). No e-Cidadania, a ideia havia recebido pouco mais de mil cliques de apoio.

Considerando as 28 sugestões admitidas pela CDH e as 10 “adotadas” pelos senadores, até o momento o Portal e-Cidadania permitiu que os

cidadãos colocassem 38 propostas legislativas dentro do Congresso Nacional.

Antes de serem votadas na CDH, as sugestões populares podem embasar discussões de grande interesse público. Motivadas por ideias levadas ao Portal e-Cidadania, o Senado já organizou audiências com especialistas sobre o aborto e a maconha medicinal.

Dez propostas de cidadãos comuns já foram encampadas por parlamentares no Senado Federal

Após os 20 mil cliques, proposta vai para análise

Quando recebe 20 mil cliques de apoio no prazo de quatro meses, a sugestão é automaticamente enviada para a Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH). Essa comissão temática do Senado então decide no voto se a ideia vira um projeto de lei ou uma proposta de emenda à Constituição e passa a ser estudada, discutida e votada pelos senadores como qualquer outra proposta legislativa.

O Portal e-Cidadania foi criado em 2012. Ao longo desses 10 anos, recebeu 105 mil ideias legislativas dos mais variados temas, das quais 225 alcançaram os 20 mil cliques necessários. Até o momento, a CDH transformou 28 em propostas legislativas. Algumas delas ainda estão no Senado. Outras, mais adiantadas, já foram mandadas para a Câmara dos Deputados. É apenas questão de tempo para que alguma vire lei.

Entre as 28 ideias que receberam o aval da CDH e avançam no Congresso Nacional, estão a que proíbe a distribuição de canudos e sacolas de plástico em todo o território nacional (PLS 263/2018), a que acaba com aposentadoria especial para políticos (PEC 53/2019), a que obriga santinhos de campanha eleitoral a serem feitos de material biodegradável (PL 2.276/2019) e a que proíbe fogos de artifício com barulho, para proteger a saúde de autistas, pessoas doentes e animais de estima-

ção (PL 2.130/2019).

“O e-Cidadania é um instrumento que estimula a democracia participativa. Em vez de apenas votarem na eleição e depois assistirem aos seus representantes tomando as decisões, os cidadãos desempenham um papel mais ativo durante o mandato dos políticos, opinando, sugerindo e discutindo. Os cidadãos agora falam diretamente aos seus representantes”, explica o coordenador do e-Cidadania, Alisson Bruno Queiroz.

De Fortaleza, a assistente social Irene Jucá propôs ao Senado que o poder público seja obrigado a criar centros de cuidado integral dos autistas, com especialistas em saúde e educação. A sugestão virou um projeto de lei (PLS 169/2018), que já foi aprovado pelos senadores e agora depende da deliberação dos deputados.

Ela se baseou na própria experiência. Após incontáveis consultas com os mais variados profissionais, Irene só ouviu o diagnóstico de autismo de sua filha quando ela já tinha 21 anos de idade. Isso retardou a adoção dos tratamentos que poderiam garantir à jovem melhor desenvolvimento e mais qualidade de vida. “Fala-se em incapacidade, mas a verdade é que as pessoas autistas são obrigadas a viver em ambientes que não favorecem o seu desenvolvimento”, ela argumenta.

Brasil à frente da Noruega e da Suécia

A jornalista Valéria Castanho, que fez uma tese de doutorado na Universidade do Minho, em Portugal, e na Universidade de Brasília (UnB) a respeito do Portal e-Cidadania, diz que essa ferramenta põe o Senado brasileiro no mesmo nível dos melhores Parlamentos do mundo em termos de participação popular, como o britânico, o escocês e o português.

“O Brasil está à frente até de países como a Noruega e a Suécia, que, apesar de serem consideradas democracias exemplares, não dispõem de plataformas digitais que permitam uma participação popular mais forte no processo legislativo”, compara.

Valéria avalia que o e-Cidadania ainda tem espaço para crescer. A jornalista diz que na Alemanha, sempre que alguma ideia popular recebe um apoio extraordinariamente elevado, o ministro da área relacionada é obrigado a ir ao Parlamento para discuti-la com o cidadão que a propôs e com especialistas no assunto.

Ela lembra que, no Brasil, qualquer projeto de lei é automaticamente engavetado quando fica muito tempo parado. Para que isso não ocorra, alerta, o autor original e os demais interessados precisam estar sem-

pre atentos para, diante do risco de arquivamento, pressionar os parlamentares a votá-lo logo.

As propostas legislativas oriundas da sociedade têm lugar de destaque no Portal Senado Notícias, que criou a seção Projeto do Cidadão. Nas reportagens, os autores contam como tiveram as ideias e por que decidiram submetê-las aos senadores.

“Além de darmos transparência às atividades do Senado, nós procuramos encorajar o cidadão a participar do processo e mostrar que ele também tem o poder de interferir nos rumos do Brasil”, explica o coordenador de edição da Agência Senado, André Falcão.

A legislação prevê que a sociedade pode levar ao Parlamento projetos de lei de iniciativa popular. Para isso, é necessário recolher em todo o território nacional a assinatura de uma porcentagem do eleitorado brasileiro. Essa foi a intenção da romancista Gloria Perez em 1993.

Na prática, contudo, o abaixo-assinado dela não se transformou em projeto de iniciativa popular. Um deputado incluiu a mudança defendida por Gloria — a transformação do assassinato em crime hediondo — numa proposta que já esta-

va em análise. Esse foi o caminho escolhido porque a Câmara dos Deputados não dispunha de funcionários suficientes para verificar a autenticidade de 1,3 milhão de assinaturas.

Uma solução diferente se adotou na proposta da Lei da Ficha Limpa (Lei Complementar 135, de 2010), que tampouco se originou de um projeto de iniciativa popular. Para que oficialmente desse entrada na Câmara, um deputado teve que apresentar a proposta em seu próprio nome. Ela, que reuniu 1,6 milhão de assinaturas em 2009, foi aprovada no ano seguinte.

Ambos os casos foram históricos, mas os volumosos abaixo-assinados serviram mais como instrumentos para pressionar o Congresso Nacional a aprovar as mudanças legislativas.

Em rigor, nunca houve um projeto de lei de iniciativa popular no Brasil.

Com o intuito de tornar a participação popular no Congresso Nacional mais conhecida, o Portal e-Cidadania oferece a escolas e universidades, gratuitamente, oficinas e material didático.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), diretrizes do Ministério da Educa-

ção que devem ser seguidas por todos os colégios do Brasil, cita nominalmente o e-Cidadania como ferramenta capaz de contribuir com a formação cidadã dos jovens.

O portal do Senado adota medidas para impedir que robôs deem cliques de apoio e inflam artificialmente determinadas ideias populares. Cada pessoa precisa se cadastrar previamente. E-mails de domínios suspeitos são recusados.

Os cidadãos que não usam a internet podem ditar as suas sugestões por telefone à Ouvidoria do Senado (0800-061-2211). Aqueles que são surdos podem enviar ao e-Cidadania um vídeo explicando as suas ideias em Libras, para que sejam traduzidas para o português escrito.

Oportunidade de emprego

A TESS Indústria, seleciona Pessoas com Deficiência (PCD) os interessados deverão enviar o currículo para o site jobs.kenoby.com/tess.”



Anchieta Maia, Acrísio Toscano, Romero Rodrigues, Tânia Casteliano, Vitória Lima Queiroga, Donato Henrique, Analine Azevedo, Moema Reis, Marina Palmeira e Rosa Rabello são os aniversariantes da semana.

IMOBILIÁRIA

PARAIBA
PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br

+55 83 99302-7071

CRECI 0362-J

Ezilda Melo e Paloma Leite Diniz são as duas autoras paraibanas que concorrem, como finalistas, ao Prêmio Jabuti 2022. As escritoras têm textos publicados no livro “Direito, Arte e Negritude”, obra do tipo coletânea, cuja temática é o combate à discriminação, ao preconceito e ao racismo, seja ele de qual natureza for.

No capítulo escrito por Ezilda Melo, há destaque para o racismo no Sertão, uma leitura a partir da peça teatral “Festa do Rosário” da sertaneja potiguar, radicada em Campina Grande-PB, Maria de Lourdes Nunes Ramalho. A abordagem entrecruza a colonização do Sertão pelos judeus sefarditas e pelos descendentes de escravos. Mostra as relações tensas em torno de poder e cultura em lugares brasileiros que mais sofrem racismo diante das questões geográficas e de procedência nacional.

José Nunes, Clemente Rosas e Martinho Ramalho são os três escritores que se inscreveram para concorrer à Cadeira de número 30, na Academia Paraibana de Letras, no pleito que vai acontecer no próximo dia 25. A “Casa de Coriolano de Medeiros”, presidida pelo escritor Ramalho Leite, vai preencher a vaga deixada pelo saudoso imortal Otávio Sitônio Pinto.

O Festival da Cultura Quilombola, evento organizado e executado pela Secretaria de Estado da Cultura (Secult-PB), e que está no calendário de eventos da gestão estadual, vai acontecer no Serra do Talhado, em Santa Luzia, no dia 27 deste mês. Antes, no dia 26, haverá uma prévia, uma espécie de chamamento para o festival, com programação artística, na Praça Alcindo Leite (Parque do Forró), no Centro de Santa Luzia, com exibição de filmes e apresentação de grupos de dança. O secretário Damião Ramos, um incentivador da cultura de nosso Estado, está entusiasmado com a região que prima pela valorização de suas raízes culturais.

Os autores Eitel Santiago de Brito Pereira, Ademar Azevedo Régis e João Bosco M. de Sousa lançam o livro “Preito à Semana de Arte Moderna” no dia 30 deste mês, durante sessão na Academia Paraibana de Letras, no Centro da nossa capital. A obra, uma publicação da Editora Ideia, é composta por textos que abordam diferentes aspectos do famoso movimento modernista brasileiro, a conhecida Semana de 22.



O cantor Victor Brizeno (foto) foi anunciado como a atração local da décima edição do Campus Festival, maior evento multicultural da Paraíba. O artista é o quarto nome da noite de shows do festival, que acontece no dia 26 de novembro no Espaço Cultural. Para a noite de shows mais aguardada do ano, o evento trará Natiruts, Charlie Brown Jr. (em comemoração aos 30 anos da banda) e Poesia Acústica. Acesse o www.campusfestival.com.br e confira os locais onde os ingressos podem ser adquiridos.



A desembargadora Fátima Bezerra Cavalcanti, na missa comemorativa à sua posse como presidente do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), é a segunda mulher a ocupar o cargo, nesta gestão que terá quatorze meses de duração. Ela, que tem importante atuação na Justiça do Estado, e ações que beneficiam a mulher, pretende criar a Ouvidoria da Mulher. Na foto, a nova presidente do TRE, Maria de Fátima Bezerra Cavalcanti, entre a sobrinha Lucila, a prima Carla e a netinha.



A presidente do Arquivo Afonso Pereira, Daniella Pereira, na foto com as professoras Thereza Madalena e Bernardina Freire, recepcionou, sempre ao lado da secretária Socorro Ramalho e da ex-reitora do Unipê, Ana Flávia Pereira Medeiros da Fonseca, intelectuais e amigos no lançamento do livro “Cápsulas do tempo - mensagem e arte em cartões”, livro idealizado pela saudosa arquivista Clemilde Pereira, no evento, que aconteceu na casa de recepções Gracejos, no dia 18. A cobertura completa deste evento será publicada no domingo (27).



Aleuda Ferraz da Cruz, na foto com a sobrinha Ilana Ferraz Deker, confirmando presença no passeio que faremos a Cabaceiras, a nossa Roliúde Nordestina. Neste famtur, que faremos no início do mês de dezembro, vamos conhecer o famoso Lajedo Pai Mateus, formação geológica localizada na Serra dos Carós e que, segundo a geógrafa Janete Lins Rodrigues, além de Cabaceiras, só existe na Austrália, na Namíbia e na Argélia.



A diretoria do Convention&Visitors Bureau de João Pessoa, liderada pelo presidente Marcus Abrantes (na foto com o secretário executivo de Turismo de João Pessoa, Ferdinando Lucena), realiza, solenidade alusiva às comemorações de seus 20 anos de história dedicados a economia e ao desenvolvimento do turismo de eventos e negócios da capital paraibana, no auditório do Sesc Cabo Branco, na próxima quarta-feira (23). Claro que marcarei presença.

Selic Fixado em 26 de outubro de 2022 13,75%	Sálário mínimo R\$ 1.212	Dólar \$ Comercial -0,50% R\$ 5,375	Euro € Comercial -0,79% R\$ 5,553	Libra £ Esterlina -0,51% R\$ 6,393	Inflação IPCA do IBGE (em %) Outubro/2022 +0,59 Setembro/2022 - 0,29 Agosto/2022 - 0,36 Julho/2022 - 0,68 Junho/2022 +0,67	Ibovespa 108.799 pts -0,82%
--	---	--	--	---	---	--

BAIXA REPRESENTAÇÃO

Pessoas negras só lideram 8,9% dos negócios formais

Maior parte do empreendedores do estado se definem como pardos ou brancos

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

Apenas 8,9% dos negócios formais de micro e pequeno porte na Paraíba são comandados por pessoas negras. A informalidade das atividades é reflexo de disparidades econômicas e sociais em razão da raça. De acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas da Paraíba (Sebrae-PB), 56,6% dos empreendedores são pardos e 33,5% são brancos.

O artista Isaías Vicente transformou sua arte em empreendedorismo a partir dos conceitos de economia criativa. Ele personifica Jackson do Pandeiro e realiza performances em eventos culturais e turísticos, garantindo assim sua principal fonte de renda. Isaías despertou ao empreendedorismo há seis ou sete anos, mas ainda não se formalizou.

A atividade de economia criativa, que reúne cultura, design e artesanato, entre outras habilidades, vem crescendo no Brasil como fonte de renda. A partir das restrições da pandemia de Covid-19, muita gente transformou *hobby* em trabalho. Com o desemprego da fase mais restritiva da pandemia aumentou o empreendedorismo por uma questão de necessidade.

A relação de Isaías Vicente com a obra de Jackson do Pandeiro apareceu ainda na infância, em uma gincana cultural de



Isaías Vicente é um empreendedor paraibano que usa o talento como fonte de renda

sua escola, na cidade de Alagoa Grande, a mesma do artista conhecido como “O rei do ritmo”.

Em 2014, Isaías interpretou o expoente da cultura paraibana no teatro. Ao assistir palestras do Sebrae sobre economia criativa e ao trabalhar com um amigo que tinha criado um personagem nesse viés, ele decidiu expandir o personagem de Jackson para além dos palcos.

“Há diversos tipos de apresentações. Eu toco, canto e danço e também faço apresentações com trio pé de serra. Então, a forma de apresentação vai depender dos recursos do contratante. O fato de estar sozinho, facilita

a contratação. O preço é mais acessível e o tempo de show, reduzido”, afirma Isaías Vicente.

Mercado de trabalho

A analista da Unidade de Educação Empreendedora do Sebrae Paraíba, Renata Câmara, explica que existe uma concentração de pessoas negras nas camadas de menor poder aquisitivo, o que gera desdobramentos. “Neste contexto, as pessoas têm menos escolaridade e, por consequência, menos acesso ao mercado de trabalho. Para sobreviverem, empreendem da forma que é possível. Todos os fatores contribuem para uma situação de informalidade”.

Conforme o Perfil das Micro e Pequenas Empresas, realizado pelo Sebrae-PB, 35,4% dos empreendedores têm Ensino Fundamental completo e 28,5%, Ensino Médio. O estudo mostra que 52% das empresas funcionaram por até cinco anos sem formalização.

A pesquisa também indica que, entre os motivos que levaram os empresários a abrir um negócio, as respostas foram: oportunidade de mercado (28%), objetivo de aumento de renda (28%), vontade de abrir um negócio (20%) e desemprego (10%).

Caminho para o sucesso é cheio de desafios

Conforme Renata Câmara, no empreendedorismo por necessidade, as pessoas procuram desempenhar uma atividade que está ao seu alcance.

A artesã Nevinha Paiva trabalha com objetos em cerâmica e transforma argila em arte. O ofício ela aprendeu com o esposo Antônio Teixeira, conhecido como Tota do Artesanato, há 47 anos, mas ainda não formalizou a atividade. O casal começou juntos produzindo jarros, potes e filtro de água feitos com cerâmica. Com a queda das vendas, mudaram para peças decorativas e agora priorizam as peças utilitárias de cozinha, como panelas, travessas e moringas, tendo como clientes os restaurantes.

“O que você precisa para uma cozinha, nós podemos fazer”, conta dona Nevinha. Atualmente, ela está trabalhando numa encomenda de cinco mil utensílios domésticos para um restaurante da Inglaterra, mas há clientes de João Pessoa, Natal, Recife, São Paulo e Belo Horizonte.

Para a empreendedora, dos 47 anos de ofício, “24 anos foram de vitória e o resto foi de lapada”, brinca. Ela conta que participou da primeira edição

Estudo do Sebrae-PB mostra que 52% das empresas funcionaram por até cinco anos sem formalização



Peças de cerâmica mudaram a vida de Nevinha Paiva

do Salão de Artesanato da Paraíba e que, com a ajuda do Sebrae, conseguiu fazer diversas capacitações. “Já fiz curso sobre vendas, atendimento ao cliente, vestimentas, entre tantos. E funcionou. O Sebrae incentiva, sabe organizar o negócio e dá aquela força”. Mas a rotina não é simples, aos 69 anos, Nevinha acorda às 4h para trabalhar com o marido. Eles fazem o acabamento de 50 peças e armam mais 50 para finalizar no dia seguinte. “Eu sou uma pessoa criativa, penso positivo, acredito e por isso as coisas estão dando certo, com muito trabalho”.

Renda ainda é baixa

O Perfil das Micro e Pequenas

Empresas, elaborado pelo Sebrae Paraíba, indica que a renda dos empreendedores ainda é baixa. Aproximadamente 75% deles têm rendimento médio de até dois salários mínimos. O dado é preocupante, considerando que 58% ganham até um salário mínimo por mês. Apenas 12% faturam acima de cinco salários mínimos, o maior recorte do estudo.

A Paraíba tem 252.248 negócios de micro a pequeno porte, sendo 160.571 microempreendedores individuais, 64.584 microempresas

e 8.149 empresas de pequeno porte. Outro ponto importante do estudo é que apenas 9,1% dos empreendedores são empregadores. A grande maioria (90,9%) trabalha por conta própria.

Se a renda ainda não é a desejável, isto não impede o desenvolvimento das atividades econômicas. As empresas paraibanas mostram longevidade. A taxa de maturidade das empresas paraibanas é de que 53% delas tem a partir de 3,5 anos de funcionamento. Inclusive, 28% delas têm mais de 10 anos de funcionamento.

Economia em Desenvolvimento

Joao Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

O Poder econômico do futebol

Não é novidade que o futebol possui um poder absurdo de movimentar a economia. Segundo estudo realizado em 2021, onde foi medido o impacto do futebol brasileiro na nossa economia, o esporte movimentou um total de R\$ 52,9 bilhões, o que representa 0,72% do total do PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro, mostrando que R\$ 37,8 milhões são de efeitos indiretos. A consequência disso é que boa parte dos estabelecimentos comerciais (bares e restaurantes) que foram totalmente prejudicados com a pandemia, puderam se beneficiar com a abertura gradual do comércio e a volta do futebol.

Tal estudo procurou entender o futebol brasileiro como indústria, identificando onde esse setor se encontra no cenário econômico e avaliando a sua evolução ao longo dos anos. Com isso, foi percebido um diagnóstico preciso que, efetivamente, mostra a relevância do futebol como negócio e não apenas como lazer.

Se usarmos como referência a maior liga de futebol do mundo, a liga Inglesa, teremos um forte exemplo, afinal, possui a maior audiência e números (finanças) que se tem conhecimento. De acordo com um estudo realizado, a Premier League contribuiu diretamente ao Produto Interno Bruto da economia britânica com 7,6 bilhões de libras entre 2016 e 2017. Além disso, têm-se a criação de 100 mil empregos diretos e indiretos, e 3,3 bilhões de libras pagos em impostos para os cofres da coroa. Isso certamente carimba o protagonismo do esporte na economia.

Copa do Mundo X Economia do Brasil

E hoje é a estreia da Copa do Mundo do Qatar, a edição mais cara da história. O evento custará US\$ 220 bilhões, ou seja, 15 vezes mais que a sediada na Rússia, em 2018. Os efeitos financeiros, no entanto, não afetarão apenas o Qatar e, sim, todos os países, incluindo o Brasil.

A Confederação Nacional do Comércio projetou um crescimento nominal de 7,9% em relação ao faturamento de 2014, ano em que a copa foi disputada em solo brasileiro. Estima-se que com a Copa do Mundo no Qatar devemos movimentar aqui R\$ 20,3 bilhões. É um momento especial para o varejo e para a nossa economia. As estimativas otimistas foram feitas pelo levantamento do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil) e da Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL).

O evento acontecerá pouco depois das eleições, iniciando no dia hoje, 20 de novembro e segue até o dia 18 de dezembro. Então, serão dois grandes eventos consecutivos em um período do ano (último trimestre de 2022) em que a economia já estará efervescida, por conta das festividades natalinas.

Ainda sob a ótica econômica, especialistas acreditam que o impacto da Copa do Mundo na economia brasileira será diferente do normal, levando em consideração alguns pilares: maior nível de consumo - visto que o evento ocorrerá em paralelo com a Black Friday; menor produção - por conta dos jogos que acontecerão em dias úteis, e as empresas e os trabalhadores se mobilizarão para assistir aos jogos; investimentos instáveis - visto que as ações também serão influenciadas pelo desenvolver dos jogos e abertura de vagas de emprego, por conta das oportunidades de emprego temporário.

De fato, não é preciso ser um especialista no assunto para entender que, de fato, não se trata apenas de futebol, mas sim, de um dos grandes pilares econômicos de uma nação. Que venha o Hexa junto com todas essas boas expectativas econômicas!

***Colaboração do amigo administrador e analista de negócios (business analyst) Yuri**

INFRAESTRUTURA E LOGÍSTICA

Condições ruins afetam empresas

Pesquisa mostrou que apenas 25% das indústrias do Norte e Nordeste avaliaram positivamente a estrutura do país

As regiões brasileiras têm uma enorme disparidade em relação às condições de infraestrutura e logística. Essa realidade é evidenciada por pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI), divulgada este mês e que ouviu 2.500 empresários de indústrias de médio e grande portes de todo o país. De acordo com os dados, somente 25% dos entrevistados do Norte e do Nordeste consideram boas ou ótimas as condições de infraestrutura da região.

De outro lado, 64% dos empresários do Sudeste apontam as condições de infraestrutura regional como boas ou ótimas. Em seguida, os empresários da região Sul também mostram satisfação alta, de 57%, seguidos pela região Centro-Oeste, com 46%. A média nacional da pesquisa ficou em 56%.

O principal gargalo de infraestrutura apontado em todas as regiões é o transporte, com média nacional de 73%. No Norte, o índice é ainda maior – de 82%. Na sequência, aparecem o Sul (81% apontam o transporte como maior gargalo), Nordeste (76%), Centro-Oeste (73%) e Sudeste (68%).

“Quando avaliamos a situação das rodovias, ferrovias e portos das regiões Norte e Nordeste fica muito evidente a disparidade na qualidade desses ativos em relação ao Sul e Sudeste. Isso evidencia a necessidade de mais investimentos para reduzirmos o déficit de infraestrutura e o desbalanceamento entre as regiões”, afirma o gerente de Transporte e Mobilidade Urbana da CNI, Matheus de Castro.



O transporte é o principal gargalo de infraestrutura apontado pelos empresários brasileiros em todas as regiões, com média nacional de 73%

Gargalos

A infraestrutura das rodovias foi a maior queixa dos empresários, apontada por 88% dos respondentes do Norte e por 62% do Sudeste. Em seguida, foi mencionada a infraestrutura das ferrovias como sen-

do um dos maiores gargalos para o transporte de carga no país – a maior parte, 40% entre os empresários do Sudeste, e a menor, 18% do Norte. Os dados mostram ainda que os serviços de transporte por rodovias são avaliados como bons ou ótimos

por 46% dos empresários. Entre as regiões, destaca-se o Sudeste, onde 59% consideram os serviços de transporte rodoviário bons ou ótimos. Em contraste aparece o Norte, com índice de somente 9% bom ou ótimo. Quando questionados sobre as

principais obras, os industriais mencionaram a melhora a infraestrutura das estradas – resposta de 49% dos entrevistados no Norte e de 31%, do Centro-Oeste; e ampliação/duplicação de rodovias – opção de 45% dos respondentes do Sul e de 23%, do Sudeste.

Indústrias apoiariam expansão da malha ferroviária no país

Os dados nacionais mostram que 38% das indústrias mudariam a operação de rodovia para outro modal, sendo que 28,5% optariam por transferir a operação para as ferrovias caso houvesse condições de infraestrutura adequadas para o escoamento dos produtos. A substituição dos caminhões por trens é uma preferência mais intensa entre os empresários do Centro-Oeste, seguidos das regiões Sudeste e Sul. Segundo os empresários, a grande vantagem das ferrovias é a redução de custos e a agilidade. Segundo a pesquisa, 32% dos empresários industriais consideram novas autorizações ferroviárias como prioridade para o setor industrial.

A expansão da malha ferroviária foi a escolhida entre os empresários do Nordeste (34%), do Sul (34%) e do Sudeste (31%). Para os respondentes do Centro-Oeste (42%) e do Norte (28%), a conclusão das obras da Ferrovia Norte-Sul é a mais importante medida para o escoamento da produção das indústrias de suas regiões. A avaliação sobre as ferrovias nacionais é positiva para apenas 16% dos entrevistados. No Centro-Oeste está concentrado o maior nível de satisfação, com 22% de bom ou ótimo. Em contrapartida, no Nordeste o índice de bom ou ótimo é de apenas 6% - por lá 45% dos empresários conside-

ram as ferrovias ruins ou péssimas. O custo do frete, por sua vez, representa, em média, 15% do preço final dos produtos. Os empresários do Norte e do Nordeste são aqueles que mais sofrem com este custo: 19% e 18%, respectivamente. Para 66% das indústrias, o preço do frete é elevado. A região Centro-Oeste registra o maior índice, com 78% as empresas classificando como alto ou muito alto. Na sequência aparecem Nordeste (72%), Sul (68%), Sudeste (64%) e Norte (60%).

Portos

Já os serviços portuários são classificados como bons ou ótimos por

39% dos industriais. No Sul, esse índice é de 48%, enquanto no Nordeste, de 34%. A infraestrutura portuária do país é considerada o principal gargalo logístico para as empresas escoarem suas produções destinadas à exportação. O modal rodoviário é indicado apenas para pequenas e médias distâncias, mas segundo a pesquisa somente 48% dos industriais escoam a produção em trajetos com média inferior a 500 quilômetros. As distâncias percorridas, conforme a pesquisa, são de 885 km em média no país. No Norte, há uma enorme distorção, o que reflete a baixa eficiência do transporte na região. Por lá,

34% das empresas dizem que suas mercadorias percorrem distâncias de mais de 2 mil km, enquanto no Sudeste só 4%.

Metodologia

A pesquisa encomendada pela Confederação Nacional da Indústria foi realizada pelo Instituto FSB Pesquisa, que entrevistou 2.500 executivos de grandes e médias empresas industriais, nas 27 unidades da Federação, sendo 500 em cada região. O campo foi feito entre os dias 23 de junho e 9 de agosto. A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos, com intervalo de confiança de 95%.

Principais Dados da Pesquisa

Duas principais obras para melhorar a indústria

- Norte – Melhorar infraestrutura das estradas (49%) e ampliação/duplicação de rodovias (32%)
- Nordeste – Melhorar infraestrutura das estradas (42%) e ampliação/duplicação de rodovias (26%)
- Centro-Oeste – Ampliação/duplicação de rodovias (34%) e melhorar infraestrutura das estradas (31%)
- Sudeste – Melhorar infraestrutura das estradas (34%) e ampliação/duplicação de rodovias (23%)
- Sul – Ampliação/duplicação de rodovias (45%) e melhorar infraestrutura das estradas (36%)

Duas principais obras para melhorar o escoamento da produção das indústrias

- Norte – Conclusão de obras da Ferrovia Norte-Sul no trecho de Tocantins a São Paulo (28%) e novas autorizações ferroviárias (27%)
- Nordeste – Novas autorizações ferroviárias (34%) e conclusão das obras da Fiol no trecho da Bahia a Tocantins (33%)
- Centro-Oeste – Conclusão de obras da Ferrovia Norte-Sul no trecho de Tocantins a São Paulo (42%) e novas autorizações ferroviárias (39%)

- Sudeste – Novas autorizações ferroviárias (31%) e desestatização do Porto de Santos (30%)
- Sul – Novas autorizações ferroviárias (34%) e Concessão das Rodovias Integras, no Paraná (26%)

Condições da infraestrutura para a indústria

- Brasil - boa (47%) ou ótima (9%)
- Sudeste - boa (55%) e ótima (9%)
- Sul - 57% - boa (48%) e ótima (9%)
- Centro-Oeste - 46% - boa (34%) e ótima (12%)
- Nordeste - 25% - boa (22%) e ótima (3%)
- Norte - 25% - boa (23%) e ótima (2%)



APRENDIZADO

Telescópios são construídos na cadeia

Com PVC, cabos de vassoura e outros objetos, reeducandos criam instrumentos para ensinar astronomia nas escolas

Renato Félix
Assessoria SECC/T

Os mistérios do céu fascinam o ser humano desde os tempos da pré-história. E, de olhar para cima em uma noite estrelada, evoluímos para uma observação através de lentes que aproximavam esses objetos celestes – e daí para as viagens espaciais. Esse fascínio é demonstrado muitas vezes das maneiras mais inesperadas. Quem diria, por exemplo, que reeducandos de uma cadeia na cidade de Esperança começariam a construir telescópios que, logo depois, passariam a ser doados para escolas?

Pois isso está acontecendo e o público que frequentou a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, no Espaço Cultural, entre os dias 9 e 12 de novembro, pôde conhecer esse projeto. Cinco telescópios construídos em Esperança estiveram em exposição no estande do Governo do Estado, durante o dia, e um deles foi usado para demonstração à noite. O projeto estará esta semana novamente em João Pessoa, durante a Expotec, que começa na quarta-feira, no Centro de Convenções.

Lindenberg Gonçalves Lima, 47 anos, policial penal de carreira e há um ano e meio diretor da Cadeia Pública de Esperança é o idealizador do projeto. Ele e os quatro apenados participantes viveram um momento particularmente emocionante ao serem convidados para uma sessão no Planetário do Espaço Cultural, que nunca haviam tido a oportunidade de visitar.

“Foi uma experiência fantástica, não só para eles, mas para mim também”, afirma. “Por causa do projeto, eles já conheciam os astros no céu, as constelações, e foram reconhecendo na projeção. Hoje em dia tem muita poluição luminosa, mesmo em Esperança, e aquele que eu vi no Planetário é o céu que eu via quando menino. Tive recordações de quando eu tinha cinco, seis anos de idade”.

Lima é natural da cidade de Queimados, na Baixada Fluminense. E, como disse, é fascinado pelos astros desde criança. “Enquanto o pessoal conversava eu olhava para o céu”, recorda. “Quando fiquei maior, cresceu meu interesse de adquirir conhecimento sobre o assunto. A coisa mais marcante pra mim, que me fez querer conhecer mais a astronomia, foi uma reportagem sobre as sondas Voyager na revista ‘Superinteressante’, em 1999”.

■ O público que frequentou a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, no Espaço Cultural, entre os dias 9 e 12 de novembro, viu tudo de perto

Ele gosta de fazer viagens de moto, mas esse hobby ficou impraticável quando veio a pandemia da Covid-19, em 2020. Então, se voltou para a astronomia. Sempre sonhou em ter um telescópio, e, durante a pandemia, resolveu comprar um. Mas esbarrou na baixa disponibilidade do instrumento nas lojas brasileiras e no preço alto. “A maioria dos telescópios industrializados do Brasil são importados. As lojas que vendiam de repente não tinham em estoque. Parece que todo mundo teve a mesma ideia e isso aumentou o preço”, aposta.

Assim, encontrou outra solução: decidiu ele mesmo construir um, em 2021. Para isso, precisou também estudar e aprender sobre o funcionamento de um instrumento desses. “Não sabia nem qual era o princípio do funcionamento de um telescópio”, confessa. “Estudei quatro meses os conceitos da física, como o da luz no espelho”.

Nessa busca, ele descobriu que o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) tem uma cartilha que mostra como construir um telescópio. E que há no Brasil e no mundo grupos de astrônomos amadores especializados na construção dos próprios telescópios – os Amateur Telescope Making (ATM).

“O pessoal faz muito com impressora 3D. Procurei copiar o modelo das peças com o material que estava ao meu alcance. Raio de roda de bicicleta, cabo de vassoura, canos de PVC, tampa cap, que veda cano de esgoto, restos de madeira MDF.... Até mola de pregador de roupa, eu usei”, explica. Os espelhos – específicos para essa atividade – ainda precisam ser importados, mas já há planos também para a fabricação própria.



Cinco telescópios construídos em Esperança estiveram em exposição, durante o dia, e um deles foi usado para demonstração, à noite



Fotos: Mateus de Medeiros



Idealizador do projeto, o policial penal Lindenberg Lima (ao centro) orienta apenados durante construção de um telescópio

Foto: Arquivo pessoal

“Esse troço vai dar certo mesmo?”

Nesse período de pesquisa e aprendizagem, Lindenberg Lima conversava muito no trabalho sobre o que estava construindo em casa. “O pessoal meio que duvidava e ficava curioso”, lembra. “O pessoal falava: ‘Esse troço vai dar certo mesmo?’. Eu dizia: ‘Vamos ver, vamos testar’”. Ele não falava apenas com os colegas, mas também com os apenados e um deles se mostrou bastante interessado. “Eu disse que a cidade em que ele morava tinha o melhor céu para observação”, diz Lima.

Por causa disso, após o sucesso que o primeiro telescópio fez na cadeia, passaram a construir o segundo lá mesmo. “Este segundo

já começou a gerar curiosidade geral, em todo mundo. Então, pensei: ‘Por que não construir pra doar pra escolas e promover a reeducação desse povo?’”, afirma.

Com um adaptador conectando o celular à ocular do telescópio, eles captaram fotos e vídeos das imagens do espaço pela lente do telescópio. Elas foram enviadas para Paula Frassinetti Nóbrega de Miranda Dantas, titular da 1ª vara mista da comarca de Esperança. “Eu não estava muito confiante de que ela aceitaria fazer esse projeto”, confessa Lima. “Fiz um projeto meio que as pressas, apresentei toda a parte de construção, dos insumos. Mas ela se impressionou com

as imagens e já começou a fornecer capital”.

Em média, um telescópio da Cadeia Pública de Esperança custa R\$ 600 para ser construído. Nas lojas, um de modelo semelhante pode chegar a R\$ 3 mil. Dos já produzidos, cinco já foram doados a escolas públicas da cidade. Um 8mm é intinerante: fica na unidade para o uso dos apenados e também vai a praças públicas para demonstrações com a população.

A Semana Nacional de Ciência e Tecnologia e na Expotec marcam as primeiras vezes em que eles são expostos fora de Esperança, em um projeto que começou há apenas cinco meses, em junho.

Sucesso

Após o sucesso que o primeiro telescópio fez na cadeia, passaram a construir o segundo lá mesmo

Cientistas do Bingo, em Aguiar, querem trocar experiências

“A cereja do bolo é quando o pessoal constata o funcionamento”, conta Lima. “Que algo feito de maneira aparentemente tão simples e artesanal tenha um desempenho tão bom”. Pelos telescópios, já foi possível captar imagens de planetas distantes do Sistema Solar, como Saturno e Urano. “Eu ainda não testei o limite dele. O objeto mais distante

que consegui ver foi a Galáxia do Sombreiro, a 30 milhões de anos-luz”.

Num estande próximo, na Semana de Ciência e Tecnologia, estavam os profissionais do radiotelescópio Bingo, que está em processo de instalação no município de Aguiar. “O professor Amilcar Queiróz nos convidou para uma troca de conhecimentos”, diz. “Foi

muito legal interagir com um projeto tão grandioso como o Bingo”.

A ideia agora é expandir. Ainda na abertura da Semana, os secretários João Alves de Albuquerque (da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária) e Cláudio Furtado (da Educação e da Ciência e Tecnologia), assinaram um acordo de cooperação técnica.

■ A partir de 2023, as escolas de tempo integral da Rede Estadual de Ensino passarão a utilizar os telescópios

Assim, a partir de 2023, as escolas de tempo integral da Rede Estadual de Ensino passarão a utilizar esses telescópios.

“Quero que o projeto chegue ao maior número de reeducandos possível no maior número possível de unidades. E ajudar a fazer com o que nosso estado seja referência nacional com a astronomia nas escolas”, planeja ele. Mas há

também o ganho social de apontar um possível futuro para esses apenados, em uma profissão altamente especializada. “Quando as pessoas sabem que isso é feito no sistema prisional, de onde elas muitas vezes só veem notícias ruins, que é um lugar estigmatizado, isso provoca a paixão delas e dá mais esperança para a ressocialização dos reeducandos”.

CIÊNCIA

PB integra pesquisas sobre a Amazônia

Foram aprovadas 39 propostas pelo Confap; pesquisadores da UFPB estão presentes em três grupos de trabalho

O Conselho Nacional das Fundações de Amparo à Pesquisa (Confap) divulgou na última quinta-feira (17) a lista das 39 propostas de pesquisas aprovadas no primeiro edital da Iniciativa Amazônia +10. Os projetos selecionados – orçados em R\$ 42 milhões –, mobilizarão 137 grupos de pesquisa vinculados a Fundações de Amparo à Pesquisa (FAPs) de 19 Estados brasileiros em estudos colaborativos sobre o território, povos da Amazônia e o fortalecimento de cadeias produtivas sustentáveis. A Paraíba participa de três grupos com três pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

“A participação de três grupos de investigação da Paraíba neste edital demonstra claramente a preocupação institucional do estado em relação ao bioma amazônico. Na verdade, os programas de pós-graduação que já vêm sendo apoiados pela Fapesq dão um passo mais adiante integrando nossos pesquisadores a grupos de outras instituições que também têm essa mesma preocupação no sentido de preservar a Amazônia, entendendo a ciência como universal”, ressaltou Roberto Germano, presidente da Fundação de Apoio à

Pesquisa da Paraíba (Fapesq).

Os pesquisadores da UFPB vão integrar grupos nos projetos: Mudanças climáticas e a sociobiodiversidade amazônica: perspectivas da herpetofauna (pesquisador Daniel Oliveira Mesquita); Inov’Açaí - Co-construção de conhecimentos, inovações e políticas públicas para sustentabilidade da produção comunitária na Bioeconomia Amazônica (Eliane Superti); e Riscos zoonóticos em regiões de degradação ambiental do bioma Amazônia: Entendendo o microbioma e o viroma Amazônicos (Eloiza Helena Campana).

“Difícilmente poderia ser um dia mais auspicioso. Durante a COP 27 o mundo todo olha para o Brasil, porque somos uma parte importante da economia mundial e porque nosso território detém 60% da floresta tropical da Amazônia. E todos esperam medidas de proteção”, afirmou Marco Antonio Zago, presidente da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), no evento de apresentação dos projetos selecionados. “A preservação não se fará por um conjunto de pessoas; as alternativas têm de ser construídas pela lógica da ciência.”

Regra do edital permite troca de experiências entre pesquisadores

A chamada previu que cada uma das propostas submetidas fosse apresentada por pesquisadores de pelo menos três estados, representados pelas FAPs que aderiram à chamada: São Paulo, Amazonas, Rio de Janeiro, Pará, Paraná, Maranhão, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Amapá, Distrito Federal, Alagoas, Goiás, Paraíba, Pernambuco, Rondônia, Espírito Santo, Piauí, Santa Catarina, Acre e Tocantins. E exigiu, também, que pelo menos um dos pesquisadores signatários da proposta fosse vinculado a instituição de ensino superior ou de pesquisa, ou ainda a empresas com sede na região da Amazônia Legal.

A regra estimulou que pesquisadores da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) contassem com a cooperação de pesquisadores das universidades Estadual de Londrina (UEL) e Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) na análise de resíduos de plantas para o desenvolvimento de bioativos microbianos. E que o Instituto Butantan colaborasse com pesquisadores da Universidade Federal do Acre (Ufac) e da Fundação de Medicina Tropical Dr. Heitor Vieira Dourado (FMT-HVD), no Amazonas, no desenvolvimento de estudos que permitam avançar no tratamento de acidentes ofídicos.

Aos recursos das FAPs, somaram-se os do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). “Aportamos R\$ 12 milhões para bolsas, com a promessa de que vamos contribuir também com mais prota-



Profissionais de diferentes regiões trocam colaborações

Inovação

Foi a primeira vez que as Fundações de Amparo à Pesquisa se reuniram para criar um programa único

as FAPs se reuniram para criar um programa próprio, com uma ideia que partiu da Fapesp e foi trazida ao Confap, que a acolheu e a colocou em prática em prazo curto”, disse Odir Dellagostin, presidente do Confap.

“É apenas o primeiro passo. Muitos frutos serão colhidos por essa mobilização”. Essa estratégia de colaboração permitiu que pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), do Instituto Evandro Chagas, no Pará, e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no Amazonas, estudem em conjunto o impacto da degradação ambiental na dinâmica de circulação de vírus emergentes e reemergentes na região amazônica, no âmbito de um dos projetos apoiados pelo edital.



Paraibanos mergulham na realidade amazônica para explorar novos ramos de pesquisa naquela região

Fortalecimento das cadeias produtivas é ponto de estudos

O novo modelo de cooperação permitirá que pesquisadores das universidades de São Paulo (USP), Federal do Amapá (Unifap) e Federal Fluminense (UFF) investiguem a geração e integração de energia de biomassa e fotovoltaica com o fortalecimento de cadeias produtivas em comunidades isoladas no estuário do rio Amazonas.

Carlos Américo Pacheco, diretor-presidente do Conselho Técnico-Administrativo da Fapesp, sublinhou que, apesar das dificuldades, 40% dos recursos para o financiamento dos projetos aprovados vêm dos Es-

tados da Amazônia Legal. “Sabemos que os orçamentos das FAPs da Região Norte correspondem a menos de 40% do total do Brasil. É um esforço significativo que demonstra o protagonismo da Região Norte.”

“Nada para nós sem nós. Uma boa política pública tem que ser pensada para nós e conosco”, disse Márcia Mavignier, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam). “A Iniciativa Amazônia +10 surgiu de uma ousadia competente, de um conjunto de pessoas que trabalham para pensar na solução de problemas para a nossa sociedade.”

A Iniciativa Amazônia +10 surgiu da ousadia de pessoas que pensam em soluções

Márcia Mavignier

GRUPOS COM PARTICIPAÇÃO DA PARAÍBA

- Mudanças climáticas e a sociobiodiversidade amazônica: perspectivas da herpetofauna
- Amazonas: Fernanda de Pinho Werneck / Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA)
- Paraíba: Daniel Oliveira Mesquita / Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
- Paraná: Fabricius Maia Chaves Bicalho Domingos / Universidade Federal do Paraná (UFPR)
- São Paulo: Tiana Kohlsdorf / Universidade de São Paulo (USP)
- Tocantins: Thiago Costa Gonçalves Portelinha / Universidade Federal do Tocantins (UFT)
- Inov’Açaí - Co-construção de conhecimentos, inovações e políticas públicas para sustentabilidade da produção comunitária na Bioeconomia Amazônica
- Amapá: Paulo Gustavo Pellegrino Correa / Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)
- Distrito Federal: Janaina Deane de Abreu Sá Diniz / Universidade de Brasília (UnB)
- Pará: Hervé Louis Ghislain Rogez / Universidade Federal do Pará (UFPA)
- Paraíba: Eliane Superti / Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
- Riscos zoonóticos em regiões de degradação ambiental do bioma Amazônia: Entendendo o microbioma e o viroma Amazônicos
- Amapá: Emerson Augusto Castilho Martins / Universidade Federal do Amapá (UNIFAP)
- Amazonas: Maria Paula Gomes Mourão / Fundação de Medicina Tropical Dr. Heitor Vieira Dourado (FMT-HVD)
- Goiás: Mariana Pires de Campos Telles / Universidade Federal de Goiás (UFG)
- Paraíba: Eloiza Helena Campana / Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
- Rio Grande do Sul: Fabricio Souza Campos / Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FRRGS)
- Rondônia: Juan Miguel Villalobos Salcedo / Fundação Oswaldo Cruz (RO)
- Santa Catarina: Glauber Wagner / Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
- São Paulo: Camila Malta Romano / Universidade de São Paulo (USP)
- Tocantins: José Carlos Ribeiro Júnior / Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)
- A lista de projetos aprovados e mais informações está disponível em: www.amazonia-maisdez.org.br/.
- Com informações da FAPESP

Ilustração: Tonio



COPA 2022

Todos os olhos hoje no Qatar

Cerimônia de abertura acontece a partir das 12h (horário de Brasília) e, logo após, haverá o primeiro jogo pelo Grupo A, envolvendo o país sede e o Equador



Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Hoje tem início a maior competição de futebol do mundo com o jogo Qatar x Equador, pelo Grupo A, a partir das 13h (horário de Brasília), após a cerimônia de abertura no Estádio Al Bayt, este com capacidade para 60 mil torcedores, ficando atrás apenas do Estádio de Lusail, que receberá a final da competição e terá estrutura para 80 mil espectadores. Tradicionalmente realizada na Europa e Amé-

rica do Sul, a Copa chega ao Oriente Médio, no Qatar, e vai reunir 32 países que jogarão em oito grupos de quatro seleções. No G, onde está o Brasil, disputam também Sérvia, Suíça e Camarões. É a primeira vez que um país do Oriente Médio sediará o torneio no qual a seleção Brasileira jogará pelo hexacampeonato. Em campo, as principais estrelas do futebol mundial como o brasileiro Neymar, o francês Mbappé, o argentino Lionel Messi e o português Cristiano Ronaldo. Os jogos do Brasil na competição acontecem nos dias 24/11 às 16h, 28/11 às 13h e 2/12 às 16h, contra as seleções da Sérvia, Suíça e Camarões respectivamente.

Apesar de rico e muito bem estruturado, o país sede tem recebido críticas. É que o Qatar é conhecido pelas regras conservadoras. No lugar, relações homossexuais são consideradas crime, podendo haver pu-

nição com castigo físico, prisão e até deportação, em caso de estrangeiros.

Os torcedores que terão a oportunidade de estar no Mundial devem ficar atentos, já que o uso de camisas, blusas curtas, decotes e peças de roupas que exponham muito o corpo deve ser evitado, além disso, o consumo de cerveja acabou sendo proibido nos estádios e arredores, sendo limitado em outros locais com horários estabelecidos. Por ser um país de clima desértico com temperaturas que ultrapassam os 40°C nos meses de junho e julho, a data do Mundial precisou ser alterada para não prejudicar as seleções e oferecer mais conforto aos visitantes.

Abertura

Será no Estádio Al Bayt a cerimônia de abertura do Mundial, que deve ter início a partir de 12h (horário de Brasília). Entre as atrações confirmadas pela Fifa e pelo Comitê Organiza-

dor, estão Nora Fatehi, cantora e atriz canadense e o também cantor americano Lil Baby, a dupla deve apresentar o hino oficial do torneio. Apresentações da dança que fazem referência à cultura do país anfitrião também estão na programação. Participa da festa de abertura também o cantor Jungkook, integrante do BTS, grupo sul-coreano de sucesso mundial. Os artistas Dua Lipa e Rod Stewart, apesar de convidados, alegaram não concordar com a postura do país em relação aos direitos humanos,

Em entrevista coletiva em abril, a Fifa deu detalhes sobre os prêmios das seleções pela participação no torneio do Qatar. A organização do Mundial anunciou o valor de US\$ 1,5 milhão (cerca de R\$ 8,2 milhões) para todas as equipes antes da competição, para cobrir despesas decorrentes dos preparativos. Mas não é só isso, há premiação para cada etapa do campeonato. As equipes eli-

minadas na fase de grupos levam US\$ 9 milhões (quase R\$ 50 milhões) e o campeão US\$ 42 milhões (quase R\$ 225 milhões).

Sobre o Qatar

O Qatar é um país do Oriente Médio com grande força econômica. O país árabe, oficialmente chamado de Estado do Qatar, corresponde a um emirado, ou seja, é um território administrado pelo membro da classe dominante, o emir. Localiza-se na Península Arábica na Ásia Continental, correspondendo a uma área de aproximadamente 11.610 km² até o norte do Golfo Pérsico, fazendo fronteira com a Arábia Saudita. A população é de aproximadamente 2.743.901 habitantes, sendo 75% deste total formado por estrangeiros, especialmente indianos. No país, há também comunidades do Nepal, Filipinas e Paquistão e cerca de 800 brasileiros vivendo no Qatar.



Neymar, Messi, Cristiano Ronaldo, e Mbappé são as principais estrelas que estarão desfilando no Oriente Médio durante a semana

Foto: @neymarjr

Foto: @leomessi

Foto: @cristiano

Foto: @k.mbappe

MUNDIAL NO QATAR

Segurança é a maior prioridade

Centro de controle monitora em tempo real os oito estádios do torneio, usando 15 mil câmeras e sistema de inteligência



José Miguel Pascual Labrador
EFE

Com 1,5 milhão de visitantes esperados em um país com uma população de três milhões, a segurança é uma das prioridades dos organizadores da Copa do Mundo do Qatar 2022, que desenvolveram um centro de controle a partir do qual vão monitorar simultaneamente os oito estádios do torneio usando 15 mil câmeras e sistemas de inteligência artificial.

Pela primeira vez na história das Copas do Mundo, a maioria dos estádios está localizada em um raio de apenas 70 quilômetros, concentrada na região da capital, Doha.

O governo do Qatar decidiu, portanto, projetar o “Centro de Comando e Controle Aspire”, uma moderna sala de controle a partir da qual todos os locais da Copa do Mundo, tanto dentro como ao redor dos estádios, podem ser gerenciados simultânea e remotamente, graças à medição intensiva de cada parâmetro e a um sistema de

digitalização que gera uma réplica virtual das infraestruturas.

O diretor deste sistema de controle, Hamad Ahmed al-Mohannadi, explicou em entrevista à Agência EFE que esta é “a primeira vez” que um sistema tradicionalmente usado “em centros de segurança ou relacionado a atividades militares” é aplicado a um evento esportivo.

Única Plataforma

Os diferentes sistemas instalados são unificados em uma única plataforma que gerencia todas as informações que recebem em tempo real e as exibe em telas gigantes que são analisadas por mais de 80 trabalhadores “24 horas por dia, sete dias por semana”.

Ahmed al-Mohannadi afirmou que a equipe de trabalho vem recebendo treinamento especializado há quase três anos - o único teste real aconteceu na Copa das Nações Árabes em 2021 - a fim de poder administrar todas as variáveis possíveis sob situações estressantes.

As notificações de incidentes chegam ao centro de controle quando parâmetros como temperatura, pressão ou espaço ficam fora dos valores que eles definem como “operação adequada”.

Desta forma, eles ativam os procedimentos necessários para lidar com os problemas se for um incidente

menor. Caso seja um incidente maior, os sistemas estão conectados aos serviços de emergência para que seja iniciada uma intervenção imediata. As forças de segurança do Qatar serão apoiadas por de países como Turquia, Reino Unido, Itália e Paquistão.

É desse centro de controle que serão monitoradas as multidões nas entradas, com medição do número de pes-

■ **Informações processadas por diferentes sistemas são exibidas em telas gigantes e analisadas por mais de 80 trabalhadores 24 horas por dia**

soas que devem entrar por cada portão dos estádios. Câmeras de segurança e estatísticas ajudarão a equipe de trabalho a saber se os espectadores já entraram ou quantos ainda têm que fazê-lo.

Hayya Card

O chefe de operações do Estádio Al Janoub, William Morales, enfatizou que o nível de resolução das câmeras

será muito alto, o que tornará possível reconhecer claramente os rostos dos torcedores a longa distância.

Morales advertiu que será necessário ter o sistema ‘bluetooth’ ativado em celulares para mostrar o chamado Hayya Card, documento para torcedores essencial para entrar no país e se deslocar durante as datas da Copa, pois ele só será concedido àqueles que tiverem hospedagem e ingressos para ao menos uma partida.

Isso tornará possível acompanhar o número exato de torcedores nas proximidades do estádio, o portão pelo qual eles devem entrar ou se houver multidões em qualquer ponto.

Em relação ao limite entre segurança e respeito à privacidade individual, o chefe de tecnologia do Centro de Comando e Controle, Niyas Abdulrahiman, assegurou a EFE que o desenvolvimento tecnológico e a aplicação são “cruciais” para as operações, mas o objetivo também é que tudo “funcione da maneira correta sem interferir nos torcedores”.

Diante da possibilidade de receber ciberataques que possam alterar o funcionamento do sistema, Abdulrahiman se mostrou confiante com o protocolo elaborado a respeito. Ele confia que foram escolhidos ferramentas, pessoas e sistemas certos para completar uma equipe de especia-

listas: “Queremos tentar reduzir os riscos contra essas ameaças”.

Campanha

Neymar, Alisson, Kaká, Lionel Messi e Cristiano Ronaldo, entre outras estrelas do futebol, contribuíram para os vídeos de lançamento da campanha “Futebol Une o Mundo”, elaborada pela Fifa.

■ **Campanha “Futebol Une o Mundo” elaborada pela Fifa destaca a capacidade inigualável do futebol unir pessoas**

A campanha, que “destaca a capacidade inigualável do futebol para unir as pessoas” e se prolongará durante toda a Copa do Mundo no Qatar, também conta com a participação de Karim Benzema, Hassan Al-Haydos, Lucy Bronze, Didier Drogba, Giulia Gwinn, Robert Lewandowski, Carli Lloyd, Édouard Mendy e Emmanuel Petit.

Para o presidente da Fifa, Gianni Infantino, “o futebol une as pessoas como nenhuma outra coisa, e o Copa do Mundo será uma celebração dessa unidade e paixão pelo jogo que tanto amamos”.

“Embora o futebol seja e deva ser o nosso principal foco, a Copa do Mundo de futebol é também sobre valores que se estendem muito além do campo de jogo. Estamos muito satisfeitos que as estrelas do futebol de ontem e de hoje tenham se juntado a nós para proteger, fomentar e promover estes valores fundamentais, que são tão importantes para os bilhões de pessoas que se emocionam com o futebol em todo o mundo”, acrescentou Infantino.

“A campanha está aí para celebrar o futebol e os jogadores nos deram o início ideal, mas o nosso esporte é também sobre os torcedores. Queremos que eles façam parte da celebração global, e é por isso que estamos convidando os torcedores de todo o mundo a mostrar a sua paixão pelo futebol nas redes sociais, dando um exemplo de como o futebol une o mundo”, comentou o mandatário da entidade.

Segundo Infantino, a FIFA selecionará algumas das melhores imagens e as exibirá durante a Copa do Mundo, que começa neste domingo, com a partida de abertura entre Qatar e Equador.

Foto: EFE/Alberto Estévez



Esta será a primeira vez que um sistema tradicionalmente usado em centros de segurança ou relacionado a atividades militares é aplicado a um evento esportivo

FORA DAS QUATRO LINHAS

No Qatar, 32 técnicos buscam a glória

De Didier Deschamps, que sonha com o bicampeonato, a novato canadense, conheça o perfil dos profissionais



Óscar González
EFE

A cada quatro anos, o debate sobre técnicos na Copa do Mundo volta em torno sobre os que foram jogadores ou não, este segundo caso, como o de John Herdman, da seleção no Canadá, que foi criticado no país, e não está no grupo de um terço dos comandantes que disputaram o torneio como atletas.

O próprio comandante da equipe nacional, que jogou futebol não profissionalmente na Inglaterra, país em que nasceu, admitiu que existe um peso por não ter sido um atleta de alto nível na modalidade.

“Você é um bom técnico, mas nunca viveu a experiência de jogar diante de 60 mil pessoas, por isso, nunca chegará ao nível máximo”, afirmou o ex-técnico das seleções femininas de Nova Zelândia e Canadá, assim como das divisões de base do Sunderland.

Na Copa do Mundo do Qatar existe uma variada gama de técnicos, encabeçada pelo francês Didier Deschamps, que venceu o torneio como jogador e capitão, em 1998, e como treinador, quatro anos atrás, passando por Tite, talentoso meia que precisou encerrar a carreira por lesão, e novatos como Herdman.

Ao todo, dez comandantes estiveram no torneio como jogadores, enquanto 11 vão à Copa pela segunda vez como técnicos. Confira o perfil dos técnicos da Copa do Mundo de 2022:

Grupo A:

Qatar: Félix Sánchez (Espanha) - Com 21 anos, já trabalhava nas divisões de base do Barcelona. Partiu para o Qatar em 2006, chegando na Academia Aspire de formação de talentos, para depois passar à federação e assumir a seleção, em julho de 2017.

Equador: Gustavo Alfaro (Argentina) - Na curta trajetória de quatro anos como jogador profissional, foi meia que chegou a atuar no Atlético Rafaela, na segunda divisão argentina. É técnico desde 1992, e assumiu a seleção equatoriana após deixar o Boca Juniors.

Holanda: Louis van Gall - Foi um discreto meia que, sem espaço no Ajax de Cruyff e Neeskens, partiu para a Bélgica e depois viveu melhor fase no Sparta Rotterdam. Se aposentou com 35 anos e ganhou chance como auxiliar no Ajax, onde se consolidou como técnico. Está na terceira passagem pela seleção da Holanda e vai para segunda Copa.

Senegal: Aliou Cissé - Como meia, fez parte da surpreendente seleção que bateu a França na abertura do Mundial de 2002. Vai para a segunda Copa como técnico, depois de ficar na primeira fase com os senegaleses, que

receberam o prêmio Fair Play da competição.

Grupo B:

Inglaterra: Gareth Southgate - Histórico zagueiro da seleção inglesa, disputou as Copas de 1998 e 2002 e vai para o segundo Mundial como técnico, após ter levado à Inglaterra ao quarto lugar na Rússia, quatro anos atrás.

Irã: Carlos Queiroz (Portugal) - Por seis anos, quando jovem, foi goleiro da Ferrovária de Nampula, de Moçambique, mas encerrou a carreira aos 22, quando se mudou para Portugal. Vai para a segunda Copa com o Irã, depois da edição de 2014, no Brasil.

Estados Unidos: Gregg Berhalter - Zagueiro que jogou 15 anos na Europa, disputou uma partida da Copa do Mundo de 2002 e foi convocado para a edição de 2006. Primeiro jogador de Crystal Palace a ser chamado para o torneio, vai estreiar como técnico.

País de Gales: Rob Page - O substituto de Ryan Giggs no banco de reservas galês, foi um zagueiro que atuou 41 jogos pela seleção e em mais de 500 partidas do Campeonato Inglês.

Grupo C:

Argentina: Lionel Scaloni - Começou como lateral-direito e se tornou meia, posição em que virou ídolo no Deportivo La Coruña. Foi campeão do mundo sub-20 e disputou a Copa de 2006, em que fez um jogo. Quatro anos atrás, na Rússia, fazia parte da comissão técnica de Jorge Sampaoli.

Arábia Saudita: Hervé Renard (França) - Zagueiro que atuou com Zinedine Zidane no Cannes, mas que só disputou uma partida da primeira divisão do Campeonato Francês. Vai para a segunda Copa como técnico, quatro anos após comandar o Marrocos.

México: Gerardo Martino (Argentina) - Meia habilidoso, é ídolo no Newell's Old Boys e chegou a disputar um Mundial sub-20, em 1981, com a Argentina. Volta à Copa como técnico, após levar o Paraguai até às quar-

tas de final, em 2010.

Polônia: Czesław Michniewicz - Apelidado de “Mourinho polonês”, foi atacante de pouca expressão no futebol do país do Leste Europeu. Assumiu a seleção neste ano, para substituir o português Paulo Sousa.

Grupo D:

França: Didier Deschamps - Junto com Zagallo e Franz Beckenbauer, é um dos três técnicos que venceu Copa como jogador e técnico. De capitão dos ‘Bleus’ em 1998, virou comandante em 2018, alcançando o mesmo resultado, o título.

Austrália: Graham Arnold - Foi atacante da seleção da Austrália, tendo sido o maior artilheiro do país em 1986. Também jogou na Holanda, Bélgica e Japão. Foi auxiliar de Guus Hiddink na participação dos ‘Socceroos’ na Copa de 2006 e volta ao Mundial, 16 anos depois.

Dinamarca: Kasper Hjulmand - Lateral-direito que teve que se aposentar dos gramados aos 26 anos, após passar pela nona operação em um dos joelhos. Admirador confesso de Cruyff e Guardiola, chegou ao coman-

do da seleção dinamarquesa, em agosto de 2020.

Tunísia: Jalel Kadri - Jogador de modestos clubes tunisianos, se tornou técnico da seleção de forma interina em janeiro deste ano e foi efetivado após a demissão de Mondher Kebaier. A classificação nas Eliminatórias, com vitória sobre Mali, o alçou ao status de ídolo.

Grupo E:

Espanha: Luis Enrique - A polivalência em campo, o levou para três Copas, de 1994, 1998 e 2002. Na primeira delas, acabou virando imagem icônica, ao levar uma cotovelada do italiano Mauro Tassotti. Entrou para a história por protagonizar lance que, pela primeira vez, fez a Fifa utilizar o vídeo para revisar marcação de árbitro.

Costa Rica: Luis Fernando Suárez (Colômbia) - Zagueiro ou volante do Atlético Nacional, foi campeão da Taça Libertadores e do Mundial Interclubes. Vai para a terceira Copa do Mundo, após comandar o Equador, em 2006, e Honduras, em 2014.

Alemanha: Hansi Flick - Volante que fez 104 jogos pelo



Didier Deschamps foi campeão como jogador em 1998 e como técnico em 2018, pela França, e trabalha para buscar uma nova consagração no Mundial do Qatar

Bayern de Munique, defendeu apenas a seleção alemã sub-18, tendo se aposentado aos 28 anos. Virou auxiliar de Joachim Löw, sendo o responsável pela estratégia na Copa de 2014, vencida pelo ‘Mannschaft’.

Japão: Hajime Moriyasu - Foi volante que ficou fora da Copa do Mundo de 1994, graças a um gol sofrido no fim do jogo decisivo com o Iraque, nas Eliminatórias. Assumiu a seleção principal japonesa após bom trabalho nos Jogos Olímpicos de 2020.

Grupo F

Bélgica: Roberto Martínez (Espanha)- Meia ofensivo, que fez apenas um jogo na primeira divisão do Campeonato Espanhol, quando jogava pelo Zaragoza. Foi atuar no Campeonato Inglês, onde, depois, virou técnico, começando no Swansea. Volta à Copa, quatro anos depois de levar os belgas ao terceiro lugar, na Rússia.

Canadá: John Herdman- Nome mais emblemático da lista, o professor de Educação Física, com 23 anos, foi cofundador de uma academia de futebol brasileiro no Sunderland. Foi bronze olímpico com seleção feminina da Nova Zelândia, em 2012. Depois, chegou ao futebol canadense, primeiro na equipe nacional de mulheres, depois, na de homens.

Marrocos: Walid Regragui - Ex-lateral-direito da seleção marroquina, chegou a disputar a primeira divisão do Campeonato Espanhol. Ganhou fama como técnico ao levar o Wydad Casablanca ao título da Liga dos Campeões da África, até chegar à seleção para substituir o bósnio Vahid Halilhodzic.

Crócia: Slatko Dalic - O volante, que conquistou a Copa da Iugoslávia, em 1984, nunca atuou pela seleção do país, atualmente extinto. Como técnico, volta à Copa do Mundo, quatro anos depois de levar ao vice mundial, na Rússia, quatro anos depois.

Grupo G:

Brasil: Tite - Meia técnico, vice-campeão brasileiro em 1986, com o Guarani, que se aposentou com apenas 28 anos. No Qatar, terá a segunda chance em um Mundial,

após eliminação nas quartas de final, em derrota para a Bélgica.

Sérvia: Dragan Stojkovic - Um dos maiores nomes do futebol sérvio, tendo sido craque como jogador, presidente da federação nacional e, depois, técnico. Disputou Copa como atleta, em 1990 e em 1998, primeiro com a Iugoslávia, depois com Sérvia e Montenegro.

Suíça: Murat Yakin - Zagueiro e capitão do Basel, chegou a atuar no Campeonato Alemão e foi referência da seleção, junto com o irmão Hakan Yakin. Disputou 49 partidas com a seleção nacional e é técnico desde o ano passado.

Camarões: Rigobert Song - Zagueiro e lenda da seleção camaronesa, pela qual fez 137 jogos. Foi o primeiro jogador da história a ser expulso em duas diferentes edições da Copa - depois, se juntou a ele o francês Zinedine Zidane. Em março deste ano, assumiu como técnico dos Leões Indomáveis.

Grupo H:

Portugal: Fernando Santos - Ex-zagueiro, que fez 161 jogos pela primeira divisão do Campeonato Português, a maioria deles pelo Estoril. Vai para a terceira Copa do Mundo, após dirigir a Grécia, em 2014, e Portugal, quatro anos atrás.

Gana: Otto Addo - Nasceu em Hamburgo, na Alemanha, país onde fez carreira como jogador, tendo chegado a disputar a Copa de 2006. Virou técnico da seleção ganesa em setembro do ano passado, contratado junto ao Borussia Dortmund, em que trabalhava nas divisões de base.

Uruguai: Diego Alonso - Atacante com faro de gols, vice-campeão da Liga dos Campeões com o Valencia, em 2001, só fez oito jogos pela seleção uruguaia. Disputará uma Copa do Mundo pela primeira vez.

Coreia do Sul: Paulo Bento (Portugal). Meia incansável, atuou pela seleção portuguesa em 35 partidas, três delas, na Copa do Mundo de 2002. O ex-técnico do Cruzeiro estreia no torneio como comandante.



Tite fracassou em 2018 e sonha com a consagração este ano

LEWANDOWSKI

Polonês aponta os favoritos ao título

Atacante vê Brasil, Argentina, Espanha e França em alto nível para brilhar no Mundial, que começa hoje



EFE

O atacante Robert Lewandowski, capitão da seleção polonesa, apontou, na sexta-feira, Brasil, Argentina, Espanha e França como favoritos ao título da Copa do Mundo, que terá início neste domingo, no Qatar. O astro do Barcelona, melhor jogador do mundo no ano passado, concedeu entrevista coletiva em Doha, em que analisou os adversários na competição. "As equipes mais fortes são Brasil, Argentina, Espanha e França. Estes são os favoritos", afirmou o goleador.

Lewa falou mais, embora com cautela, sobre a 'Albiceleste', que será uma das adversárias da Polônia na fase de grupos, em encontro marcado para acontecer no próximo dia 30. "É complicado falar do jogo com a Argentina com duas partidas antes. Os dois primeiros jogos podem ser cruciais para o duelo com a Argentina. Estamos focados no México", disse o goleador, em referência ao adversário da estreia polonesa. "Esperamos começar com nota alta. O México tentará nos complicar. É um jogo muito importante para nós. Somos conscientes do potencial que tem nossos adversários. Não somos favoritos. Estou certo que mostraremos nossa melhor versão", completou.



O polonês, de 34 anos, acredita que será o seu último Mundial e aguarda ansioso pelo confronto contra a Argentina, no próximo dia 30

TABELA - COPA DO MUNDO 2022

Grupo A domingo, 20/11 - 13h segunda-feira, 21/11 - 13h sexta-feira, 25/11 - 10h sexta-feira, 25/11 - 13h terça-feira, 29/11 - 12h terça-feira, 29/11 - 12h	Catar ☐ ☒ Equador Senegal ☐ ☒ Holanda Catar ☐ ☒ Senegal Holanda ☐ ☒ Equador Holanda ☐ ☒ Catar Equador ☐ ☒ Senegal
Grupo B segunda-feira, 21/11 - 16h segunda-feira, 21/11 - 16h sexta-feira, 25/11 - 7h sexta-feira, 25/11 - 16h terça-feira, 29/11 - 16h terça-feira, 29/11 - 16h	Inglaterra ☐ ☒ Irã EUA ☐ ☒ País de Gales País de Gales ☐ ☒ Irã Inglaterra ☐ ☒ EUA País de Gales ☐ ☒ Inglaterra Irã ☐ ☒ EUA
Grupo C terça-feira, 22/11 - 7h terça-feira, 22/11 - 13h sábado, 26/11 - 10h sábado, 26/11 - 16h quarta-feira, 30/11 - 16h quarta-feira, 30/11 - 16h	Argentina ☐ ☒ A. Saudita México ☐ ☒ Polônia Polônia ☐ ☒ A. Saudita Argentina ☐ ☒ México Polônia ☐ ☒ Argentina A. Saudita ☐ ☒ México
Grupo D terça-feira, 22/11 - 16h terça-feira, 22/11 - 16h sábado, 26/11 - 7h sábado, 26/11 - 13h quarta-feira, 30/11 - 12h quarta-feira, 30/11 - 12h	Dinamarca ☐ ☒ Tunísia França ☐ ☒ Austrália Tunísia ☐ ☒ Austrália França ☐ ☒ Dinamarca Tunísia ☐ ☒ França Austrália ☐ ☒ Dinamarca
Grupo E quarta-feira, 23/11 - 10h quarta-feira, 23/11 - 13h domingo, 27/11 - 7h domingo, 27/11 - 16h quinta-feira, 01/12 - 16h quinta-feira, 01/12 - 16h	Alemanha ☐ ☒ Japão Espanha ☐ ☒ Costa Rica Japão ☐ ☒ Costa Rica Espanha ☐ ☒ Alemanha Japão ☐ ☒ Espanha Costa Rica ☐ ☒ Alemanha
Grupo F quarta-feira, 23/11 - 7h quarta-feira, 23/11 - 16h domingo, 27/11 - 10h domingo, 27/11 - 13h quinta-feira, 01/12 - 12h quinta-feira, 01/12 - 12h	Marrocos ☐ ☒ Croácia Bélgica ☐ ☒ Canadá Bélgica ☐ ☒ Marrocos Croácia ☐ ☒ Canadá Croácia ☐ ☒ Bélgica Canadá ☐ ☒ Marrocos
Grupo G quarta-feira, 24/11 - 7h quinta-feira, 24/11 - 18h segunda-feira, 28/11 - 7h segunda-feira, 28/11 - 13h sexta-feira, 02/12 - 16h sexta-feira, 02/12 - 16h	Suíça ☐ ☒ Camarões Brasil ☐ ☒ Sérvia Camarões ☐ ☒ Sérvia Brasil ☐ ☒ Suíça Camarões ☐ ☒ Brasil Sérvia ☐ ☒ Suíça
Grupo H quinta-feira, 24/11 - 10h quinta-feira, 24/11 - 13h segunda-feira, 28/11 - 12h segunda-feira, 28/11 - 16h sexta-feira, 02/12 - 12h sexta-feira, 02/12 - 12h	Uruguai ☐ ☒ Coreia do Sul Portugal ☐ ☒ Gana Coreia do Sul ☐ ☒ Gana Portugal ☐ ☒ Uruguai Coreia do Sul ☐ ☒ Portugal Gana ☐ ☒ Uruguai

Oitavas de final	
1 3/12, sábado, 12h x 1º do grupo A 2º do grupo B	5 5/12, segunda-feira, 12h x 1º do grupo C 2º do grupo D
2 3/12, sábado, 16h x 1º do grupo E 2º do grupo F	6 5/12, segunda-feira, 16h x 1º do grupo G 2º do grupo H
3 4/12, domingo, 16h x 1º do grupo B 2º do grupo A	7 6/12, terça-feira, 12h x 1º do grupo E 2º do grupo F
4 4/12, domingo, 12h x 1º do grupo D 2º do grupo C	8 6/12, terça-feira, 16h x 1º do grupo H 2º do grupo G

Semifinal
I 13/12, terça-feira, 16h x Vencedor jogo A Vencedor jogo B
II 14/12, quarta-feira, 16h x Vencedor jogo C Vencedor jogo D
Terceiro lugar
17/12, sábado, 12h x Vencedor jogo E Perdedor jogo F

Final
18/12, domingo, 12h x Vencedor jogo I Vencedor jogo II

Quartas de final
A 9/12, sexta-feira, 12h x Vencedor jogo 3 Vencedor jogo 6
B 9/12, sexta-feira, 16h x Vencedor jogo 1 Vencedor jogo 4
C 10/12, domingo, 12h x Vencedor jogo 7 Vencedor jogo 8
D 10/12, domingo, 16h x Vencedor jogo 5 Vencedor jogo 9



SELEÇÃO CAMPEÃ
EPC NA COPA, É VOCÊ NO CATAR

**A UNIÃO**

Apoio:



“Dilúvio” paraibano

Com base em documentos, pesquisadores da USP e da UERJ afirmam que, há 267 anos, um tsunami atingiu o município de Lucena, localizado no Litoral Norte da Paraíba, e a inundação chegou a cinco quilômetros continente adentro

Hilton Gouvêa
araujogouvea74@gmail.com

As praias localizadas no município de Lucena – principalmente no Distrito de Costinha – no Litoral Norte da Paraíba e situadas a uma distância de 50 quilômetros de João Pessoa, foram alvos de um tsunami há 267 anos, gerado pelo terremoto que atingiu Lisboa, em 1755, e que teria matado, somente em Portugal, cerca de 40 mil pessoas. Quem “afirma” isso é um recente estudo realizado em 2020 pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Segundo esse estudo, o terremoto de 1755 foi o maior já registrado na Europa, com magnitude de 8,7. Ele destruiu Lisboa, grande parte do sul da Espanha e do Marrocos, e causou um enorme tsunami que atingiu a Irlanda e o Caribe. As estimativas de vítimas variam, pela carência de registros, entre 20 mil e 30 mil mortos, enquanto as maiores falam em 100 mil. O terremoto também deu início a uma era moderna nos estudos sismológicos.

“A onda gigante que se formou com o terremoto em Lisboa atravessou o Atlântico e causou estragos na costa brasileira, principalmente em Lucena, que fica a 5.722 quilômetros de distância”, afirma o líder dos estudiosos do assunto, o professor Francisco Dourado, do Centro de Pesquisas e Estudos sobre Desastres (Cepedes), órgão de estudos sismológicos da Universidade de São Paulo (USP). Esse estudo teve a participação do professor Paulo Rosa (in memoriam), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que integrava a equipe do Núcleo de Pesquisas de Recursos do Mar (Nepremar).

“

A onda gigante que se formou com o terremoto em Lisboa atravessou o Atlântico e atingiu o Brasil

Francisco Dourado



Ilustração: Tônio

■ O tsunami chegou ao Nordeste em novembro de 1755 e na Paraíba destruiu habitações e matou duas pessoas

Maremoto foi documentado em quatro cartas

Foto: Divulgação

Resquícios

Na Praia de Pontinhas, no Distrito de Acaú, em Pitimbu, Litoral Sul da Paraíba, os pesquisadores do fenômeno teriam identificado uma camada de areia grossa que teria vestígios do ocorrido

De acordo com as informações do pesquisador Francisco Dourado, o tsunami gerado pelo terremoto de Lisboa chegou à costa do Nordeste brasileiro no início da tarde de 1º de novembro de 1755. Ele penetrou terra adentro, destruiu habitações modestas e desapareceu levando duas pessoas. “Isso é desconhecido da maioria dos brasileiros”, garante Dourado.

Existem relatos de quatro cartas da época falando sobre o maremoto no Brasil. Elas foram escritas pelo arcebispo da Bahia, pelos governadores de Pernambuco (Luís José Correia de Sá) e da Parayba (Paulo Carvalho de Mendonça) e por um militar. Todas se encontram no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa.

“As águas transcenderam os seus limites e fizeram fugir os habitantes das praias”, diz uma carta de 10 de maio de 1756, relatando o episódio acontecido em 1º de novembro do ano anterior em praias da Paraíba.

Outra carta relatada por Paulo Carvalho de Mendonça, de 4 de março de 1756, diz: “Em Lucena (PB) e Tamandaré (PE), a enchente do terremoto entrou pela terra adentro coisa de uma légua (quase cinco quilômetros) e levou algumas casas de palhoça, além de um rapaz e uma mulher”. Na Praia de Pontinhas, no Distrito de

Acaú, em Pitimbu, Litoral Sul da Paraíba, os pesquisadores do fenômeno teriam identificado uma camada de areia grossa que teria vestígios do ocorrido.

Segundo o estudo da UERJ, na região da Praia de Lucena, as ondas variaram entre 1,8 e 1,7 metros de altura. Na região pernambucana de Tamandaré, as ondas atingiram de 1,9 a 1,8 metros, com grande volume de água. As ondas inundaram até cinco quilômetros terra adentro, principalmente em locais banhados por rios e nas proximidades da Ilha de Itamaracá (PE).



Francisco Dourado, da Universidade de São Paulo, liderou as pesquisas

Inácio Bento da Silva

Habilidade comunicativa que ia além do ofício de jornalista



Ilustração: Tônio

Inácio Bento da Silva foi uma personalidade importante para a imprensa e o cenário político do Sertão paraibano, com destaque para a cidade de Patos

Ítalo Arruda
Especial para A União

Conhecido, principalmente, pela habilidade comunicativa – que, segundo relatos de pessoas mais próximas, extrapolava o ofício de jornalista –, Inácio Bento da Silva foi uma personalidade importante para a imprensa e o cenário político do Sertão paraibano, com destaque para a cidade de Patos, onde viveu a maior parte da sua vida.

Natural do município de Passagem, localizado na região polarizada por Patos, apontada como a “Rainha do Sertão”, Inácio Bento consolidou sua carreira profissional como jornalista no início da segunda metade da década de 1970, quando foi nomeado gerente da sucursal do Jornal **A União**, em Patos, cuja função foi exercida no período de 1976 até o final dos anos de 1980.

Além de ter trabalhado como repórter por longos anos, o jornalista assumiu cargos de destaque em várias instituições, sendo um deles o de assessor de imprensa da Câmara Municipal de Patos (CMP). Descrito pelo historiador e jornalista Damião Lucena – os dois trabalharam juntos na sucursal de **A União**, tendo sido Damião seu sucessor na gerência do centenário –, como “uma figura polêmica e folclórica”, Inácio Bento produziu memórias inapagáveis na vida daqueles que com ele conviveram.

A relação que construiu com os parlamentares, inclusive, é uma das lembranças que Damião destaca na biografia do jornalista, publicada na primeira edição da revista Patos em Revista. De acordo com Damião, “Inácio Bento sempre teve uma boa relação com a classe política” e, certamente, isso lhe trouxe certos prestígios, como, por exem-

plo, os votos de aplausos daquela casa legislativa, em 24 de novembro de 1980, requeridos pelo então vereador Vigolvinho Lopes dos Santos, que, conforme publicado à época pelo Jornal **A União**, enxergava em Inácio Bento um profissional que “sempre trabalhou em prol das divulgações dos trabalhos realizados na Câmara Municipal”.

Além disso, os vereadores da Casa Juvenal Lúcio de Sousa também lhe concederam, em dezembro de 2008 (meses antes da sua morte, provocada por um câncer contra o qual lutara por, pelo menos, cinco anos), o Título de Cidadão Patoense, propositura do amigo e vereador Inácio do Gelo. Naquela ocasião, segundo relato de Damião Lucena, Inácio Bento já se encontrava com a doença bastante avançada e, mesmo assim, em seu discurso durante a solenidade de entrega da honraria, adotou um tom otimista, “mantendo a característica que marcou sua trajetória em Patos”.

Damião destaca que Inácio não hesitou em expressar sua “ânsia de querer viver”. Apesar dos medos e incertezas quanto à própria vida, ressaltou em sua fala na tribuna que “é sabedoria se desprender das ilusões” e que “o orgulho é o mal que nos consome”. Para o historiador, o discurso foi coerente e realista com a história de êxito e superação do jornalista que, até o último suspiro, “não entregou os pontos”. “Demonstrando coragem e determinação, ele não se curvou ao mal e seus efeitos, tendo trabalhado até dois dias antes de sua morte, na condição de subsecretário da Administração do município de Patos”, diz trecho da biografia de Inácio Bento da Silva, escrita pelo “amigo pessoal e de profissão”, Damiano Lucena.



Foto: Arquivo de Família

Em 1976, o jornalista Inácio Bento foi nomeado para ser o gerente da sucursal do jornal A União na cidade de Patos, função exercida por ele até o final dos anos de 1980; na foto, ele está à direita, com o seu irmão Antônio Bento, que o sucedeu no cargo

Secretário municipal em Patos e assessor parlamentar em Brasília

Além de assumir, pioneiramente, a gerência da sucursal de **A União** e, posteriormente, a Secretaria Adjunta da Administração de Patos, no governo do então prefeito Nabor Wanderley, Inácio Bento também se destacou como secretário parlamentar do gabinete do então deputado federal Gilvan Freire, no Congresso Nacional, em Brasília. Quando se mudou para a capital federal, transferiu tempo-

rariamente para o irmão Antônio Bento, que também é jornalista, a missão de gerenciar o tradicional jornal na cidade de Patos.

Segundo Antônio, Inácio Bento também foi protagonista como representante da classe de jornalistas da região, tendo ficado à frente da direção de base de assuntos do interior da Associação Paraibana de Imprensa (API) em Patos por dois mandatos, nos anos

de 2000, além de fundar a Associação de Imprensa do Sertão da Paraíba (Aisp) e realizar trabalhos em algumas rádios na circunvizinhança de Patos.

Em seu currículo também constam passagens pelo extinto jornal O Momento e pela assessoria de comunicação da Prefeitura de Nova Olinda, no Vale do Piancó. Para Antônio Bento, “Inácio foi um irmão que sempre

esteve ao lado da família, ajudando aos irmãos e a todos que faziam parte do seu convívio”.

Inácio Bento da Silva foi casado com a professora Maria Hilda Peixoto, com quem teve dois filhos. O jornalista morreu no dia 5 de fevereiro de 2008, no Hospital Napoleão Laureano, em João Pessoa, onde lutou contra um câncer.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Jornalismo, ética e a Copa do Mundo no Qatar

De início, confesso logo: não estou com um pingô de motivação este ano para acompanhar os jogos da Copa do Mundo no Qatar. Dos jogadores que compõem a Seleção Brasileira, sei apenas o nome de Neymar e de Daniel Alves – e menos por futebol do que por outros temas.

Para falar a verdade, não fosse pelo objETHOS, o Observatório da Ética Jornalística (projeto do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina), eu sequer teria lembrado que a Copa começava neste 20 de novembro.

Em sua edição mais recente, a newsletter do objETHOS traz sete provocações para motivar discussões éticas em relação à cobertura jornalística em tempos de Copa do Mundo:

1. Dá pra cobrir o campeonato mundial sem ufanismo e patriotada?
2. Narradores precisam mesmo atuar como animadores de torcida?
3. Veremos mais uma vez repórteres adulando craques e fazendo vista grossa para a atuação da CBF?
4. Com tantas jornalistas incríveis, por que os meios brasileiros enviaram tão



Foto: Reprodução

poucas mulheres para o Qatar?

5. Alguma equipe de reportagem conseguirá se desvencilhar do grande esquema de relações públicas da Fifa e fazer uma cobertura independente do evento?

6. Aliás, será possível fazer jornalismo crítico num país como o Qatar, que está longe de ser democrático e cum-

pridor dos direitos humanos?

7. A cobertura da Copa vai eclipsar as últimas semanas do governo Bolsonaro?

Enquanto lia as questões levantadas pelo objETHOS, outras vieram à minha mente: a camisa da Seleção Brasileira usurpada pela direita extremista; o sentimento de quem quer torcer pelos joga-

dores brasileiros, mas ainda sente desconforto ao se vestir de verde-amarelo; a falta de conexão dos torcedores com os craques da seleção – que se exibem em jatinhos, roupas de grife e festas badaladas, enquanto milhões de brasileiros passam fome; a saudade que dá de termos craques da bola com consciência social e política, como o saudoso Sócrates.

Penso nos nossos dramas como nação, mas também revisito a escolha do Qatar em dezembro de 2010 como país-sede para a Copa do Mundo 2022. Na época, a Fifa optou, de forma surpreendente, pelo estado catariense em detrimento das propostas dos Estados Unidos, Japão, Coreia do Sul e Austrália.

Como torcer, por qualquer seleção que seja, e ignorar as constantes violações de direitos humanos naquele país, envolvendo trabalhadores imigrantes, mulheres e população LGBT+? Como se deixar cegar pela bola correndo no gramado e não refletir sobre os inúmeros episódios de cerceamento à liberdade de imprensa e de expressão no Qatar? Como? Como reportar sem se indignar? Como?

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Carlos Galhardo – O Cantor que dispensa adjetivos – Conclusão

Na Columbia, Galhardo gravou onze discos rpm. Em 1936, houve uma espécie de guinada em seu repertório, relegando a um segundo plano os frevos, marchas carnavalescas, sambas, músicas juninas e natalinas e enveredando de vez pelo mundo da seresta e da valsa, estilo que o consagrou definitivamente como um cantor romântico. Somente após o retorno de Chico Alves à Odeon, ele voltou à RCA, onde permaneceu pelos 35 anos do final de sua carreira artística. Cabe a pergunta: teria havido entre os dois a tal preservação do ego?... O fato é que, depois de Chico Alves, foi Carlos Galhardo quem mais gravou... Senão, vejamos: o primeiro registrou 688 discos de 78 rpm (1.376 fonogramas), em 35 anos de carreira; o segundo, entre 1933 e 1963, gravou 303 rpm (606 fonogramas).

Da imensa discografia dele, seguem alguns destaques: ‘Sei que é covardia’ (Ataulfo), ‘Cadê Zazá’ (Roberto Martins/ Ary Monteiro), ‘Alá-lá-ô’ (Nássara/Haroldo Lobo), ‘Maringá’ (Joubert de Carvalho), a já citada ‘Boas Festas’ (Assis Valente); Eu pensei que todo mundo/ fosse filho de Papai Noel/ Bem assim felicidade/ eu pensei que fosse/ uma brincadeira de papel/... Ingressando no universo da valsa, em que se

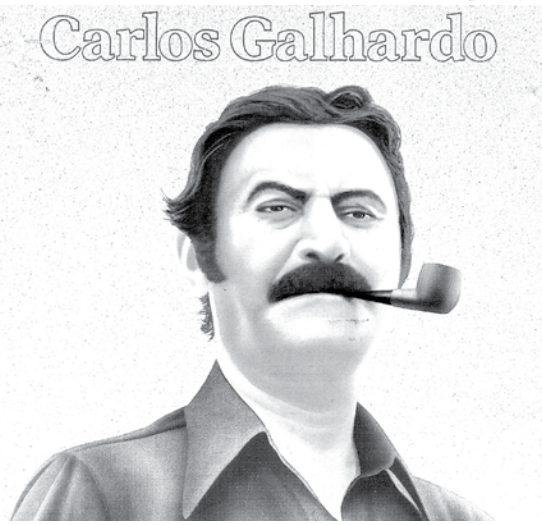


Foto: Reprodução

consagrou: ‘Rosa de maio’ (Custódio Mesquita/Evaldo Rui), ‘Bodas de Prata’ (Roberto Martins/Mário Rossi); Beijando teus lindos cabelos/ que a neve do tempo mudou/... ‘Mãezinha querida’ (Geraldo Macedo/Lourival Faissal), ‘Fascinação’ (melodia, de 1905, do italiano Fermo Danti Marchetti, com letra vernácula, em 1943, de Armando Louzada). Ainda, outros destaques: ‘Cortina de veludo’ (Paulo Barbosa/Oswaldo Santiago), ‘Velho realejo’ (Custódio Mesquita/Sady Cabral), ‘Eu sonhei

que tu estavas tão linda’ (Lamartine Babo/ Francisco Mattoso), ‘Salão Grenat’ (Paulo Barbosa/Mário Lago). E o destino desfez! (Mário Rossi/Gastão Lamounier), ‘Linda borboleta’ (Alberto Ribeiro).

Além do estilo interpretativo e da cuidadosa seleção de repertório, havia outras similaridades entre Chico Alves e Carlos Galhardo: ambos eram aficionados por turfe e, no futebol, torciam fervorosamente pelo América carioca.

Nos anos de 1960 e 1970, o campo profissional para o rádio sofreu um declive, debitado ao advento da televisão, à extinção parcial de algumas boates, e à censura imposta aos meios de comunicação pelo regime militar. Obviamente, a chegada da onda chamada rock’n’roll, e dos movimentos musicais da Jovem Guarda e da Bossa-Nova ofuscaram, em parte, o brilho dos que faziam a “Era de Ouro do Rádio”.

Ainda bem que, em 1966, foi promulgada a Lei 4.944 (regulamentada pelo Decreto 61.123, de 1967) que garantiu aos intérpretes percentuais sobre a execução de suas gravações.

Eu conheci Carlos Galhardo nos idos de 1968, quando ele se hospedou na residência pessoense dos meus então pa-

trôes (Edson Benevides e Altair Carneiro Benevides) de quem o cantor era amigo, e eram proprietários da antiga Livraria Médico-Científica. Embora adolescente, na época, achei-o muito elegante, discreto, gentil, educado e cordial, ouvindo as impressões elementares de um futuro maníaco por música.

Um grande amigo meu (in memoriam), Jairo Aguiar, pessoense do Bairro de Jaguaribe, que fez relativo sucesso em sua carreira, confessou-me haver se iniciado na música buscando imitar Carlos Galhardo, tendo incorporado ao seu repertório, inclusive gravando, alguns sucessos dele, como ‘Fascinação’ e ‘Linda borboleta’.

À semelhança do amigo dele, Sílvio Caldas, Carlos Galhardo, sempre que a agenda lhe permitia, recolhia-se a seu sítio, onde desfrutava do convívio com sua esposa, Eulália, com quem havia casado tardiamente, aos 42 anos, e aos três filhos: Carla Maria, Sandra Maria e Eduardo César.

Carlos Galhardo nos deixou aos 72 anos, em 1985, deixando marcada na música popular brasileira uma seleção de músicas que permanecem no nosso imaginário auditivo.



Prato do dia

Filé à redução de vinho tinto

Modo de preparo:

Para a carne:

Limpe a peça de carne de filé mignon bovino e corte do centro para as pontas para obter o melhor formato de medalhão, com pedaços de aproximadamente quatro dedos de altura. Tempere cada lado dos medalhões com sal e pimenta-do-reino a gosto. Aqueça uma panela de fundo grosso de preferência, adicione um cubo de 50g de manteiga, dois dentes de alho apenas amassado e dois galhos de alecrim fresco. Coloque os medalhões de três em três. Deixe grelhar por exatos quatro minutos de cada lado ou ao seu ponto específico. Após isso, reserve em um recipiente que possa ir ao forno. Quando estiver com os seis no recipiente, leve ao forno pré-aquecido a 180° C por quatro minutos.

Para o molho:

Na mesma panela que você grelhou os medalhões, substitua o alho e o alecrim já utilizados pela mesma quantidade usada para grelhar. Adicione o vinho tinto e deixe ferver até reduzir e pegar uma consistência de calda. Para ajudar, você pode utilizar uma colher (chá) de amido de milho dissolvido em água morna (mas adicione apenas após perder o gosto de álcool). Acrescente uma colher (chá) de açúcar, uma pitada de sal e observe a acidez ideal do molho. Após a consistência ideal, apague o fogo, monte seu prato de forma bem apresentável e aproveite a explosão de sabor!

Sirva em seguida acompanhado com um Arroz Piemontese com grãos de mostarda e toque de mix de pimenta do reino colorida, assim como a fotografia.



Foto: Divulgação

Ingredientes:

- 1 peça de mignon de aproximadamente 1 kg
- 200 g de manteiga sem sal em cubos de 50 g
- 4 dentes de alho
- Sal e pimenta-do-reino a gosto
- 3 galhos de alecrim
- 1 colher de sopa de açúcar
- 500 ml de vinho tinto seco
- 1 colher de sopa de amido de milho

Tempero a gosto

O Arroz à Piemontese é um prato típico da culinária brasileira. Ele tem nada com a culinária do Piemonte, na Itália. Existe feito de várias maneiras, mas sua base básica é de arroz, creme de leite, champignon, parmesão e um leve toque de vinho branco. Com a dificuldade de en-

contrar e o valor de compra nos anos de 1990 do arroz arbório para executar o risoto, os chefs brasileiros buscaram alternativas com o creme de leite, fazendo assim um arroz “à moda piemontesa”: era apenas o velho truque da cozinha brasileira. A respeito de sua origem, é um

acompanhamento geralmente servido em restaurantes de cozinha italiana ou a famosa mística cozinha internacional, acompanhando geralmente um típico filé (preferencialmente filé mignon com molho madeira), juntamente com purê de batata ou batata salta.



Foto: Divulgação

Barra de Camaratuba é uma praia no nosso litoral norte de uma beleza bem especial, de um encontro do rio com o mar. Além de ter uma gastronomia variada e com um preço bem em conta na realidade – popularmente falando, em barracas a beira-mar e a beira do rio, vale muito a pena visitar o local. E se você pretende conhecer o local vou te dar uma dica: procurem

@barradecamaratuba; além de passeio, com toda certeza eles terão um excelente lugar para vocês se hospedarem. Contato: (83) 99691-0429. Visita ao meu amigo e chef Vinícius Botto em seu restaurante Marr Restaurante, no Bairro do Seixas, com uma excelente cozinha feita com muito amor. Parabéns, meu amigo! Tamo junto!

Walter Ulysses

Coração e alma da cozinha

Em meio a tantos afazeres de rotina de uma cozinha profissional no seu dia a dia, existem pessoas que estão lá no fundão dando seu coração e sua alma pelos clientes que esperam um prato limpo, um copo, um talher e inúmeros utensílios que passam pelas mãos dos cozinheiros e chefs de um restaurante.

Em minhas consultorias sempre me reúno com o grupo antes de qualquer trabalho a ser feito para conhecer cada um dos integrantes e parabenizar aqueles que, muitas vezes, são esquecidos na lavagem da louça.

Quando falo esquecido, é com plena convicção que apenas a menos de 10% deles são feitas propostas para mudar de função no ambiente de trabalho, enquanto que fora do Brasil esses profissionais são cada vez mais aproveitados a integrar a família da cozinha, pois muitos têm a vontade e esperam por uma chance de ser chamado.

Eu posso falar isso, pois eu sou cria de um tanque de lavagem de louça fora do Brasil, e hoje sei o quanto é importante cada pessoa em um estabelecimento da área de gastronomia. Muitos deles nunca receberam uma proposta ou uma oferta de um posto melhor.

Por mais que aqui tenha sido chef de cozinha de um restaurante renomado na capital, e com formação em gastronomia, o canudo não terá valor algum se você não superar as dificuldades e ser humilde perante seus companheiros maiores. Hoje, mais que nunca, foi o maior aprendizado que passei na minha vida, foi lavando a louça em um restaurante de estrela Michelin para um dia poder ter a oportunidade de ser chamado a assumir um local à beira do fogão e mostrar o que qualquer pessoa que tem sua profissão de cozinheiro sabe fazer.

Muito se fala da cozinha moderna, mas o básico da cozinha não muda, pois sempre será uma produção em equipe que uma pessoa vai sempre depender da outra; e esse trabalho é fundamental para se manter o equilíbrio e o conforto em um ambiente de trabalho, que muitas vezes passa fácil dos quarenta graus.

Para ser um chef de cozinha é preciso conhecer o coração dela, além de dar oportunidades para novos aprendizes, saber que seus segredos de cozinha nunca serão guardados, pois temos que passar o ensinamento para todos, e principalmente saber quem são as pessoas e conhecê-las realmente – cada uma delas –, e sempre que puder dar uma oportunidade e descobrir o talento daquele que queira mostrar o que quer fazer e tem um sonho a realizar. Por trás de um tanque de lavar pratos pode estar um chef de cozinha que nunca deram oportunidade a ele.

Ser chef é fácil, quero ver você fazer tudo sozinho!



Foto: Reprodução

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tevê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

Significado das coisas

Linguistas preconizam que palavras não são apenas arbitrárias, mas importantes sinais idiossincráticos

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Idiossincrasia é uma característica comportamental ou estrutural própria de um indivíduo ou grupo. O termo também pode ser aplicado para símbolos, e os idiossincrásicos podem significar alguma coisa para uma pessoa em particular, como uma lâmina representar guerra para alguém, mas para outro ela poderia simbolizar o sacramento de um cavaleiro, conforme exemplifica a Wikipédia.

Pelo mesmo princípio, linguistas preconizam que palavras não são apenas arbitrárias, mas importantes sinais idiossincráticos. Na Medicina, a idiossincrasia está associada ao temperamento particular de cada indivíduo. Na Economia, tem a ver com os graus de risco nos investimentos.

No século 19, era o modo como os médicos definiam as doenças. Eles consideravam cada doença como uma condição única, relacionada com cada paciente. Essa ideia começou a mudar a partir de meados de 1870, com as descobertas feitas por pesquisadores europeus que permitiram o avanço da “medicina científica”, um precursor para a Medicina baseada em evidências, que é o padrão praticado atualmente.

O médico João Modesto Filho, presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado da Paraíba (CRM-PB), afirma que a idiossincrasia faz parte da história médica.

O termo, conforme explica, surgiu do grego *idios- gkrasia*, que significa “temperamento particular”, ou seja, uma característica de comportamento peculiar de um indivíduo.

“Naquela época, os médicos classificavam as doenças como próprias de cada paciente e não se baseando em evidências de cunho biológico e científico. Pode-se definir a idiossincrasia como a tendência própria do organismo que causa na pessoa uma reação particular, quando essa está exposta à ação de agentes externos”, comenta.

Em relação a essa forma de definir as doenças no século 19, João Modesto Filho observa que cada fato histórico deve ser avaliado pelo período específico, dentro do seu contexto, costumes e conhecimento da época. Ele acredita ainda que não é possível e nem seria justo um julgamento atual sobre condutas de mais de um século e meio atrás.

“A missão maior do médico é confortar, cuidar, acolher, como diria Hipócrates. Assim como até hoje algumas enfermidades só necessitam de um olhar atento do médico, uma capacidade de escutar e dar orientações básicas. Outras, porém, com o conhecimento atual, necessitam de intervenções com alta tecnologia de medicamentos e materiais para dar suporte ao restabelecimento da saúde do indivíduo. Portanto, poderia sim ter efeitos positivos para alguns indivíduos, mas não para a maioria”, analisa.

A idiossincrasia na Medicina até poderia, então, ser uma forma arriscada de atuação dos médicos. Porém, como avalia o médico, era o modo que existia. “Era a ‘ciência’ da época. Apesar de poder ajudar em alguns casos, era tão necessário mudar o método que houve evolução para a medicina científica”, constata.

A partir de 1870, a medicina científica começa a ganhar corpo e substituir, aos poucos, o modelo anterior. “Em 1870, Louis Pasteur publica estudos sobre o bicho-da-seda e dá um passo importante para mais descobertas no campo da microbiologia”, afirma João Modesto Filho.

De acordo com ele, houve crescente necessidade de observação com rigor metodológico e também surgiram mais publicações de grande cientista com aplicabilidade para a humanidade e resultados mais positivos e duradouros. “Se hoje falamos em medicina ou saúde baseadas em evidências, trata-se de uma evolução de análises e métodos para o bem da humanidade”, destaca.



Imagem: Pixabay



Imagem: Arquivo Pessoal

“

Pode-se definir a idiossincrasia como a tendência própria do organismo que causa na pessoa uma reação particular, quando essa está exposta à ação de agentes externos (...) Se hoje falamos em medicina ou saúde baseadas em evidências, trata-se de uma evolução de análises e métodos para o bem da humanidade

João Modesto Filho

REGRAS DE MERCADO

Teorias, modelos e parâmetros

Idiossincrasia na Economia está ligada aos graus de risco associados a investimentos, especialmente em ações

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

A idiossincrasia na Economia está ligada às questões relacionadas aos graus de risco associados a investimentos, especialmente em ações. É o que analisa o economista Rafael Bernardino. Ele diz que todo e qualquer investimento tem certo grau de risco e existem teorias ou modelos econômicos que estabelecem certos parâmetros para sua avaliação.

“Mesmo se adotando modelos para ‘medir risco’ é possível que riscos específicos e não previstos ocorram e, nesse caso, são considerados riscos específicos ou riscos idiossincráticos”, explica.

Sobre como funcionava o modelo idiossincrático na Economia, Bernardino discorre que, no dia a dia do mercado, há determinadas regras que os profissionais e as instituições financeiras precisam cumprir e, entre elas, não se incluir os possíveis riscos idiossincráticos, tendo em vista a dificuldade de sua avaliação.

“Na prática, esse tipo de risco não faz parte do

dia a dia do mercado, cujas regras básicas são de mais fácil aplicação, a exemplo da que determina que os profissionais das instituições financeiras conversem com cada investidor a respeito da sua visão ou do seu entendimento sobre risco”, observa.

Em função das respostas a determinados questionamentos, conforme continua o economista Rafael Bernardino, será possível definir o seu respectivo perfil que, normalmente, é classificado como conservador, moderado ou arrojado. “Essa classificação de perfil facilita na escolha de produtos e ativos mais indicados para atender aos objetivos de cada investidor de maneira que possibilite maior conforto para realizar os seus investimentos”, afirma.

O economista lembra ainda que questões relacionadas com esse tipo de risco, ou seja, com os riscos idiossincráticos, não fazem parte das perguntas adotadas no dia a dia do mercado financeiro para definir o perfil dos investidores. Assim, não se pode definir se o modelo é positivo ou se apresenta benefícios.



Imagem: Pixabay

Fora das avaliações e análises do cotidiano

Foto: Arquivo Pessoal

Na teoria do portfólio, riscos de mudanças de preços devido a circunstâncias especiais em casos específicos, contrários em mercados comuns, são descritos como riscos idiossincráticos. Esse risco pode ser virtualmente eliminado através da diversificação em um portfólio. É também chamado de risco não-sistemático ou específico.

A idiossincrasia existe ainda hoje na Economia,

mas o economista Rafael Bernardino reforça que esse tipo de risco não faz parte das avaliações e análises normalmente feitas no cotidiano do mercado. Ele diz que a idiossincrasia faz parte dos investimentos de uma forma geral.

“Uma forma de reduzir esse tipo de risco é através da diversificação dos produtos ou ativos que possam formar um portfólio, o qual deve atender, de uma forma geral, o perfil do investidor. Ou seja, um portfólio para o investidor conservador, outro para um moderado e outro para o investidor arrojado”, comenta.

E ele emenda: “Esse período ainda não passou, pois todo e qualquer tipo de investimento continua e continuará a apresentar os seus riscos. Esses fazem parte do funcionamento normal, principalmente nos casos de se funcionar numa economia de mercado”, completa.



“

Mesmo se adotando modelos para ‘medir risco’ é possível que riscos específicos e não previstos ocorram e, nesse caso, são considerados riscos específicos ou riscos idiossincráticos

Rafael Bernardino

Imagem: Pixabay



REAÇÃO A FATORES

Uma maneira de ver, sentir e reagir

Conceito sobre idiossincrasia se torna mais complexo à medida em que discorre sob outras perspectivas e teorias

Ítalo Arruda
Especial para A União

O dicionário Aurélio, da Língua Portuguesa, define idiossincrasia como sendo a “maneira de ver, sentir, reagir, própria de cada pessoa”. Outros glossários também compreendem o fenômeno como “uma determinada particularidade” que faz com que um indivíduo ou um grupo de pessoas reaja de maneira individual à ação de fatores que, em tese, lhes são externos. No entanto, o conceito sobre idiossincrasia se complexifica à medida em que o tema discorre sob outras perspectivas e teorias.

No contexto religioso, por exemplo, esse fenômeno pode ser compreendido como um comportamento verificado em certos grupos que não condiz com padrões tradicionais, usuais ou normativos de forma clássica entre as religiões. É o que afirma Johnni Langer, pós-doutor em História Medieval pela Universidade de São Paulo (USP), doutor e mestre em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Segundo o professor, cuja linha de pesquisa está associada, entre outras áreas, à religiosidade medieval e à história das religiões, um exemplo que ilustra a idiossincrasia religiosa é o das mulheres neopen-tecostais, que buscam na contemporaneidade espaços de protagonismo público ou se envolvem, cada vez mais, na recusa a valores patriarcalistas e tradicionais, combatendo, com essa postura, valores de gênero assimétricos.

“Outro exemplo é com o próprio grupo religioso em si, que pode apresentar modelos ou comportamentos idiossincráticos em relação aos grupos religiosos dominantes ou tradicionais”, emenda Langer, ao citar o Vale do Amanhecer como um desses grupos. De acordo com o professor, trata-se de uma comunidade enquadrada como novo movimento religioso (no campo dos estudos em Ciências das Religiões), que, por sua vez, apresenta em seus ritos características múltiplas e heterogêneas, mesclando influências das religiões andinas pré-colombianas, do catolicismo, além de religiões afro-brasileiras e várias outras manifestações religiosas.

Do mesmo modo, religiões mundiais mais recentes, como o Espiritismo Kardecista, também apresentam idiossincrasias em seu desenvolvimento pelo mundo, mais particularmente no Brasil – observa o cientista religioso. De acordo com Johnni Langer, aos poucos, o Kardecismo apresentou modificações de práticas e conhecimentos em relação à obra original de Allan Kardec, publicada originalmente na França. “Diversos centros espíritas, muitas vezes, apresentam modificações ou adaptações regionais frente a uma ortodoxia representada pela Federação Espírita Brasileira (FEB), se aproximando de valores e ideias do Movimento da Nova Era ou *New Age* – que, em alguns casos, são muito mais espiritualidades do que religiões em si – e da psicologia transpessoal”, argumenta.

Para Langer, o campo religioso brasileiro tem passado por diversas modificações, principalmente nas últimas décadas, incluindo vários aspectos idiossincráticos. “Essas modificações têm relação com a própria transformação da sociedade brasileira como um todo, com suas disputas, tensões e contradições. Não há como entender o Brasil sem entender o seu universo religioso”, avalia o especialista.



Imagem: Pixabay



Foto: Arquivo Pessoal

“**Modificações [nas religiões] têm relação com a própria transformação da sociedade brasileira como um todo, com suas disputas, tensões e contradições. Não há como entender o Brasil sem entender o seu universo religioso**

Johnni Langer

Mistura de comportamentos, hábitos e crenças

As religiões – cujas práticas se propõem, em sua grande maioria, a aperfeiçoar e melhorar o comportamento moral e social do ser humano – influenciam diretamente o modo de vida dos seus fiéis e, consequentemente, as relações estabelecidas com o mundo no qual estão inseridos. Tal trajetória, entretanto, possui algumas contradições associadas a práticas idiossincráticas, que põem em xeque o papel e função social da religiosidade.

Em outras palavras, os comportamentos idiossincráticos se misturam aos hábitos e às crenças de determinados grupos, confrontando, em alguns momentos, o “verdadeiro sentido” de uma dada doutrina e estabelecendo, portanto, um “descompasso ético” entre as correntes teóricas e a experiência religiosa. É assim que pensa Renato Nunes Bittencourt, doutor e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Segundo ele, “se a doutrina evangélica do Cristianismo fosse rigorosamente aplicada pelos fiéis cristãos que assim se autodeclaram perante o mundo, certamente haveria um melhoramento da condição humana em sua organização social”. Segundo Bittencourt, a con-

jectura do cenário religioso-cristão-político do Brasil ilustra bem essa realidade. Muitos cristãos, na visão do filósofo, seguem a doutrina de maneira peculiar, enfatizando apenas os aspectos que são mais pertinentes para seus modos de vida na sociedade.

“Cristão que defende pena de morte, cristão armamentista, cristão que mente para fins específicos, entre outras tipificações, são exemplos de distorções da prática cristã genuína, pautada pelo amor, pelo perdão, pela beatitude, pelo reconhecimento da presença divina de maneira imediata na existência cotidiana. Sendo assim, o ódio, o medo, a agressividade e a ignorância se tornam disposições que prevalecem na vida prática desse tipo de cristão distorcido, que apresenta uma imagem de virtude, mas que, na verdade, é um sepulcro caído”, avalia Renato Bittencourt, destacando que a prática de bons costumes, por sua

vez, independe da religião.

Conforme explica o doutor em Filosofia, cotidianamente é possível encontrar casos exemplares de pessoas que aplicam a ética cristã em suas ações, seja por meio do exercício da caridade, seja com a aplicação da justiça nas suas relações sociais. “Todavia, é imprescindível que os fiéis cristãos sejam ainda mais rigorosos na aplicação dos ensinamentos cristãos em suas vidas, pois, não obstante a formação cristã de nossa sociedade, ainda vigora o ódio, o egoísmo, a cobiça, a inveja, dentre outros afetos reativos que estabelecem o afastamento entre as pessoas”.

Para Bittencourt, uma leitura atenta dos evangelhos permite reconhecer, a cada momento, uma denúncia da hipocrisia moral de quem se arroga “detentor da luz divina”, mas que, na realidade, vive afastado dos valores e dos ensinamentos do líder maior do Cristianismo: Jesus Cristo.



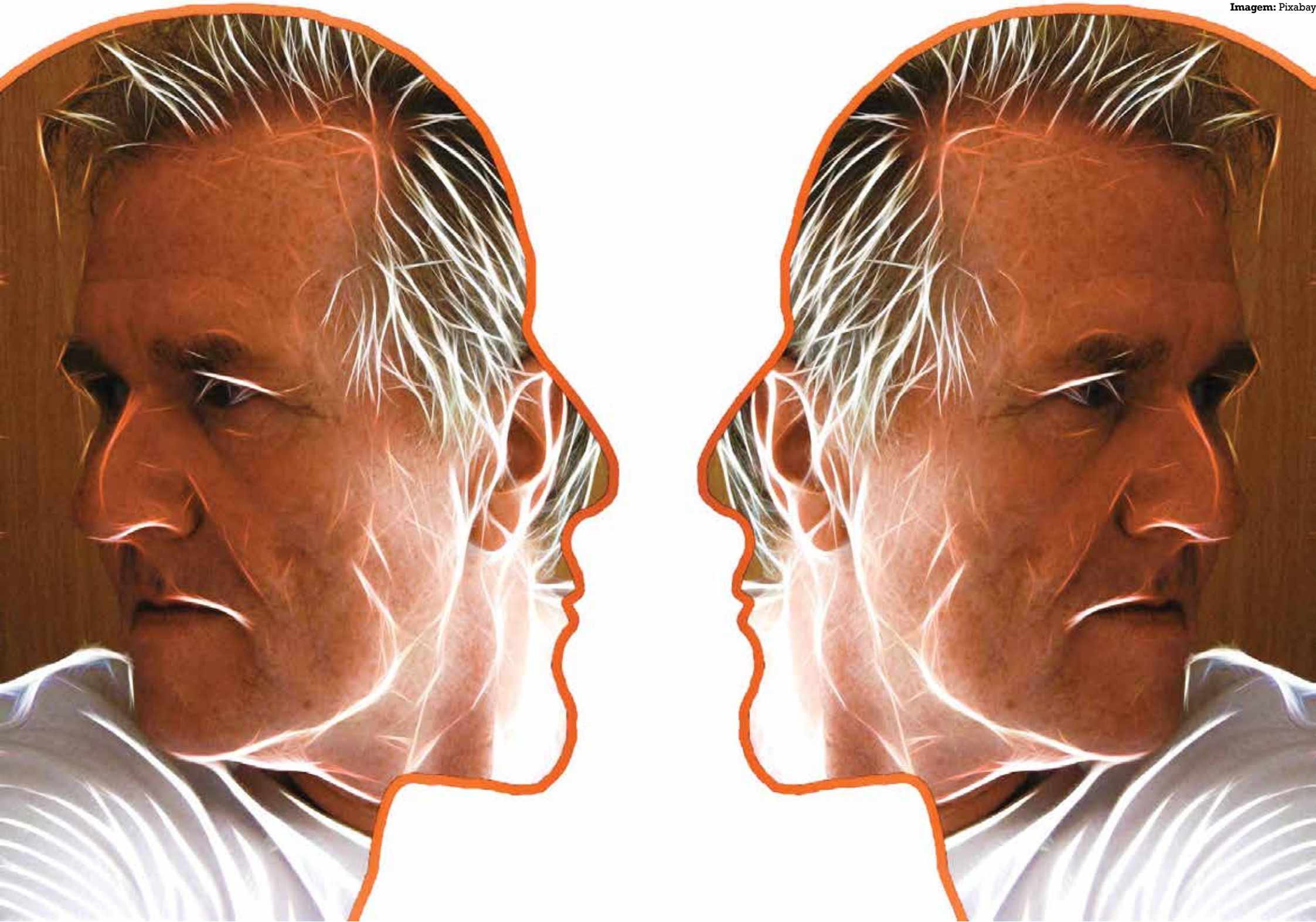
Imagem: Pixabay



Foto: Arquivo pessoal

“**Se a doutrina evangélica do Cristianismo fosse rigorosamente aplicada pelos fiéis cristãos que assim se autodeclaram perante o mundo, certamente haveria um melhoramento da condição humana em sua organização social**

Renato Nunes Bittencourt



IDIOSSINCRASIA

Sobrevalorização das individualidades

Fenômeno pode ser discutido a partir dos estudos historiográficos, considerando particularidades e complexidades

Ítalo Arruda
Especial para A União

Apesar de ser um fenômeno demasiadamente abordado no campo dos estudos voltados às ciências da saúde, como a Medicina, a Biologia e a Psicologia, por exemplo, a idiossincrasia pode e deve ser discutida a partir da perspectiva dos estudos historiográficos, considerando, sobretudo, as particularidades e complexidades do indivíduo e o processo da sua constituição ao longo da história das mais diversas sociedades.

É o que afirma Raimundo Barroso Cordeiro Júnior, doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestre em

Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Segundo ele, em determinados momentos da história, principalmente no período do século 19, o indivíduo – na condição de sujeito participante dos acontecimentos históricos – aparece como “objeto privilegiado” da historiografia e das correntes teóricas que dela derivam, originando, com isso, uma “sobrevalorização das individualidades”.

Barroso ressalta que é no ramo da história da historiografia, com ênfase na história política tradicional, que os traços idiossincráticos

de determinados personagens ganham mais força. De acordo com o professor, esse processo tem início com a escrita biográfica, cujos textos têm como principal função não só trazer à tona a trajetória de um indivíduo, mas também exaltar – como se vê nas biografias clássicas –, com discursos laudatórios, as suas qualidades, conquistas e realizações ao longo da própria história.

“Nesses casos, há sempre uma exaltação da individualidade, mas, partindo desse princípio, nem todas as pessoas são sujeitos da história, apenas algumas. Por isso, a escrita da história baseada no indivíduo é uma forma de revelar as idiossincrasias de um determinado perso-

nagem que, em sua grande maioria, tende a tornar-se um herói no contexto da história factual”, analisa Barroso, ao destacar que a história política tradicional resalta esses indivíduos como condutores da história.

Entretanto, no começo do século 20, conforme relata o especialista, houve uma mudança e a historiografia ocidental deu um passo além da historiografia tradicional – até então baseada no indivíduo, nos fatos políticos, na datação e na memorização dos fatos. Isso, de certa maneira, abriu espaço para novas abordagens e novos posicionamentos teórico-metodológicos, de tal modo que a história social do indivíduo cede lugar para as

coletividades. Dessa forma, os aspectos idiossincráticos são secundarizados por uma abordagem social da história, na medida em que a coletividade (as massas e os sujeitos coletivos) toma a dianteira dos processos históricos.

Segundo o pensamento de Raimundo Barroso, isso acontece porque todo discurso social tende a induzir certos comportamentos. Além disso, a maneira como alguns grupos são identificados, caracterizados e, muitas vezes, estereotipados, ilustram a evidênciação e sobrevalorização das idiossincrasias. “Quando você chega em outros países, como os do Ocidente, por exemplo, e diz que é brasileiro, as pessoas,

imediatamente, imaginam o Carnaval, imaginam a figura do Pelé, do futebol, e, alguns outros, pensam nos indígenas e na Amazônia. Então, o que vemos aí é a sintetização de uma realidade complexa, num discurso estereotipado de identificação do outro”, explica.

Barroso ressalta ainda que existem estudos que tratam sobre os temas relacionados à idiossincrasia no contexto da história. O professor, contudo, ressalta que são temas que têm como eixo uma base coletiva, não individual. “Eventualmente, um indivíduo pode, sim, sintetizar essa construção ideológica e simbólica de laços de identificação dentro das coletividades”, acrescenta.

Idealizações do coletivo sobre o indivíduo transformado

A identificação das massas com um sujeito transformado por elas mesmas em uma figura de liderança ou representação semelhante é um dos vários assuntos observados e abordados pela historiografia a partir do conceito de idiossincrasia. De acordo com o professor e pesquisador Raimundo Barroso, essa é uma relação extremamente importante “porque faz com que convirjam as idealizações do coletivo sobre uma individualidade que é escolhida, simbolicamente, para representar as suas demandas”.

Isto é o que se vê, claramente, no contexto sociopolítico pelo qual perpassa hoje a sociedade brasileira. O professor cita como exemplo

um estudo clássico realizado pelo historiador francês Lucien Febvre (1878 -1956), no qual foi feita uma biografia do alemão Martinho Lutero com base na sua história social. Barroso ressalta que em vez de destacar – como se faz nas biografias tradicionais – onde Lutero nasceu, as origens da sua família e outras questões afins, o autor estudou o que denominou de “curva de um destino”. Para Febvre, portanto, “Lutero era apenas um monge comum e anônimo que, certamente, poderia passar totalmente despercebido pela história, pontua Barroso.

“Mas as circunstâncias da Igreja (Católica) criaram uma oportunidade em que Lutero se tornou um líder reformis-

ta. Então, o que ele chama de ‘curva de um destino’ foi o momento em que o anônimo de Lutero se esvaiu por uma porta na qual o transformou em uma espécie de herói da Reforma Protestante. Na prática, ele é uma criação do coletivo. Ou seja, não nasceu Martinho Lutero, mas foi transformado em tal”, explica o historiador, ressaltando ainda que as características idiossincráticas de uma personalidade podem ser exaltadas ou não, bem como podem ser construídas socialmente à medida que aquele indivíduo representa os anseios e as demandas que vêm de uma base coletiva.

Em suma, um chefe de estado, um político, um líder, um intelectual são figu-

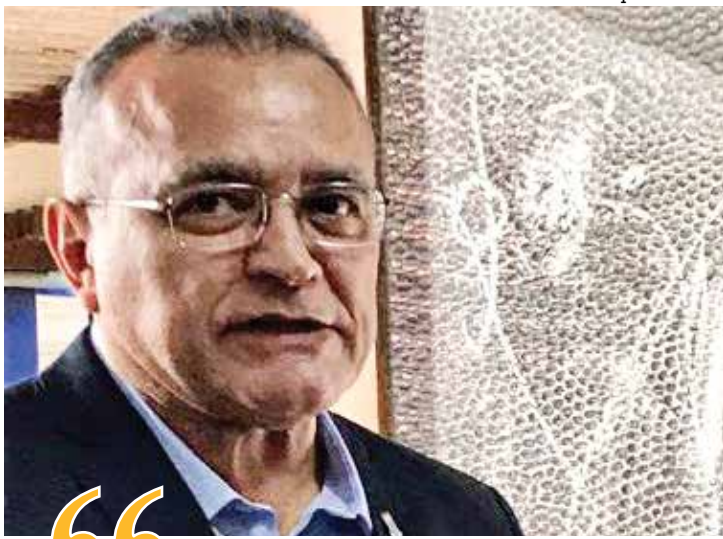


Foto: Arquivo Pessoal



A escrita da história baseada no indivíduo é uma forma de revelar as idiossincrasias de um determinado personagem que, em sua grande maioria, tende a tornar-se um herói no contexto da história factual

Raimundo Barroso Cordeiro Junior